

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

**CARTAS SOBRE O ENVELHECER**

LUCIANA DE OLIVEIRA PIRES FRANCO

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Doutora Marcia Oliveira Moraes

Niterói, dezembro de 2018

# **CARTAS SOBRE O ENVELHECER**

LUCIANA DE OLIVEIRA PIRES FRANCO

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Doutora Márcia Oliveira Moraes

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Marcia Oliveira Moraes.

Niterói, dezembro de 2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

F825c Franco, Luciana de Oliveira Pires  
Cartas sobre o envelhecer : / Luciana de Oliveira Pires  
Franco ; Marcia Moraes, orientador. Niterói, 2018.  
162 f.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2018.d.10169255735>

1. Velhice. 2. Escrita. 3. Pesquisa. 4. Cartas. 5.  
Produção intelectual. I. Moraes, Marcia, orientador. II.  
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III.  
Título.

CDD -

Biblioteca responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164

# CARTAS SOBRE O ENVELHECER

LUCIANA DE OLIVEIRA PIRES FRANCO

Tese de Doutorado em Psicologia apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, dezembro de 2018.

---

Profª Drª Marcia Oliveira Moraes (Orientadora)

---

Profª Drª Ana Cabral Rodrigues (UFF)

---

Profª Drª Ana Claudia Lima Monteiro (UFF)

---

Profª Drª Angela Maria Carneiro Silva (UERJ)

---

Drª Carolina Cardoso Manso

## RESUMO

Prezados leitores,

Esse trabalho, tecido através de correspondências, é sobre o verbo envelhecer. O interesse por esse tema de pesquisa foi despertado com minha chegada num centro de atendimento multiprofissional à pessoa idosa. Nos atendimentos em consultas de triagem, acompanhamentos individuais e oficinas terapêuticas, fui colhendo narrativas que diziam sobre a passagem do tempo. As limitações, a memória, as mudanças, o cuidado, as descobertas, a vida e a morte aparecem nas histórias trazendo versões encarnadas da experiência do envelhecimento. Cada fio puxado na escuta desse campo se tornou tema para orientar as conversas trocadas nas cartas. Estas foram o recurso escolhido para evidenciar um modo de fazer ciência construído com o outro, aproximando as histórias do conhecimento produzido e lembrando a importância de localizá-lo, dizer de suas condições de surgimento e a que ética está entrelaçado. E, nesses fundamentos, mapear questões relevantes ao envelhecer, acolhendo o que mais pôde ser despertado por elas. São quatorze questões, direcionadas a quatorze destinatárias, que aceitaram o convite e o desafio de uma escrita com. Espero que façam brotar também outras escritas e conversas, e se for desejo compartilhá-las, sigo aqui escutando narrativas.

**Palavras-chave:** velhice, envelhecimento, narrativas, cartas, método.

## ABSTRACT

Dear readers,

This work, woven through correspondences, is about the verb to grow old. My interest in this research topic was aroused by my arrival at a multiprofessional care center for the elderly. Attending screening events, individual accompaniments and therapeutic workshops, I collected narratives about the passage of time. Limitations, memory, changes, care, discoveries, life and death appear in stories bringing incarnated versions of the aging experience. Each strand drawn in this listening field became a theme guiding the conversations exchanged in the letters. These were features chosen to show a way of doing science constructed with each other, bringing together the stories of the knowledge produced and remembering the importance of locating it, to say of its conditions of emergence and to which ethics it is intertwined. And, on these grounds, mapping issues relevant to aging, welcoming what else might have been aroused by them. There are twelve questions, addressed to twelve recipients, who accepted the invitation and the challenge of writing with. I hope they will also shed other writings and conversations, and if you wish to share them, I am still listening to narratives.

**Key words:** old age, aging, narratives, letters, method.

## **AGRADECIMENTOS**

Há dois espaços que dedico especial atenção nas produções acadêmicas e literárias: os agradecimentos e as dedicatórias. É para onde corro curiosa antes de desbravar quaisquer outras páginas. Talvez sejam as duas frestas onde aqueles/as que se dispõem à escrita mais aparecem. Mesmo que sejam por frases miúdas ou que jamais venhamos a conhecer o rosto daqueles nomes, mesmo que o texto faça todo tipo de distância com as palavras para que os/as autores/as fiquem escondidos, naquelas frestas eles/as dizem que não estão sozinhos/as. Eu queria fazer caber aqui todos/as que estão comigo. Nome por nome, a cada um, dedicar minha gratidão. Eu, que tanto pude partilhar e 'aparecer' nas escritas adiante, me desculpo por justo agora fazer o movimento inverso, de resguardar esses personagens nos grupos a que estão referenciados porque minha lista é infinita. À minha família, aos círculos de amigos, aos amores, às rodas de estudo, às parcerias de trabalho, aos/às pacientes, às queridas que compõe essa banca e às que se dispuseram a estar comigo na construção de uma tese através de cartas, topando os riscos e alegrias dessa troca, a todas/os essas/esses meus mais sinceros agradecimentos. Posso dizer que nessa vida eu dei uma sorte danada de encontrar gentes tão bacanas no caminho, a me acolher, formar, transformar e me permitir conviver, ouvir e aprender tanto.

## SUMÁRIO

<b>Um adendo: agradecimento à Professora Orientadora Marcia Moraes</b> .....	9
<b>Sobre as chegadas</b> .....	10
<b>Cartas 1- Sobre a velhice</b> .....	13
<i>Cartas trocadas com Angela Carneiro</i> .....	13
<b>Cartas 2- Sobre a geriatria</b> .....	31
<i>Cartas trocadas com Talita Reis</i> .....	31
<b>Cartas 3- Sobre o cuidado</b> .....	42
<i>Cartas trocadas com Ana Claudia Monteiro</i> .....	42
<b>Cartas 4- Sobre a memória</b> .....	50
<i>Cartas trocadas com Camila Meireles</i> .....	50
<b>Cartas 5- Sobre o terapêutico das oficinas</b> .....	63
<i>Cartas trocadas com Cristiane Knijnik</i> .....	63
<b>Cartas 6- Sobre o feminino</b> .....	78
<i>Cartas trocadas com Isabella Trindade</i> .....	78
<b>Cartas 7- Sobre compor com</b> .....	95
<i>Cartas trocadas com Marcia Moraes</i> .....	95
<b>Cartas 8- Sobre as brechas</b> .....	109
<i>Cartas trocadas com Josselem Conti</i> .....	109
<b>Cartas 9- Sobre a morte</b> .....	119
<i>Cartas trocadas com uma Amiga</i> .....	119
<b>Cartas 10- Sobre as histórias</b> .....	131
<i>Cartas trocadas com Carolina Manso</i> .....	131
<b>Cartas 11- Sobre as travessias</b> .....	151
<i>Cartas trocadas com Fatima Queiroz</i> .....	151
<b>Cartas 12- Sobre o tempo</b> .....	163
<i>Carta trocada com o grupo de Orientação Coletiva</i> .....	163



## **Um adendo: agradecimento à Professora Orientadora Marcia Moraes**

*Estamos aqui, mais uma vez. E de novo, minhas escritas-experimentações endereçadas a você, que as recebe sempre de maneira generosa. É comum deixarmos os agradecimentos para o fim da carta, do espetáculo, nos créditos que sobem quando o filme termina. Mas também porque você autoriza, inverte as ordens - todas elas - que determinam como se deve fazer. E já por aqui declaro minha gratidão pela parceria que construímos ao longo desses tantos anos e pelos espaços para receber minhas escritas, trazendo colocações que só as fizeram melhores. Se contarmos o tempo nos dedos, quase já não cabe mais, não é? E de todo ele, no grupo de pesquisa e no mestrado, lembro do exercício cotidiano dos diários de campo. A escrita não era mero registro, mas fazia existir mundos. Nas discussões, leituras, trocas, partilhas, nós a reinventávamos.*

*Retomo esta carta num intervalo entre o café da manhã e a hora de sair. Os dias têm sido espremidos entre uma coisa e outra. A carta soa exatamente assim, como um intervalo. Fiquei lembrando de quando trabalhei na escola, que era entre a saída de um professor e a chegada de outro que apareciam as melhores conversas. Quase todo mundo deixava seu lugar para contar pro melhor amigo ou nos grupinhos em roda as histórias censuradas durante a aula. Era um tempo despreocupado. Pois bem, estamos aqui, num desses intervalos, nos restos que nos interessam, 'no que acontece fortuitamente antes ou depois de ação', como lembrou João Moreira Salles naquele filme que a gente tanto gosta. Entre o cansaço e a correria, um intervalo para o corriqueiro.*

*Preciso desses intervalos para não endurecer. Sinto que sem essas miudezas a vida vai ficando fraca, mais corrida e mais cansada, e eu vou me esquecendo de perceber. Tem gente que já nasce com uma sensibilidade das coisas ou que em algum momento a encontra, coloca na mochila das ideias sem nunca mais tirar de lá. Eu não. Para perceber, preciso de exercícios. Por isso as leituras, a literatura, a fotografia, o cinema, as conversas, as boas companhias, as janelas dos ônibus. E a escrita. Meus despertares para o sensível da vida. Sem eles, endureço. Então me lanço nesse novo exercício de trazer as narrativas que andam escrevendo meus dias, para que eu esteja mais sensível a elas e para que elas também possam se reinventar. Obrigada por ter aceitado o convite para mais essa parceria, para estar junto nesses novos percursos, para mim uma alegria das maiores. Beijinhos, Lu*

## **Sobre as chegadas**

*Quando pensei inicialmente nesse projeto, tratei logo de dispensar. A ideia de levar a frente um Doutorado me assustava mais que trazia gosto, e uma escrita, antes de mais nada, precisa disso, de dar gosto de ser escrita. Passei uns meses fazendo furos com agulha nos balões de pensamento que eu mesma assoprei gigante, e que gigante me faziam desaparecer diante do Doutorado. O ar que de lá foi escapando me trouxe respiros: pensei no porque dessa escolha, nos meus porquês. Encontrei-os na narrativa e nos efeitos dela: falar das histórias me melhora para o trabalho, me faz mais atenta às sutilezas interessantes, menos desligada pelos automatismos. Mas se for deixar essa escrita às horas vagas ou às inspirações urgentes, vejo que se perdem entre tarefas dia-a-dia. A experiência no mestrado me fez dar conta que o enlace com um compromisso faz também a dedicação ao registro dos acontecidos. A gente passa a escrever para alguém.*

*Eu nunca fui uma boa contadora de histórias. Tenho amigos que tiram os causos mais incríveis do pão e do sol nosso de cada dia e deles sou a maior admiradora. Mas já me conformei com esse meu desacerto do contar, sou mais do ouvir. Isso posso afirmar sem modéstia: cá lhes apresento uma boa escutadora de histórias. A escrita, que permite o tempo dos retoques e reflexões (um tempo mais devagar, como o meu), me pareceu uma boa aliada se fosse mesmo insistir nesse caminho das narrativas. Afinal, estamos juntas há tanto tempo, deixando segredos nos cadernos, concorrendo a valiosos troféis de plástico nos festivais de poesia do colégio, melhorando as despedidas com bilhetes de boa viagem, mandando notícias nas cartas para família, entendendo o esforço da escrita nas teclas pesadas da antiga Remington de meu pai.*

*As cartas foram mensageiras importantes na minha história. Isso de contar novidades ou afetos para os daqui ou os que estavam lá longe nos aproximava. E quando ficaram esquecidas, imersas sob os tantos recursos que hoje nos acompanham, as reencontrei nos livros, nos ensaios sobre a clínica ou na literatura da vida. Há muito me interessei pelas obras que se compõem de cartas trocadas ou que são escritas dessa maneira, porque gosto do jeito como a palavra se apresenta ali. Ela se ocupa de contar pequenos feitos, cotidianos, e nos faz olhar com mais graça e importância pelo que se passa no todos os dias. As cartas cuidam das revoluções diárias e miúdas que acontecem no modesto das poucas testemunhas, mas que operando pequenos desvios fazem valiosas transformações. Também é*

*assim que devolvem o corpo de carne e osso ao escritor (que em tantos outros gêneros textuais, principalmente no que predomina nos meios acadêmicos, parece etéreo), porque ali cabem as experiências, os desassossegos, as alegrias, e ele pode contar-se (como de fato é) atravessado pelas coisas do mundo. A singularidade dos encontros, a narrativa endereçada a alguém, uma fala que é despertada pela experiência e construída enquanto conversa – atributos que me interessam enquanto ferramentas de escrita.*

*E por esses percursos e interesses é que decidi fazer uso do modo carta para ajudar na construção dessa tese, despertada pelas histórias do envelhecer. No mesmo ano em que fui aprovada para cursar essa pós-graduação, comecei a trabalhar num setor de atendimento à chamada terceira idade, um dispositivo dedicado integralmente ao cuidado de pessoas com mais de 60 anos. O marco cronológico delimitava uma especificidade desse público, mas poderíamos sinalizar ainda outras questões comuns. Habitar um corpo que ditava outro ritmo, uma preocupação mais atenta com os esquecimentos, o estar mais próximo do fim da vida que de seu início. Mas nenhuma delas poderia servir para a definição última do que seria estar velho. Nos espaços de escuta e partilha que eram oferecidos, narrativas sobre o tempo, a vida e a morte teciam-se e reteciam-se, mostrando que a experiência de avançar pelos anos era tão singular quanto cada corpo ali presente. O Centro de Atendimento à Terceira Idade (CATI), que funcionava na Policlínica Naval Nossa Senhora da Glória, oferecia consultas médicas individuais e atendimentos multiprofissionais em grupo através de oficinas terapêuticas. As consultas de retorno à geriatria se davam a cada três meses e os encontros nas oficinas eram semanais. Havia diversos grupos, cada qual com uma proposta de atendimento e público, do exercício da cognição e da sensibilidade ao fortalecimento do corpo. Foi nesses encontros que me aproximei do universo da velhice, e foi assim que o projeto de escrita se aproximou desse campo.*

*As cartas, que já estavam lá desde o início, foram tomando cada vez mais espaço no texto, até que ele fosse todo feito por correspondências. Fui reunindo as questões em temas colhidos no campo, e embora estejam apresentados aqui dessa maneira, separados por tópicos, verão que se atravessam a todo tempo. Fazem uma indicação do ali será tratado e cada um está direcionado a uma destinatária específica, mas não os encerram e nem a uma delas. Sempre extrapolam e de alguma maneira costuram fios a conectar todo o texto. As destinatárias foram escolhidas porque eram afins àquela conversa, e se todas se conjugam no feminino,*

*é que essa escrita é marcada por essa potência e tem a intenção de evidenciá-la. E por serem muito queridas, assim são chamadas, anunciadas por essa palavra que costuma caracterizar as cartas e que acompanha seus nomes. Se há cartas seguidas, novamente assim aparecem, a fim de ficar claro a quem são designadas e de quem se tem a resposta, embora, no fim, estejam abertas a todos nós. Lembro também que é apenas meu o compromisso com a academia e suas exigências métricas para a construção de uma tese (ainda que seja para transgredi-las), por isso também coube apenas a mim o rigor com as referências, nomes e datas de autores e publicações, daquele jeito que já conhecemos. Embora minhas destinatárias nem sempre tenham mantido a mesma formalidade, todas se amparam em tempos de estudos, discussões e reflexões e validam aí e em suas experiências e seres o que levam às cartas.*

*E assim as cartas foram lançadas. E tiveram trocas tão lindas. Cada uma das mulheres que compõe esse texto traz sua escrita, seu estilo, sua sensibilidade, e a maneira que respondem (ou que não puderam responder nesse momento) é a que aparece aqui e assim, fora do modo itálico. Há algumas entrecartas da orientadora desse projeto, redigidas por essa letra, que comentava a produção enviada para leitura. Decidi também as incluir pelas preciosidades que carregam e pelo tom de construção desse trabalho. Fui me dando conta que embora as trocas fossem despertadas pelas histórias da velhice e pelas questões metodológicas da pesquisa, tomavam rumos diversos – os riscos que assumimos quando lançamos as garrafas ao mar. Mas que, de alguma maneira, em diferentes momentos da vida e deparando-se com os diferentes desafios, sempre tocavam nisso que nos é posto, a todos nós: o envelhecer. Talvez seja melhor deixar que as histórias apresentem a si mesmas, mas não sem antes fazer uma última observação: esse modo foi também escolhido para fazer aparecer aquilo que se dá em toda escrita – ela é sempre feita de muitos. Boa leitura.*

*Luciana Franco*

## **Cartas 1- Sobre a velhice**

Cartas trocadas com Angela Carneiro

Prezada Luciana:

Chego tomada ao final da leitura de sua carta-qualificação. As palavras engarrafadas, aos borbotões, pedem passagem. No olho da fonte, uma se apresenta: desafio. É a essa linha palavra que me agarro para acompanhar o seu percurso. Desafios do tema, da escrita, de pensar a velhice no atendimento de um dia a dia. Desafios de uma clínica da velhice como invenção de vida, de cuidar de um outro que se apaga e pede acolhida, entre o lembrar e esquecer. Desafios de um modo de pesquisa que leva ao radical do pesquisar com o outro: no modo como dá voz aos velhos, à equipe e à instituição do serviço, ao grupo de pesquisa, à orientadora, à banca que abraça o seu trabalho. Desafio da velhice que em nós desponta.

A escrita transborda. Em cartas se transforma, não como ilustração, mas como ferramenta metodológica. Uma escrita que se dirige a alguém, com nome e CEP, e, ao mesmo tempo, como uma garrafa jogada ao mar, segue à deriva com uma única certeza: o desejo de encontro.

Nossa. Desafios! Des Atar os Fios. Desfiar. Atar, fiar.

E você, Luciana, faz da velhice, essa coisa esquisita, a sua porta de entrada. Por que esquisita? Porque está sempre ali, mas, quando se mostra, é uma coisa... esquisita. Absolutamente familiar, afinal vivemos há muito acostumados a esse estranho jeito de ser, em que acreditamos saber quem se é, mas, quando encostamos nas bordas, nos surpreendemos... esquisitos. A velhice nos leva às bordas do tempo, do corpo, da vida. Entre uma respiração e outra, pode-se não mais estar.

Leio, portanto, seu trabalho no modo esquisito, de dentro do envelhecimento. Não era velha, hoje vou me tornando uma. Um tornar-se que vem pelos olhos dos outros. No metrô, quando lhe cedem o lugar; na indicação da fila do banco, no cabelo branco que, acreditem, ampliou meu repertório de histórias de ódio e poesia. No confronto entre o mito da velhice como um momento plácido, cheio de sabedoria, e o esforço violento para se manter em movimento, afinando a máquina, tomando a palavra, fazendo mundo. No olhar dos mais próximos, entre assustados e irritados, diante da situação mais banal do dia a dia que resulta numa grande trapalhada. Nos netos

que vão chegando, ou não (hoje podemos nos haver com essa possibilidade), na busca de novas formas de sedução, beleza e sexualidade.

Um capítulo especial: as perdas, ah, as perdas, doloridas, com muitas faces. Das pessoas queridas, das paisagens, da rotina. Do corpo modulado em novos tons, desafinando e afinando no miúdo, e olha aí de novo o esquisito. Muitas vezes podemos ficar até engraçadas pelas confusões, mas também pode não ter graça nenhuma. Portanto, um grande desafio, envelhecer ou morrer. Por isso há uma sutileza preciosa quando você diz que essa pesquisa será feita num trabalho com pessoas que chegaram à velhice - trabalho cuja principal proposta é atuar no cuidado com a saúde. Aqui, Luciana, você junta duas coisas que criam muitos planos de questões e modos de envelhecer: velhice e cuidado. A velhice não é óbvia, garantida a todos. Ela pode não acontecer. Chegar à velhice pede muito do olhar do outro, da presença que amarra o velho à rede, na radical experiência de acompanhar a vida que vai partindo.

Luciana, por onde me encontro com você? A velhice foi meu tema de mestrado. À época, aos 40 anos, a velhice estava distante. Pensava eu, ai, ai. Ainda não havia perdido meu pai, nem entrado na menopausa, os filhos eram dependentes, trabalhava e corria atrás da vida a mil por hora, tentando conciliar cebolas, tomates, Foucault, Pessoa, Clarice, contas, saúde, cinema, música. Não havia perdido um grande amigo, depois outros e mais outros. O corpo ainda não sinalizava certas partes que eu nem sabia que existiam. Ainda não haviam os lugares diferenciados nos ônibus e no metrô, mas uma gravação pedia que as pessoas fossem gentis. A terceira idade se anunciava como uma nova categoria, de faixa etária e de consumidores, afinal o tempo de vida se esticava.

A velhice dos outros chegando: na clínica, depois nas bibliotecas, em centros culturais. Ouvindo histórias e mais histórias e desenhando o que era ser velho naquele momento. Ser velho num país que sempre se disse um país jovem, um país de e para o futuro. Deixando uma ditadura e se recompondo com a volta dos que sobreviveram. Até hoje as versões desse tempo nos chegam num misto de horror e perplexidade diante da nossa cordialidade.

O envelhecimento nesse momento é atravessado por novas questões. As demências formam novas descrições: Alzheimer, Parkinson. Eram poucos casos. De repente, muitos relatos e cada vez mais próximos. À época, pequenas publicações de relatos de pessoas que cuidaram de parentes próximos, num processo doloroso e solitário, chamavam a atenção para a gravidade da situação.

No Rio de Janeiro, no Instituto de Psiquiatria (IPUB-UFRJ), o trabalho com a velhice transforma-se no Centro de Doença de Alzheimer e outras desordens da velhice. Pesquisas, atendimentos e principalmente os diagnósticos e a formação de cuidadores foram abrindo espaço para a especialização, e, mais tarde, para o mestrado e o doutorado. Naquele momento, predominava fortemente o saber médico. A geriatria ganhava um estatuto de uma especialidade promissora. A Psicanálise, em texto, era contraindicada para o velho, por falta de plasticidade do aparelho psíquico. A clínica, entretanto, objetava a isso. Na UERJ, entre muitas experiências inéditas, consolidava-se a Universidade da Terceira Idade, um espaço de partilha de cuidado e produção de conhecimento.

Nas pesquisas estatísticas, o envelhecimento da população aparecia com uma progressão para os próximos 15 anos. Consequentemente, surgia a necessidade de políticas públicas. Os dados revelados abalavam um mito constituinte de nossa história. Durante muito tempo, o Brasil foi marcado como um país jovem, um país do futuro, e os dados redesenhavam um país de cabelos brancos. Passados 20 anos, cá estamos diante de uma reforma trabalhista e previdenciária que nos enchem de incertezas, assim como todo um trabalho de assistência pública, prevenção e cuidados. Velhice e cuidado tornam-se um binômio preocupante. A contradição: pode-se viver mais, mas qual vida?

Diante disso, como sustentar a velhice como um processo, na vida, com desejo de vida que transborde um desejo de velhice? Um desejo que atravessa o desgaste pelo tempo, um processo que insiste na saúde, assim discutida em carta com Gabriela:

"Canguilhem... Num trecho, ao falar de saúde, ele diz que ser sadio é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, vou repetir, ter saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que institui o normal de agora (é bonito isso, não é?), ser sadio é se arriscar pelo mundo, arriscar as próprias normas, é ser corajoso!"

É bonito mesmo, e difícil de sustentar isso, um modo de vida que aceita ser desafiado a ultrapassar limites, que pede coragem, que afirma, mesmo na velhice, que ainda é possível viver (...).

Então você se pergunta o que seria estar velho e começa a desenhar o campo. Avançando no texto, Luciana, você apresenta o campo como um dos seus eixos. Pensar o campo como um lugar de encontros. Você nos traz até aqui com uma trama que emerge do percurso percorrido. Um trabalho que veio se tornando, por

sua capacidade de afetar e ser afetado, um emaranhado de pessoas, palavras, circulação pela cidade, diagnósticos. Isso já dá a medida de como você pensa a subjetividade: aberta, fora de uma interioridade, e que tem na singularidade as marcas de um coletivo.

Para o tema da velhice, me parece um ponto importante, porque é pensar a velhice como um processo, uma nova geografia do tempo, com particularidades, mas localizada numa sociedade que tem na rapidez das transformações uma de suas características. As transformações do mundo nunca foram tão rápidas. Como repercute para o velho a aceleração da vida? O mundo pede para ser ocupado de outras formas, mais informação, achatamento do tempo, novas funções, novas capacitações. Se concordamos que a velhice é um tempo de lembranças, que se faz com tempo, com os outros (humanos e não humanos), como a rapidez das transformações afeta esse momento? Um momento que pode ser definitivamente um momento de isolamento, mas por onde não ser? (...)

E você nos leva ao campo com uma aposta metodológica: as cartas. A carta não vem como uma ilustração, mas como um recurso metodológico, uma política de escrita. Ela é ferramenta de pesquisa, desdobra questões e cria um laço com outros pesquisadores, como uma presença singular. Uma experimentação de uma escrita sozinha, mas povoada.

Registro um interessante acontecimento na leitura das cartas. Uma experiência sensorial. Para quem conhece as pessoas que você cita, a leitura veio na escuta da voz. Interessante juntar a forma escrita com a oralidade e a riqueza do timbre, da entonação, das palavras escolhidas, dos modos de dizê-las. Criou um interessante plano de presença. Uma presença que sustenta um estar sozinho na presença de um outro. Um modo interessante de estar junto numa aposta de criação.

E ao contar como as cartas ocupam a sua história, relembro, Luciana, que nossa herança de brasileiros se inaugura com uma carta. Foi por uma carta que chegamos pela primeira vez ao dito mundo civilizado. Uma carta endereçada ao Rei D. Manuel I. As palavras nos levaram antes de nos sabermos. Foi nas palavras de um outro que fomos marcados como selvagens, que mesmo nus sabíamos nos comportar. Com uma natureza exuberante, riqueza da terra, fez o olhar estrangeiro de Pero Vaz de Caminha nos anunciar Vera Cruz. Materializamos o imaginário do europeu, que sempre sonhou encontrar o paraíso perdido. É o que nos conta Sérgio Buarque de Holanda em *A Visão do Paraíso Perdido*. Desde a Idade Média buscava-se encontrá-lo, e assim o Brasil preencheu o sonho português. Os habitantes das novas



terras, como não tinham pecado, não escondiam suas vergonhas, viviam em harmonia com a natureza e mostravam-se dóceis, logo, fáceis de serem escravizados. O olhar estrangeiro inventou o seu próprio sonho.

Depois outras cartas registraram nossa fauna, flora, costumes, cultura. Cartas que foram a base para dominar, explorar, conhecer e manter a presença da Coroa em terras distantes. Nossa história é a história das muitas tentativas de sermos donos da nossa própria história. Mesmo assim, até hoje o modelo europeu fala em nós insistentemente.

Por isso tomar a carta como um experimento metodológico, em busca das filigranas do singular dos acontecimentos se inscreve nessa linhagem da busca de uma voz implicada no fazer história. Como uma viajante, lá vai você em busca de paisagens de mundos, estrangeiridades, numa partilha de olhar (...). Seguindo Luciana, que velhice entra em cena com sua pena, seu olhar, seu corpo? Diferente das cartas dos viajantes, em que os dados retornavam aos gabinetes e se transformavam em conhecimentos, políticas e deliberações, que faziam surgir um Brasil a partir das informações que chegavam. Pensava-se que, à distância, a razão livre de qualquer influência teria clareza da verdade e poderia impor o domínio sobre o outro. A lógica do pensamento ocidental que inventou o oriente, o novo mundo, os silvícolas, e o que era humano.

Se esse modo carta é, antes de mais nada, um experimento, como você diz, é um experimento ordenado numa outra lógica de escrita aberta à escuta. De escuta e leitura de mundo. De produção de conhecimento, de intervenção, de criação de mundos, do miúdo do dia a dia, em que uma coisa vai puxando uma coisa e depois outra. Veja: você escreve para alguém, mas também escreve com alguém.

Ao mesmo tempo, pensar a carta na materialidade do correio eletrônico, nos remete ao tema da velhice e a um outro tempo. Um antigo meio de comunicação no nosso mundo. Nossos velhos são da idade do papel, caneta, envelopes, selos. O papel escolhido, a caneta, onde escrever, tudo compõe um cenário. Escrever, ir até ao correio, colocar selo, aguardar a carta chegar, as cartas que não chegam e retornam, quantas histórias podem contar, as marcas dos carimbos e novos selos que recheiam o envelope. Todo um outro modo de fazer, que encontra nos velhos uma ressonância mais familiar. Tempo, corpo, velhice se materializam no mundo com papel. Além disso, a carta carrega o silêncio, o tempo para que algo possa ser dito. No levantar da cabeça, da mão e do gesto em pausa. Tempo de digestão no contratempo da incitação de dizer a todo tempo e a todo custo. Nem sempre o

silêncio é repressão, vazio ou desconexão. Pode ser o que ainda não ganhou nome, mas pode também ser a marca do inalcançável. Nossa sociedade está muito barulhenta. A carta pode ser um exercício de escuta de si e do outro no próprio tempo que vai e o tempo de volta. Tempo de solidão. Um espaço para o raro. Mas também para o incompartilhável. Mistério que nos une.

Mas, daqui há pouco, não mais. Os velhos de amanhã já virão de outro cenário, conectados por cabos, nas nuvens, dentro da rede. Como será? Não sabemos.

(...) Há muitas formas de se dizer o mundo (não só pelas palavras) e há muitas linguagens para tal. Música, as artes plásticas, teatro, dança, muitas linguagens para o pensamento nos acontecer. Fazer a crítica à Linguagem me leva a pensar as cartas como um modo de fazer corpo no corpo da linguagem. Como é escrever com o corpo, Luciana? Quando seu corpo fala? Quem tem voz na sua escrita? Quais as histórias que seu corpo escreve no corpo da escrita? Pedro Nava, um velho médico que aos 65 anos resolve escrever suas memórias e produz uma importante obra (com a qual me encontrei no mestrado), cada vez mais escrevia com seus objetos. A poltrona predileta que ganhava as marcas de seu corpo, a caneta, os papéis velhos e amarelados e a caminhada pela cidade que lhe despertava as palavras. Clarice Lispector dizia que sua máquina de escrever lhe dava corpo no mundo. Muitos autores ensaiam com outros até fazerem corpo na escrita. Haja correspondência entre autores para que o mundo fique maior.

(...) De onde vim, foi um percurso incrível chegar aqui. Hoje, participar da produção e discussão de modos de pesquisa, modos de escrita, modos de intervenção, modos de fazer psicologia, modos de ser da academia me enchem de alegria. Quantas vezes testemunhei a existência de um único modo e o silenciamento de tantas versões. E essa possibilidade passou a existir, no esforço de muitos. Mas, sem ingenuidade, porque como vivemos num campo de forças novos rearranjos estão sempre por se fazerem.

Por isso a rede é fundamental, ela acolhe, mas não refresca. Ah! Não refresca. Sempre convocando a um trabalho contínuo no todo dia. Os processos são disparados e sabe lá onde vão parar. E por falar em lá, o lá que os jovens veem na história dos velhos, quando dizem que eles “chegaram lá”, ainda não o encontrei. E estou achando até bom. Parece que ele é muito bom para fazer a gente seguir, ser andarilho nessa vida. Por isso a volta de barca na quarta-feira, depois do grupo de conversadeir@os da MM, já faz parte dos meus novos territórios. Tempo de silêncio e sopros. E mesmo que a produtividade queira, a qualquer custo, limar a artesanaria,

enquanto formos vivas essas marcas estarão vivas, os tantos que passaram e continuam em nós nas histórias que recolhemos. E com chance, tal como garrafas jogadas ao mar, de seguirem inventando caminhos quiçá mais bonitos, dignos e solidários com a única certeza, o desejo de encontros.

Virei gratidão,  
Angela

Querida Angela,

O Skype acaba de me avisar que você está online. Bastaria um clique para te explicar que estou tentando colocar todas aquelas conversas em cartas e assim – e só delas – compor a tese. Levaria mais um ou dois minutos para convidá-la a manter essa correspondência viva e então já não seria preciso escrever nada disso. Mas volto às cartas como experimento e proximidade desse tempo que explica, convida, aguarda e torce para que você diga sim, eu topo. Esse tempo que lembra o do papel escolhido, da ida ao correio, dos carimbos e selos, e ainda o da viagem, do silêncio, da espera – como você me falou. Já não usaremos folha ou caneta e logo que te enviar esse texto por e-mail, ele estará aí. Mas guardaremos na escrita esse preparo e te aguardo aqui para continuarmos as conversas sobre a velhice. Existe um tempo afim entre as cartas e a velhice, que segue na contramão das velocidades que hoje nos guiam. Temos sempre pressa, mesmo quando o relógio folga – você também percebe isso? E as mensagens, que nos chegam enfurecidas por tantos canais diferentes, pedindo urgência na pronta resposta? Vamos inventando resistências, como as pequenas conversas e reflexões nesse mundo do ódio instantâneo e do compartilhamento desenfreado. Sigo seu conselho de resgatar a carta como um exercício de escuta de si e do outro, nesse outro tempo que permite a pausa, a espera, a escuta, o contar histórias.

Minha mãe me mandou outro dia um vídeo das brincadeiras da minha sobrinha no quintal lá da casa. Era pique parede, e ela e o amigo corriam de uma para outra sem que meu pai os alcançasse, numa mistura de moleza encenada de vô para neta ganhar e pernas que de fato já não acompanhavam a correria. Foi nos gestos e falas de meu pai que tive o primeiro encontro com a velhice. Obviamente não foi a única vez que testemunhei alguém chegar nesse período da vida, mas a primeira em que parei para pensar sobre isso. Já há algum tempo ouvíamos as queixas de que sua agenda havia sido ocupada por consultas médicas e que calçar os sapatos se tornara um grande esforço: a única vantagem de estar velho era o desconto no cinema. Com humor, meu pai dizia do passar dos anos e me fazia perceber que eles tinham passado para todos nós. Ele então havia se tornado avô (existiam mais alegrias que os descontos afinal) e nós, pais e tios, subindo um degrau na árvore genealógica e empurrando todos que nos antecederam. O tempo não se contava em dias, mas em anos, como disse Clarice numa carta a Fernando Sabino, já que é difícil ver a curva tão larga das coisas se estamos próximos como

é próximo o dia<sup>1</sup>. Os lugares que eu havia encontrado quando cheguei ao mundo tinham dado um salto. Operações do tempo, que ali, nos minutos cotidianos, a gente vive. E, às vezes, no susto, como um corte, percebe.

A velhice é mesmo um susto, o estranho que vemos no espelho do banheiro ou das palavras e demoramos a reconhecer. As histórias nesse campo de pesquisa, como as falas de meu pai, acenam para esse estranho em cada um de nós, do outro lado e tão perto. A Márcia me escreveu uma belíssima carta sobre isso, as transformações no ritmo, no corpo, nas formas que acontecem por toda a vida mas que em certos momentos nos parecem mais agudas. Contou de um sonho, talvez despertado pelo meu texto, onde encontrava um colega estrangeiro, bem mais jovem que ela, mas que no mundo onírico exibía uma vastíssima cabeleira branca. Antes que concluísse “nossa, como ele envelheceu”, aquele estrangeiro se fez nela mesma. Percebeu que eram seus os fios alvos, percebeu em si a passagem do tempo. Não há na carta nenhum tom de queixa ou lamúria, mas a estranheza e o espanto com esse eu próprio – reproduzo suas palavras – que se transforma rapidamente e à nossa revelia.

No sonho, no susto, no espelho esse outro não apenas comparece, mas estende a mão para dizer em seguida “muito parazer”. Apresenta-se em nós e para nós. Isso me lembra um acontecido num dos grupos terapêuticos, em que fazíamos exercícios de fotografar. Propusemos a experiência produzir imagens de pertinho, mantendo o enquadre no corpo: mãos, dedos, olhos, nariz, boca, orelhas. Esse ensaio foi, a meu ver – e no de muitos que visitaram a exposição dos trabalhos que fizemos posteriormente – um dos mais bonitos. As linhas que o tempo havia desenhado nas telas-pele eram como caminhos percorridos. Justo aí, onde achei que estava a beleza, brotou no grupo a inquietação. “Essa sou eu?”, “que coisa horrível”, “quantas rugas!”. A velhice aparecia, estampada na imagem que servia como um reflexo. Mas o que se via ali de tão espantoso? Eu disse do quanto havia gostado das imagens, e por gostar fui ameaçada de que esse dia chegaria para mim também. Assim espero, respondi brincando, mas já descobria as linhas que brotavam no meu sorriso e não mais se desfaziam, e nem sempre as via com carinho. Uma senhora reconheceu sua boca numa das fotos. Alguém veio em sua defesa prontamente, como se o tempo a ameaçasse – claro que não era ela! “Mas sim, sou eu sim, aqui meu dentinho, essa aqui sou eu”, e deu as lindas gargalhadas que são sua melhor assinatura. Aquela era ela, com rugas e batom vermelho,

---

<sup>1</sup> Fernando Sabino, Clarice Lispector. *Cartas perto do Coração*. Rio de Janeiro: Record, 2003, págs. 104.

vaidosa como sempre, agora aos oitenta anos. As versões da velhice se reuniam numa mistura curiosa, do espanto, do estranho, do orgulho, do reconhecimento.

*Seriam as linhas a nos avisar do tempo de estrada? A nos dizer que chegamos à velhice? Nos documentos que guiam políticas, direitos e saberes, os sessenta anos vividos que respondem essa questão – está aí o marco de entrada à chamada terceira idade. Mas ultrapassar essa linha é um exercício de nuances e singularidades, nas maneiras como cada um de nós lida com esse estrangeiro tão próximo. Ouvi de um paciente que, no caminho à consulta, sempre torcia pela cadeira vaga no metrô. Podia sustentar o trajeto de pé, como costumava fazer, mas as pernas já reclamavam cansaço. Descobriu que tinha direito ao assento preferencial – oba, lá costumava estar livre. Numa das vezes achou que cabia ceder o lugar a outro senhor, bem mais idoso e provavelmente com pernas bem mais cansadas. Outros passageiros levantaram-se oferecendo-lhe a mesma gentileza. Mas mais de uma vez precisou apresentar a identidade ao fiscal para provar os setenta anos e o direito à gratuidade, porque a aparência por si só nada garantia. Tornar-se velho era isso, um jogo entre os lugares que ocupava, que lhes eram oferecidos, que aceitava, que reivindicava, que recusava, que transgredia.*

*Muito antes de concluir essa tese submeti a uma revista um artigo onde usava os termos terceira idade e velhice numa convivência pacífica. Isso foi sinalizado por uma das pareceristas, já que existem mais questões entre esses dois vocábulos do que sonha nosso vão dicionário. Lembrei de imediato de um artigo da jornalista Eliane Brum<sup>2</sup>, em que se posiciona em defesa de uma linguagem que possa envelhecer sem apelos. Brum conta que sugeriu a uma amiga a substituição da palavra “idosas” por “velhas” num de seus textos, mas isso não seria bem visto, as pessoas não aceitavam para si esse adjetivo. Roubaram a velhice – ela pensou. Numa época que mobiliza os mais diversos esforços para apagar os traços do tempo, as palavras também ganham novas edições inspiradas no desejo de juventude eterna. Parece que assim se escapa das durezas dessa passagem, das dores no corpo, do pensar sobre a morte. Mas muito também se perde, já que esses efeitos dizem de um percurso de muitas experiências, que só as vive quem envelhece.*

*Os termos terceira idade e idoso são utilizados com frequência no setor onde trabalho, sobretudo nos documentos regulamentadores, não apenas como palavras*

---

<sup>2</sup> Eliane Brum. *A Menina Quebrada e outras colunas e Eliane Brum. Me chamem de velha*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015, págs. 279-283.

que soam mais cordiais, mas como aposta num público que seja atuante e protagonista. É possível que se fizéssemos as substituições, atendendo ao chamado de Brum, tampouco seríamos bem vistos. A nova cara do envelhecimento é ativa e produtora, e o termo *Terceira Idade* veio com a proposta de marcar essa diferença. Velho seria aquilo que perdeu a utilidade, ficou ultrapassado, já não encontra espaço nesse tempo – nesse nosso tempo em que as velocidades nos atropelam e tudo se torna rapidamente defasado, onde a regra é atenuar as marcas e enganar a finitude. Mas a potência da velhice está justamente em reconhecê-las, e então os caminhos, e aí as histórias, e a escuta, as vivências, os anos, e a vida e também a morte. A potência do estar velho é justamente abrir espaços nesse tempo.

Mas temo tanto pela propaganda da velhice ativa quanto pelo envelhecer sem apelos. Porque na primeira parece não caber essa outra, e a segunda parece impermeável ao mundo atual. Talvez porque essas versões não sejam apartadas, mas se atravessarem, refaçam, entrem em conflito a todo tempo em todos nós. O corpo que admite que já não tem o mesmo vigor é o mesmo que repele as linhas do tempo, o que evita a morte a todo custo é também o que precisou lidar com ela muitas vezes. Os que seguem atravessando os anos podem experimentar inovações que jamais imaginaram testemunhar, mas há aí esse custo. *Chrónos* segue devorando a vida, como na mitologia grega fazia com os filhos para que um deles não viesse a destroná-lo, e em um correr fluido e infundável perpetua os ciclos, que recomeçam mas conduzem sempre ao mesmo fim. Conta-se que Zeus foi o único a escapar do terrível destino, e confirmando a profecia expulsou o pai do Olimpo e levou aos deuses a imortalidade. Mas é na figura de *Kairós*, filho de Zeus, que nasce uma outra ideia de tempo, na qual o acontecimento é a medida e o momento passa a ser determinado não pelo relógio, mas por se tornar oportuno à experiência<sup>3</sup>. Talvez seja em *Kairós* que encontraremos as delicadezas para dizer desses atravessamentos, sendo ele o tempo das vivências, sem esquecer-nos que na sua história há também os ponteiros que nunca descansam.

É hora de encerrar essa carta, que já atravessou dias e noites e memórias. Espero ver a sua em breve, para alegrar meu correio eletrônico e sua rotina de contas, notícias, tarefas que chegam incessantes e devoram os acontecimentos. Vamos fazendo abrindo brechas para inventar um outro tempo.

Beijos, Lu

---

<sup>3</sup> Valéria Milena Röhrich e Yvelise Freitas de Souza. *Chrónos & Kairós: o tempo nos tempos da escola*. Paraná: Educar em Revista, setor de Educação da UFPR, 2001, número 17, págs. 63-78.

Querida Angela,

*Não sei que calma e espera são essas que falei, se quando escrevo uma carta seguem logo duas, sem nem intervalo para resposta, não é mesmo? Mas as ideias renderam e achei justo que chegassem logo aí. Fiquei pensando sobre o objeto dessa pesquisa, a velhice, em seus desdobramentos e refeições: na experiência do corpo, na percepção de si, nos documentos regulamentadores, nos saberes acadêmicos, no século XXI. É de tudo isso que se faz a velhice que escuto e agora pesquiso. Encontrar uma definição última para um estado da vida seria tarefa falha já de início. Então seguimos pensando-a como um processo, uma nova geografia do tempo, assim como me sugeriu.*

*Mas as definições fazem parte desse emaranhado e são ferramentas relevantes para o cuidado, como a garantia de assistência timbrada em documentos feito a Política Nacional e o Estatuto do Idoso. Esses projetos serviram para instituir e fortalecer direitos (que implicam, por exemplo, no combate à violência com pessoas de mais idade, atenção às suas necessidades, destinação de verba pública a serviços específicos). Lá a velhice é circunscrita num marco cronológico e os que tem mais de sessenta anos estão assegurados em lei por esses documentos. Se as categorias são importantes de serem consideradas, não podemos esquecer que também são temporárias, localizáveis e parciais – é preciso, portanto, pensar no que conta para existirem, no que implicam, de onde partem, do que são feitas, o que incluem ou deixam de fora, e acompanhar suas diferentes versões.*

*Vi numa campanha publicitária<sup>4</sup> um experimento simples e perspicaz que pode interessar a essa conversa. As pessoas convidadas a participar, que chegavam a um cenário segmentadas em grupos específicos – como roqueiros, trabalhadores da saúde, atletas, idosos – passavam a ser reunidas de outras maneiras segundo perguntas como “quem aqui é padrasto/madrasta?”, “quem costumava ser o palhaço da turma?”, “quem são os sortudos que fizeram sexo essa semana?”, resultando numa interessante brincadeira com os inúmeros arranjos possíveis a partir do que nos aproxima, o que nos é comum e que talvez nem imaginávamos. Mas há também aquilo que marca nosso lugar de partida, e aí se colocam diferenças, como evidenciou uma outra campanha de mídia<sup>5</sup> que tratava*

---

<sup>4</sup> Campanha realizada por uma empresa dinamarquesa de comunicação, que pode ser encontrada no link: [https://www.youtube.com/watch?v=B3\\_52CULpJg](https://www.youtube.com/watch?v=B3_52CULpJg), traduzido para o inglês como “All that we share”.

<sup>5</sup> Campanha realizada pela BuzzFeed, encontrada no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Yq9zdU4QNvQ>



da questão do privilégio. De uma mesma linha inicial, pessoas de diferentes etnias, classes, gêneros e orientação sexual avançavam ou recuavam os passos dependendo da maneira como se identificavam a perguntas como “você sente que pode demonstrar afeto pelo seu par romântico em público sem ter medo de ridicularização ou violência?”, “você pode visitar um médico toda vez que sente necessidade?”, “pode se locomover no mundo sem medo de sofrer abuso sexual?”. Onde antes havia uma linha, formou-se uma espécie de ranking a partir das barreiras sociais encontradas. Os signos com os quais nos identificamos e somos identificados conjugam-se sempre no plural. Ao mesmo tempo, carregam uma história e trazem uma especificidade a um certo lugar. As categorias não podem jamais dizer tudo, mas é importante prestar atenção e pensar sobre o que dizem.

Há muito atravessando nossa circulação, nossos corpos, nossa história. Nossos conceitos também. Se eles existem e têm sua importância, não podem deixar de implicar-se com tudo isso que andamos conversando. Um conhecimento não localizável, como disse Donna Haraway, é um conhecimento irresponsável, porque ele torna-se incapaz de ser convocado a prestar contas<sup>6</sup>. E se podemos ter vários arranjos a partir das perguntas que fazemos, a responsabilidade está em pensarmos nessas perguntas em voz alta. Já reconhecendo fracassada a missão de definir o que é a velhice, mais interessante perguntar que velhice é essa a que me proponho ouvir. Os pesquisadores estatísticos estimam que em 2050 pela primeira vez haverá no mundo mais idosos que crianças menores de quinze anos<sup>7</sup>. Dizem também que da década de 40 para cá a expectativa de vida no Brasil aumentou em trinta anos – imagina mais trinta anos somados a nossas contas finais, quanto mais se pode experimentar. Esse é o cenário que hoje encontramos. Envelhecer é um sinal de que tem havido melhoras nas condições de vida, e isso é motivo para celebrarmos. Mas veja só o trabalho de fotografias de Eurivaldo Neves Bezerra<sup>8</sup>, que você me recomendou, e o cenário de abandono que encontrou nos asilos do Rio de Janeiro. A velhice apartada do mundo, cuidada por trabalhadores sem recursos, vivendo em condições de vida que carecem de muitas melhoras. Por mais que tenhamos motivos para comemorar, ainda vivemos num país de desigualdades extremas. A “Esperança”, sentimento que dá nome ao trabalho, é de

---

<sup>6</sup> Donna Haraway. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Biblioteca Digital da Unicamp: Cadernos Pagu, 1995, pág. 22.

<sup>7</sup> Dados estatísticos sobre a pessoa idosa encontrados no site do Ministério dos Direitos Humanos. Consulta feita em janeiro de 2018.

<sup>8</sup> Fotografias encontradas no site <https://spark.adobe.com/page/zqoO3l1ae0LvHr/>

*que venhamos a cuidar melhor de nossa população, mas como fazê-lo num país governado por tanto descuido? Reformas que tiram direitos tão duramente conquistados, que congelam investimentos em saúde e educação, que tornam cada vez mais distante a possibilidade de aposentadoria? Que sempre haja esperança e resistência.*

*A velhice que eu escuto no setor onde trabalho não é a mesma das fotografias de Eurivaldo, mas pode ajudar a pensá-la, a pensar o cuidado com os nossos velhos. Os que lá são atendidos têm preservadas a autonomia e independência, e quando não, há um membro da família para lhes amparar ou a ser convocado. São na maioria mulheres, de classe média ou baixa, que nasceram no interior ou na periferia e casaram-se jovens. Essas e outras singularidades estão na geografia da velhice que acompanho. Uma geo-cartografia que, como disse Rolnik, não se assemelha a um mapa mantido estático, mas a um desenho que vai se fazendo junto e com as mudanças da paisagem, acompanhando as aberturas para a vida<sup>9</sup>. Latour, para explicar sobre a teoria ator-rede, diz de uma metodologia que deve ser lida como um guia de viagem, que ensina a ver o completamente banal como exótico, indo mais devagar a cada passo. Um guia de viagem é feito de dicas, não de verdades sobre o que encontrar no território. Tampouco prediz como será o caminho, mas dá sugestões; pode ser relegado à mochila e às vezes consultado, guarda marcações adicionais à caneta, serve para retomar o rumo depois de se perder pelas vizinhanças. Boas recomendações para orientar nossos passos nesse terreno de acompanhar as singularidades, como as que encontrei na sua carta, tão linda e cheia de referências a me ajudar nesse ir e vir. Cada vez que a leio novamente me surpreendo com a sua escrita que segue assim, como se a gente estivesse andando nos caminhos da UFF, no tempo despreocupado e desacelerado e peripatético. Vamos caminhando então.*

*Um beijo com carinho,*

*Lu*

---

<sup>9</sup> Suely Rolnik. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

Êeee Luciana, querida!

Meu primeiro movimento foi abrir uma página e rapidamente lhe responder. Esperei e depois a vida com suas pressões cotidianas foi me esperando. Depois me dei conta que esta carta vem sendo escrita com suas cartas, mas também em várias situações do dia a dia, até que chegamos aqui, na tela, no desenho das palavras. Aí percebi nitidamente um lugar de fala por ter um lugar de escuta. Engraçado, você tornou-se uma companheira de caminhada. Sabe aquela situação em que você é tomada por um acontecimento e o outro aparece para dividir uma cumplicidade? Vou descobrindo com você um espaço de presença que se constrói para além do face a face. É isso, só agora respondo, no entanto lhe escrevi várias cartas, rsrs. Algumas vão chegar espontaneamente, outras vou buscar em minha memória. Diante da velhice que você conta, que a cada dia se revela mais um pouquinho no espelho, no sonho, no susto, surge contigo um modo de atravessá-la numa presença da vida encarnada, na escuta de um outro interessado. Lembro de um encontro onde descobri um medo dos mais poderosos. Um jovem muito doente sabia que ia morrer, e quando me procurou fiquei bastante mobilizada. E demorei a perceber a questão que ele queria que eu ouvisse e, com minha escuta, desse um contorno a sua dor. Ele queria falar de um sentimento em relação ao seu pai. Um sentimento de amor. Um sentimento que não conhecia e que agora aparecia para ele. Pior que morrer, seria não viver isso, não contar essa história. E desconfio que a velhice se amarga quando as histórias deixam de ser contadas ou, pior, escutadas. A propósito, estou lendo um livro do Kasuo Ishiguro, O Gigante Enterrado, que se passa numa terra marcada por guerras, amaldiçoada por uma névoa do esquecimento. Um casal de velhos começa a perceber lacunas em seus entendimentos, mas não compartilham isso com os outros por medo de serem discriminados e terem seus pequenos prazeres cortados. O fato é que começam a perceber que os outros moradores também estão perdendo a memória e não se dão conta. E o que é perder a memória? Muitas vezes é também selecionar o que se quer lembrar e o que se quer esquecer. Talvez essa seja a questão que os velhos colocam de mais urgente para a contemporaneidade: uma ética para o lembrar e o esquecer. Que cuidados aí se colocam em questão? Quando pensamos na lama de Mariana, na invasão das terras indígenas, nos modos de vida de mães que perdem seus filhos por uma bala perdida esquecer é uma maneira de matar um modo de viver o outro como outro, e privilegiar alguns como o outro. E quando você fala da

utilidade que o velho vai perdendo no sistema que vivemos, penso que aqui eles recuperam uma importância ímpar, que é trazer sempre a possibilidade de se dar conta da história, que as coisas não são naturalmente assim, que foram produzidas, que nem sempre o progresso deve ser aceito como o melhor, que podemos ter perdas significativas. Ou seja, abrir o baú dos velhos é pensar, quem sabe, o futuro que queremos. O romance vai mostrar entre o lirismo e uma narrativa fantástica a vida que nos chama o tempo inteiro com seus desejos e temores. Tô lá pelo meio, e como leitora tateio a história, envolta também na névoa, juntando tal como eles fragmentos e uma tensão que corre o tempo inteiro. Parece um conto de fadas para adulto, talvez uma maneira profunda de contar e ainda inventar histórias. Alguma conexão com o sagrado. Nada transcendental, próximo e às vezes tão difícil de alcançar. Uma coisa que me tem tocado na leitura do livro é a gentileza da escuta que o casal de velhos estabelece com aqueles que lhe atravessam o caminho. Uma viagem que tem sido muito boa. Queria dividir uma situação que parei para pensar e pensei alto com você. Agora lhe conto. Você sabe que participo do grupo de pesquisa do prof. Ronald, por quem tenho uma admiração e um carinho imensos. E estamos trabalhando uma nova interface que ele vem construindo entre as ideias do Deleuze e Latour. Diante da questão do prof. se é possível fazer uma Psicologia não moderna, de que forma esse diálogo pode trazer contribuições que ampliem esse campo de questionamentos. Pois bem, o nosso professor sempre descobre algum autor ou livro que nos bota de pernas pro ar, quando tudo parece ganhar uma certa estabilidade. E nós lá de novo somos lançados ao mar. O que é maravilhoso, pois sempre voltamos com outras histórias. No meio dessa aventura, o professor nos apresenta um autor chamado Graham Harman, que com seu Realismo Especulativo é, apesar de muito amigo do Latour, crítico que só (como só um amigo de verdade pode ser). O mais incrível é ver o professor interessado e com afinco acompanhar o quanto o pensamento do Latour responde, sustenta as críticas do Harman. E isso que queria compartilhar com você. O professor não está preocupado em resistir e solidificar o pensamento do Latour, autor ao qual ele se dedica há mais de 20 anos, mas acompanhar o quanto essa confrontação pode reinventar, criar novas versões para o pensamento. Essa capacidade de se expor ao pensamento nos dá uma pista sobre o pesquisador que pode envelhecer no sentido de se agarrar às ideias e transformá-las em únicas. Foi muito lindo vê-lo apertar os olhos e dividir com a gente: “ih será que o Latour se sustenta?”, e generosamente nos leva nessa aventura, demais!

Esse movimento de manter a caminhada, mas olhando ao redor, sensível ao que se apresenta, tem sido uma coisa que tenho pensado muito. Tenho tentado entender porque resistimos ao movimento, nos agarramos ao que temos: ideias, objetos, hábitos de uma maneira que não balance o coreto – uma vontade de parar o tempo. Adiar a morte, colar nas perdas, e isso leva a uma dor imensa. Quando vamos perdendo os amigos, a cidade vai mudando, as comunicações, ficamos agarrados a esse mundo que vai deixando de existir, e ao mesmo tempo não deixando que um outro vá nascendo. E fica muito estranho, tudo, muito mesmo, em algumas situações muito desesperador. Criar pontes com o mundo, aceitar o jogo e com as marcas que se é, se reinventar para achar novos lugares, funções. Estar com jovens tem sido um desafio e tanto, se expor a novas ideias, testar os limites, descobrir preconceitos, mas também compartilhar experiências, lutas de muitos e outros tempos. Falo disso, porque penso nos medos que tive que fazer força para atravessar. Cada medão... de desmanchar. E da sorte de encontrar muitas pessoas que foram me puxando. Talvez, pensando agora, seja isso que me fez encantada com o livro do Ishiguro: dois velhos que, sem bem saber porque, resolvem fazer uma jornada, em busca de alguma coisa que também não sabem ao certo. Lindo isso, extremamente potente e organicamente cheio de vida! Se o Sartre dizia que os outros são o inferno, eu gosto muito da Clarice quando diz: “não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada”.

Agora Luciana, seguindo com a segunda carta, bem vou acompanhando suas questões sobre o objeto da tese: “na experiência do corpo, na percepção de si, nos documentos regulamentadores, nos saberes acadêmicos, no século XXI. É de tudo isso que se faz a velhice que escuto e agora pesquiso”. E aí você “já reconhecendo fracassada a missão de definir o que é a velhice, mais interessante perguntar que velhice é essa a que me proponho ouvir”. E seguindo o Harman na complexidade do objeto, com certeza tudo poderia ser sempre de outra maneira, mas é no situado do que é que lhe interessa trabalhar. Construimos campos de sentidos, e isso

significa estar em processo, em movimento, em constante escuta e disponibilidade para, como argila, ganharmos novas formas. De trilhar situações e encontros imaginados por outros que ricamente nos deixam sujeitos aos espantos. No mundo que vivemos o convite a um caminho é tão poderoso, pois a mensagem é sempre que fora dele não há solução, e me parece que tecer redes e sustentá-las é de fato uma posição política de afirmação e de resistência. Uau, sustentar um processo é muito difícil, mas fundamental. Por isso o modo cartografar seja uma maneira rica de acompanhar os processos de envelhecimentos, mas não só. Uma maneira de acolher o estranho, um outro possível. Puxa, querida Luciana, nada disso é pouca coisa, quando vamos para o dia a dia e as histórias ganham nome, rosto, corpo, lugar. Interrompo a escrita. Um Tico Tico bica a janela, se não atendê-lo não vai embora, pede um pedacinho de pão. Há alguns dias tem me ensinado o que quer. Está com pressa. Avisa que as nuvens anunciam a chuva, o vento começa a cantar, o céu azul e o sol correm, tal qual as maritacas pelo que está por vir. Cartografar os sinais, as conexões dos processos que acontecem e as muitas possibilidades que se anunciam. Isso é precioso, pois diante dos fatos estatísticos podemos abrir outros caminhos (“os pesquisadores estatísticos estimam que em 2050 pela primeira vez haverá no mundo mais idosos que crianças menores de quinze anos”). Como podemos pensar isso de uma maneira ousada, que aproxime e não aparte? Abrir caminhos é uma questão importantíssima, ainda mais para o velho, afinal é a vida, mas não qualquer uma. Querida Luciana, vou parando. Os raios e trovões estão grandes. Aqui há que se respeitá-los – já perdi alguns eletrodomésticos, rsrs. Seguimos na maior alegria.

Bjus muitos, Angela

## **Cartas 2- Sobre a geriatria**

*Cartas trocadas com Talita Reis*

*Querida Talita,*

*Sei que anda às voltas com os critérios da Sociedade Brasileira de Parangolés e Papéis Timbrados de Medicina para certificar-se oficialmente como geriatra. Se de mim dependesse, recomendava, assinava e carimbava seu título. Não faz muito que descobri o nome do sujeito que utilizou pela primeira vez o termo geriatria e minha tese sobre a velhice tem mais histórias que sintomas, mas tenho a meu favor as trocas e conversas contigo que me fizeram admirar infinitamente o seu trabalho e esse campo de saber. Já te perguntei uma vez se é a geriatria que tem uma prática mais preocupada com a escuta do paciente ou se isso se era uma sensibilidade das profissionais que conheci, mas acho que no fim é um fazer/fazer-se: se esse exercício desperta o cuidado, vocês o produzem como instrumento.*

*Desses livros bons que guardam pequenos pedacinhos de história, folheei um nos passeios de livraria chamado Listas Extraordinárias<sup>10</sup>. Reúne, nas suas mais de trezentas páginas, listas de todo o tipo, desde os argumentos do pai de Darwin para que não embarcasse na viagem que revolucionaria a História até a lista de atores que Coppola cogitou para O poderoso chefão. Mas deixando as curiosidades, queria contar de duas que nos são especialmente caras, tiradas de uma obra de autoajuda médica de 1596 intitulada “Uma rica fonte ou repositório de informações para os enfermos onde se encontram muitos remédios aprovados para várias moléstias que permaneceram escondidos por muito tempo e não vieram à luz até o presente momento. Agora são apresentadas para grande benefício e conforto das pessoas mais pobres que não tem condições de ir ao médico”. Tão bom quanto esse título pouco enxuto são as recomendações apresentadas sobre cuidados para o cérebro, indicando como boas medidas: “Cheirar Camomila ou Almíscar, + Comer Salva, mas não em excesso, + Tomar Vinho com moderação, + Manter a cabeça aquecida, + Lavar as mãos com frequência, + Caminhar com moderação, + Dormir com moderação, + Ouvir pouco barulho ou Música ou cantores, + Comer Mostarda & Pimenta, + Cheiras rosas vermelhas, & lavar as Têmporas frequentemente com Água de Rosas”. E o que deveria ser evitado? “Todo tipo de Miolo, + Gula, + Bebedeira, + Jantar Tarde, + Dormir muito depois de comer, + Raiva, + Tristeza, +*

---

<sup>10</sup> Shaun Usher. *Listas Extraordinárias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, lista 083, pág. 227.

*Ficar muito tempo com a cabeça descoberta, + Ares Poluídos, + Comer demais ou às pressas, + Trabalhar arduamente sob calor Excessivo, + Vigília Excessiva, + Frio Excessivo, + Banhos Excessivos, + Leite, + Queijo, + Alho, + Cebola, + Batida ou Barulho Excessivos, & cheirar Rosa branca”. Fiquei pensando qual dessas indicações manteríamos hoje e que outras incluiríamos. Sempre que atendemos os nonagenários (palavra estranha aos nossos ouvidos, que se torna cada vez mais comum) nas consultas de primeira vez, pergunto o segredo para se chegar tão longe. A maioria responde que deixou de se preocupar com as coisas. Importante acrescentar isso à lista.*

*Te contando mais das pesquisas e leituras dos últimos tempos (interrompidas pela maldição da Netflix), conheci um trabalho chamado Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade<sup>11</sup>, da Mariele Rodrigues. Foi lá que descobri o nome do sujeito que inventou a geriatria (ou melhor, cunhou o termo; uma invenção nunca é de um só, não é mesmo?) e fez ali um campo diferenciado de estudos e intervenções. Antes, disse ela, o interesse científico no envelhecimento se dirigia a buscar formas de retardá-lo e as diferenças etárias não eram consideradas na prescrição de tratamentos. Admitia-se que havia enfermidades próprias da idade, mas esse fato não afetava diretamente os modos de cuidá-las. Eram consideradas um processo natural à vida e sobre o qual havia pouco a se fazer. Em 1909, o termo geriatria apareceu num artigo do tal médico norte-americano Ignatz Nascher, que cinco anos mais tarde publicaria um livro a servir como base clínica das doenças da velhice. Nascher dedicou um extenso estudo ao detalhamento dessas doenças, assumindo a ideia de uma degeneração celular com consequências sobre físico e o psíquico e pedindo atenção então para a criação de uma especialidade própria. Os conceitos de saúde e doença caminhavam numa fronteira tênue, entre os processos que eram inerentes à vida e os que podiam ser alvo de ações. Mas de toda essa história o que achei mais interessante foi uma curiosidade de bastidores: a geriatria não ganhou a simpatia da medicina de imediato por oferecer, além dos tratamentos convencionais, propostas terapêuticas pouco ortodoxas, como a prescrição de tônicos, atividades de leitura e jardinagem, apreciação musical, companhia de outras pessoas. A autora faz uma crítica ao entender esse movimento como uma apropriação das atividades de lazer pelos receituários médicos, e se de alguma forma isso se deu, o que penso é que as*

---

<sup>11</sup> Mariele Rodrigues Correa. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.



*experimentações desse novo campo podem ter servido para ampliar e considerar outros elementos que contam para o cuidado à saúde.*

*Me lembrei agora de uma autora por quem a gente tem muito apreço no grupo de estudos da pós, a Annemarie Mol. Ela diz que muitos tratamentos são guiados pela lógica da escolha, que consiste em apresentar um leque de opções e deixar que o paciente adote uma delas, pela qual passa a ser responsabilizado individualmente<sup>12</sup>. Esse modo acredita que o bom cuidado tem a ver com a criação de mais possibilidades de escolha, quando na verdade está longe disso. Mol desenvolve sua teoria acompanhando pacientes diabéticos na Holanda, mas podemos buscar aqui mesmo nossos próprios casos. Dia desses fui encontrar minhas amigas de faculdade e uma delas é mãe de gêmeos há três anos. Contou que foi ao psiquiatra como mais uma iniciativa para cuidar de sua insônia, que a acompanha desde que os pequenos chegaram. No atendimento, ele perguntou das rotinas e terminou a consulta dizendo que já era hora dos meninos dormirem uma noite inteira e que, se não o faziam, ela devia rever sua postura. Minha amiga, que construiu uma relação de cuidado e educação dos filhos de forma tão linda e admirável, saiu de lá se sentindo a pior mãe do mundo. A culpa é toda dela. E nas conversas, ouvimos como foi duro ficar semanas sem poder estar com eles (e eles com ela) quando nasceram, e isso sempre trazia uma sensação de abandono que ela guardava e achava que podia ter deixado marcas nos três. Lembramos que essa não era a palavra para dizer do que acontecera lá: ela tentou de toda forma driblar as restrições médicas para estar próxima, não abandonou os meninos, esteve. E se houve algo de traumático para eles, que isso fazia parte da vida e foi o que permitiu que crescessem e saíssem do hospital. Ela falava desse sentimento de mãe que não desliga de preocupar-se constantemente com o bem-estar dos filhos. E a gente foi concluindo que a vida também está aí para cuidar, que é difícil controlar tudo o tempo todo e que é preciso confiar também em nossas redes. Nós que estávamos ali ainda não partilhávamos dessa experiência da mesma maneira que ela, e se isso fazia abrir novos olhares, era imprescindível escutá-la no que ela vivia, nas delicadezas, angústias, alegrias envolvidas no tornar-se mãe. O que conta para a saúde de uma mãe, ou melhor, dela enquanto mãe? Ao fazermos essa pergunta, passamos à lógica do cuidado, que entende que sempre existem muitas relações a*

---

<sup>12</sup> Annemarie Mol. *The Logic of Care: health and the problem of patient choice*. London and New York: Routledge, 2008 (A Lógica do Cuidado: saúde e o problema da escolha do paciente. Tradução: Amanda Muniz, Heloiza Pontes, Josselem Conti, Juliana Souza, Marília Silveira, Márcia Moraes, Maudeth Braga).

*serem consideradas nesse processo, buscando o cuidado em seus próprios termos e nas práticas cotidianas. Para isso, é preciso ouvir essa linguagem. Há um cotidiano, uma história, uma dinâmica singular da vida de cada paciente. Se as prescrições são lançadas ignorando tudo isso, é mais fácil que não funcionem e mais fácil ainda culpabilizar o paciente por essa falha, porque foi sua escolha.*

*Quando disse que admirava seu trabalho, é porque vejo sua prática conduzida pela lógica do cuidado. Sempre que me partilha inquietações dos casos é considerando a complexidade de cada história, feitas de tantos entrelaços. Saúde e doença, como advertiu George Canguilhem, não são estados pesados por médias estatísticas, mas pelas relações onde se inserem<sup>13</sup>. Um estado de saúde não tem a ver com um corpo que não reclama, mas com sua capacidade de produzir novas normas para si. Se considerarmos apenas a deficiência na produção de insulina nos pacientes que Annemarie Mol acompanhou, prontamente identificaríamos um estado patológico. Mas se percebermos que a mesma paciente que usa insulina consegue ser atleta de alto rendimento quando une uma série de coisas, como as injeções, a alimentação que faz antes da atividade, a percepção do marido que já notou seu mau humor quando o açúcar está baixo, esse corpo encontrou outras normas para a vida. Li um artigo bem interessante do Daniel Groisman<sup>14</sup> onde ele expõe a dificuldade da geriatria e da gerontologia em delimitar seu objeto de estudo. A segunda, talvez ainda mais ambiciosa, parece querer dar conta de tudo que se refere à velhice, da previdência social à sexualidade na terceira idade, passando pelos efeitos do consumo de vinho na longevidade ou novas drogas para depressão. E o nó difícil de desatar para que se estabeleçam finalmente enquanto disciplinas, diz ele, passa pela dificuldade em delimitar claramente as fronteiras entre o normal e o patológico na velhice. Quais os limites entre os processos naturais à vida e a doença? O que Groisman acha uma confusão, eu penso que pode ser um trunfo. Porque para construir um entendimento sobre isso é preciso escuta, e talvez seja isso que torna a geriatria uma especialidade sensível a ela.*

*Sempre me lembro de um dia em que estávamos nos atendimentos de primeira vez e a avaliação psicológica sugeria na paciente um declínio cognitivo, confirmada em sua consulta como um processo já inicial da demência. Mas não*

---

<sup>13</sup> Thiago Loreto Garcia da Silva, Alice Einloft Brunnet, Daniele Lindern, Adolfo Pizzinato. Alethea. *O normal e o patológico: contribuições para a discussão sobre o estudo da psicopatologia*. Canoas: PUC-RS, Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), 2010, número 32.

<sup>14</sup> Daniel Groisman. *A velhice entre o normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, História, Ciência, Saúde, 2002, volume 9.

*havia queixa da filha que cuidava da paciente nem dela própria, sem ignorar que os esquecimentos já eram presentes e claramente perceptíveis. Elas inventavam normas para lidar com isso. A medicação disponível hoje para o Alzheimer não teria efeitos transformadores na progressão da doença, e sua escolha enquanto médica foi não incluir mais alopáticos na rotina de comprimidos e manejar com os que já existiam. Para que funcionariam naquela vida? A pergunta, a escuta, a reflexão antes da medicação para intervir sobre o que difere, simplesmente porque difere. Meus aprendizados contigo, com sua clínica. Que as nossas conversas sigam por muitos anos, e muitas cartas, e muitas manhãs de quinta-feira.*

*Beijos, Lulu*

Querida,

Li a carta, acho que está ótima, é isso mesmo a lógica do cuidado fala do cuidado como prática relacional - entre muitos, não apenas entre dois, um que cuida outro que é cuidado. O bom cuidado é o que leva em conta que esses muitos que estão em relação - humanos e não humanos - e que demandam trabalho para estarem articulados. Trabalho cotidiano, diário. Cada intervenção médica é mais um elemento nessa complexa rede de relações. O bom cuidado há que levar isso em conta.

Me vem à mente uma história que vivi com meu pai velhinho: cardiopata gravíssimo (sobreviveu a um infarto, com cirurgia de emergência e a não sei quantas outras intervenções cardíacas), com parkinson há quase 8 anos, cego. Costumo dizer que papai é o Yoda: a força está com ele. Pois bem. Numa Páscoa recente ele passou super mal do coração e nós o levamos a uma emergência hospitalar, onde permaneceu internado por 3 dias. O plantonista que o atendeu disse-nos que ele precisava fazer mais uma intervenção cardíaca, mais um cateterismo ou angioplastia para que o diagnóstico pudesse ser corretamente estabelecido.

Antes de aceitarmos qualquer decisão, conversamos com papai que, lúcido e categórico, disse-nos que não faria mais uma intervenção de jeito algum, já havia feito muitas ao longo da vida - além das cardíacas, fez também 15 cirurgias nos olhos antes de cegar. Chamamos o cardiologista que acompanha meu pai desde o infarto, há exatos 16 anos - naquela altura, eram 16 anos de parceria entre ele e papai. O médico veio ao hospital, conversou com papai e nos chamou, a mim e meu irmão, para uma conversa. Ele começou assim: - O pai de vocês é um cara que gosta de música, vocês entendem isso? O cara gosta de música. Ele chega no meu consultório e a gente conversa sobre música. Vocês entendem? Ele tem 80 anos, uma vida cheia de intervenções cirúrgicas, ficou cego, perdeu a mulher e o cara gosta de música! Entendem o que quero dizer?

Ficamos, meu irmão e eu, ali, diante dele a ouvir isso: nosso pai adora música, gosta das clássicas, de jazz e está sempre descobrindo novos sabores para os ouvidos. E o médico prosseguiu:

- Como é que eu posso autorizar que um cara como esse seja transferido desse hospital para outro, para fazer uma intervenção no coração, ficar num CTI? Como? O que está lá dentro do coração dele eu já sei o que é. O cara gosta de música! Pegar um paciente desse e recomendar o cateterismo é o procedimento padrão, é o que tem que ser feito. Mas nesse caso não dá para seguir o padrão, entenderam? Eu acompanho esse cara há 16 anos, o que tá no coração dele eu conheço e vou dizer para vocês o que é minha convicção: se ele for transferido e fizer essa intervenção padrão, ele vai morrer. Isso eu posso dizer a vocês. Ele não vai aguentar esse procedimento, não dá. Cuidar da vida do pai de vocês é como um malabarismo, a gente tem que manter

pelo menos 6 paratos no ar, todo o tempo, são 6 paratos no ar para serem mantidos. Isso é a vida dele. Acontece que toda hora lançam para a gente um parato novo. E o que ele tá vivendo aí dentro desse hospital é esse parato novo. A gente agora tem que manter 7 paratos no ar. Isso é a vida dele. O cara gosta de música e nós temos 7 paratos para manter no ar. A minha opinião é: leva esse cara para casa, deixa ele ouvir música. Agora, eu vou ser honesto com vocês: levar ele para casa tem risco. Tem risco de morte. Mas deixa-lo aqui ou levá-lo para mais uma intervenção não tem o risco da morte, tem a certeza. Aquele coração que tá ali dentro não aguentará mais nenhuma intervenção cirúrgica, não dá. Eu levaria esse cara para casa, para música. Lulu, foi essa conversa. E de lá para cá já se passaram uns 4 anos. Tiramos papai do hospital, assinamos um termo de responsabilidade por essa decisão. Eu o levei de carro para casa e quando ele saltou do meu carro, como uma dificuldade enorme de se locomover, ele me disse:

- Não se preocupe comigo, eu vou ficar bem. Vou descansar agora. Amanhã tomo uma cerveja para comemorar que eu tô em casa.

Um beijo minha querida, nesse dia tão cheio de tristezas com a morte da Marielle.

Marcia

Querida Talita,

*Ontem foi dia de sairmos com a Oficina de Cinema. Assistimos o pior filme do mundo. É o custo das aventuras rumo ao desconhecido: por vezes gratas surpresas, noutras os piores filmes do mundo. Mas apesar, há sempre as andanças pela cidade, e isso basta para justificar os projetos que nos tiram da policlínica. Cada uma de nós tem um passo: um segue mais firme, outro tateia o chão; há o que anda mais depressa e o que precisa de tempo. Mas no fim inventam um ritmo comum a fazer de todos um mesmo grupo. Vou sempre ao lado de alguma das senhoras, revezando as parcerias, na escuta das tantas histórias que têm para contar. Me contam da família, do cotidiano, de um passeio, das memórias, de papos furados e deliciosos. No caminho, falávamos sobre as palestras da nutrição, que tiraram a carne do feijão, o açúcar do café e trouxe mais saúde aos cardíacos. Mas aí chegou um filho do nordeste que adora cozinhar, e o feijão dele era com calabresa, e como fazer uma desfeita dessas? E na quermesse de São João, contou a outra, estava sentadinha ajudando no caixa e apareceu uma canjica, e um angu à baiana, e uns doces assim, que chegavam sem serem pedidos e estavam todos uma beleza. E da conversa sobre como a alimentação cuidadosa é importante passamos a como a cocada é uma maravilha das deusas. Me lembrei de você dizendo que, depois dos oitenta, médico nenhum vai te dizer o que comer, mas juramos jamais contar essa confissão aos pacientes. Jamais contaremos.*

*Chegamos ao cinema e enquanto a sessão não começava, mostrei à Clara o Instagram de uma moça que adora plantas. O apartamento que vemos pelas fotos parece uma selva de tanto verde, de todos os tipos e tamanhos, com todas as folhas que você imagina. Clara sempre conta das plantas que tem no quintal e que agora anda enterrando uns caroços de frutas. Já fez crescer três pés de abacate assim. Mostrei a imagem dos caroços de melancia com os quais fiz o mesmo e cresceram como cabelos de medusa. Compartilhamos a vibração de colocar uma semente na terra sem imaginar no que irá se transformar, e ela se transforma em folhas sempre tão variadas. As da beterraba, me disse, tem duas cores – vou fazer o experimento aqui em casa para ver isso de perto. Aí Jovelina me disse que não gosta muito desses celulares; nossa geração vive dentro desses aparelhos e tem se esquecido de conversar. É por isso que vai ao CATI, para conversar, porque os netos ficam mergulhados nisso e as trocas que uma conversa promove alarga o mundo – e a nossa geração tem se esquecido disso.*

*Meu mundo sempre fica maior quando as ouço. Já acompanho essas senhoras há tempos e institucionalmente andamos até pensando sobre a repetição de suas presenças em várias das oficinas que ofereço. E ainda assim há sempre histórias novas, porque elas já viveram muitas, porque as inventam todo dia mais. Saímos da sala de exibição comentando o desastre de filme e dona Dalva me fez rir à beça contando da primeira vez em que reuniram a família para ir ao cinema. Era um título que tinha borboletas no nome, era uma frase quase poema. Só já acomodados na cadeira descobriram que se tratava de uma história picante, com cenas bem incômodas para se ver ao lado dos parentes. O filme que nós havíamos assistido era de comédia, mas girava em torno de um roteiro que envolvia a investigação de crimes numa cidade pacata. Alguém se queixou que não aguenta mais ver coisas relacionadas à morte, e dona Dalva mais uma vez tomou a palavra, disse que não lidava bem com isso mas andou perdendo tantas pessoas próximas que está colocando na cabeça que a morte faz parte da vida – e mais uma vez salvou o pior filme do mundo.*

*Seguimos de volta ao metrô e Jovelina me contou que ali naquele prédio havia acontecido um assassinato décadas atrás. Abrigava em seus infinitos conjugados todo tipo de ilegalidade e perigo, até que depois desse evento manchete-de-jornais algo começou a mudar por lá. A portaria tinha tapumes de reforma: talvez estivessem fazendo novas mudanças. Memórias antigas, despertadas pelo prédio e pelo filme, que seguiam mais longe, a outras partidas, a de seu pai. Lembrou que antigamente corria-se para ascender uma vela e colocar nas mãos daquele que se despedia, para que a alma não ficasse no escuro – era assim o costume. “Como os costumes vão mudando, não é mesmo?”, me fez essa pergunta-conclusão. Os rituais de fé que hoje ela mantém chegaram às gerações seguintes com seus ensinamentos, mas cada um dos rebentos, e dos rebentos do seus, foi dando outras importâncias e assim os costumes foram mudando. Lamenta por isso. Mas na hora da prova, “vó, reza para mim?”; na hora da saída, “unge minha cabeça?”; na hora que a avó assiste a missa na tv, encostam a porta e avisam baixinho a todos: “ela está rezando”. Não é da mesma maneira que seguem os rituais, mas as sementes que plantou crescem, com suas folhas diversas.*

*E no meio da conversa, Dalva nos chamou atenção e apontou para as cocadas maravilhosas expostas na barraquinha da calçada. “Não quero não”, Jovelina respondeu. “Mas não precisa querer, é para olhar também, é bom olhar as coisas”. É bom olhar as coisas, para saber delas, só para saber delas e admirá-las.*

*Que interessantes são essas senhoras, não é? Fico impressionada como são fáceis de papear. De tudo tiram histórias – as próximas gerações precisam aprender isso. Meu mundo sempre fica maior quando as ouço. E se as histórias alargam o mundo, o mundo alarga as histórias, que brotam a cada passo em contato com o caminho. Violeta já morou no exterior, disse que ficava impressionada como havia velinhos andando na rua. Não os via aqui, mas agora tem sido diferente. Ela mesmo é uma das velinhas que anda na rua e ocupa os espaços da cidade. Sigamos nessas aventuras.*

*Te escrevo esse manifesto antiburocrático para compensar os relatórios-dados-procedimentos-padrões que andamos preenchendo ultimamente e perdendo os parazos – nosso protesto inconsciente. Mas fique tranquila, aquele de hoje já chegou ao destinatário (gradidão à Rosa que me ajudou à beça). Aproveite as férias, mas não demore muito, volta logo, tenho histórias para te contar.*

*Beijos, Lu*



Carta linda, você escreve sempre muito bem. Tem razão em valorizar seu trabalho com esses relatos, tão difícil para quem só entende gráficos e estatística compreender.

Eu penso em tanta coisa quando contemplo o envelhecimento. Dos pacientes, dos meus entes queridos...

Seu relato me lembrou da minha sogra. Ela é cheia de rituais, costumes que não se tem mais. No réveillon prepara um monte de comida diferente e faz questão de cada uma, todas com um símbolo: o peixe que nada para frente, a lentilha que atrai fartura e por aí vai. Passamos essa data juntas há anos e foi sempre assim. Só pode comer depois de meia noite (sem graça porque já tá tudo frio e eu já meio bêbada). Só agora há pouco que ela passou a ficar menos chateada quando alguém mexe na mesa antes por causa das crianças que foram nascendo e não podem comer tão tarde.

Aí eu penso: quando ela se for, quem vai fazer isso tudo? Quem vai fazer questão disso tudo? Quem vai passar o dia inteiro em pé assando pernil e fritando rabanadas?

É, as rabanadas tendem a se extinguir. Lembraremos com saudades...

Vida que se renova. As próximas gerações terão no máximo um arroz, salada e farofa para comer com churrasco. Isso se eu não inventar um macarrão de ano novo! Isso se eu estiver lá no ano novo.

Mas dieta depois dos 80, isso eu não faço mesmo e tenho pena de não poder dizer aos parentes e pacientes.

Os filhos deles me cobram todo dia um remédio para teimosia. Eu agora dei para responder que estou pesquisando. E quando descobrir vou pedir baixa, patentear e ficar muito rica vendendo esse milagre. Mas não vai ter remédio para teimosia só dos pais, vai ter para a dos filhos também!

Os filhos ainda não sabem disso, não podem saber que estou do lado é dos pais!

Beijos, amiga

Talita

### **Cartas 3- Sobre o cuidado**

*Cartas trocadas com Ana Claudia Monteiro*

Querida Luciana,

Queria começar dizendo da minha dificuldade em executar esta tarefa que me foi endereçada: escrever uma carta de qualificação<sup>15</sup>. Minha estranheza vem de muitos lugares, alguns mais visíveis, outros mais escondidos. Das estranhezas mais visíveis destaco a tensão entre o tom intimista da carta e a exigência acadêmica da qualificação. Escrevemos cartas para dizer das coisas cotidianas àqueles que estão longe. Esta maneira de nos fazer presentes me trouxe uma lembrança de adolescência, quando minha mãe e minha madrinha, amigas de longa data, riam animadamente de uma carta escrita pela mãe de minha madrinha, que, naquela época, morava longe. O motivo de tanta risada era justamente a repetição, em diversos momentos, destas palavras: “Fulano morreu”. Assim, a carta ia e vinha, contava da vida cotidiana daquela cidade pequena do interior do estado do Rio e, subitamente, a frase: “Fulano morreu”. A carta continuava, falando dos vizinhos, dos casamentos, dos nascimentos e... “Não sei se disse antes, mas... Fulano morreu”. Ela estava entremeada desta morte e as duas leitoras riam-se da repetição. Lembrança agri-doce porque a memória sempre foi algo de que ríamos muito pelas distrações da minha mãe, sempre enrolada com esta tal memória. Hoje, em sua doença (ela tem Alzheimer), não é a ausência de memória que mais nos entristece, mas as ausências. Sejam memórias, sorrisos, tomadas de decisão, são estas ausências, as lacunas de existência, que me surpreendem e doem. Talvez haja um lugar para as ausências em seu trabalho, não sei. Acho que é neste momento que minha carta começa a deslizar de uma narrativa pessoal a uma possível dica de escrita acadêmica. Mas, como fazer isso sem cair num tom pessoalista? Talvez trazendo esta história para outros lugares, deslocando seus sentidos e fazendo destas ausências o meu fio condutor desta escrita. Escrevo num domingo, dia de estar com minha mãe, que neste momento dorme no sofá depois de ter partilhado o almoço conosco. Corro o risco da intimidade, mais uma vez, do tom intimista da personalidade, mas permaneço aqui, escrevendo, buscando para tal impasse uma saída que nos faça seguir adiante. De maneira inesperada ela aparece no escritório,

---

<sup>15</sup> Essa carta é fruto da qualificação, momento em que a banca de professoras avalia o trabalho ainda inacabado e sinaliza caminhos e questões. Tivemos a autorização para realizá-la através de cartas e esta é uma das respostas.

sua presença e suas lembranças estão aqui, mais uma vez, disparadas pela ligação de um primo distante que disse vir visitá-la em breve. Laços. São estes que nos sustentam. Lembranças (res)suscitadas pelos laços amorosos, pelos encontros e por toda uma vida de partilhas: mesas, leitos, cadeiras, cozinhas, hospitais, casas, escolas, igrejas partilhadas. Mamãe diz que vai me mostrar um livro em que esta prima distante escreve: partilha em forma de dedicatória. Apresenta-me então um livrinho: Sementes de Felicidade, com a dedicatória de sua prima “à minha irmã querida do coração, o coração da sua Maninha. Mariinha, felicidades, felicidades, felicidades. 03/10/1995, Baixo Guandu”. Dedicção, dedicatória, palavras de comunhão que apertam mais os laços, que nos trazem memórias antigas. As cartas co-memoram, nos lembram que ainda estamos aqui. Esta questão ainda me inquieta: as cartas são co-memorações entre aqueles que já partilharam tantas coisas e encontram-se distantes. Em nosso caso, Luciana, eu me pergunto: o que estamos co-memorando? Esta pergunta de difícil resposta me faz escrever, e escrever, e escrever. Procuo este ponto de encontro, esta intimidade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de te ajudar a escrever uma tese. Estou enredada neste problema e só consigo escrever, e escrever, e escrever. Talvez as palavras certas cheguem numa enxurrada, talvez você encontre algo aqui para pensar, garimpando nesta corrente de palavras. A velhice nos conecta, a beleza do seu texto também. Mas a sensibilidade com que você nos convoca a pensar, me desacomoda, me convoca a responder, com cuidado, com afeto. Mas, de que lugar responder? Da filha, da pesquisadora, da banca? Como fazer destes lugares coisas separadas? Como fazer desta carta uma escrita de qualificação? Não tenho uma resposta para isso... Só sei dizer destes afetos que me convocaram. Seguirei uma de suas pistas, para tentar sair deste imbróglgio, ou melhor, para me haver com isso. “Nesta pesquisa, no entanto, não dialogamos apenas com inspirações, memórias e fragmentos que juntos, inventam um personagem, mas com os próprios personagens e nossos encontros com eles”, você escreve. Me fez pensar: há corpo nesta história! É dele que partimos! Mas como fazer o corpo aparecer na escrita? Este corpo me ajuda a escrever? Como escrever COM ele? Talvez possamos seguir o caminho dos afetos, das afecções e, portanto, daquilo que constitui como corpo, ao mesmo tempo, singular e múltiplo. Mol nos ajuda a pensar nesta multiplicidade, Serres também. Serres nos diz que o que é universal é aquilo que faz com que as coisas se inclinem, se virem para uma mesma direção: uni vers. Assim, posso falar deste lugar, e arregimentar muitos afetos, sensações, presenças e partilhas, ao

fazer isso, chamo para este lugar um número considerável de coisas, faço com que estas coisas se apresentem alinhadas e dou a possibilidade de que este alinhamento se faça presente em outros momentos, em outros lugares. Minhas histórias se curvam e se conectam a outras histórias, elas não vêm de cima, mais vem dos lados, das partilhas e dos alinhamentos. Talvez ter/ser (tecer) um corpo seja um pouco isso: fazer das sensibilidades possibilidades de desdobramentos, virar-se um pouco aqui, desenrolar um pouco ali, ligar-se um pouco acolá. Nestes movimentos, vamos criando conexões, com fios e agulhas traçando este mapa de afetos, um pouco meus, um pouco estrangeiros. Sobre os afetos, a morte e as conexões, fiquei pensando no texto de Despret sobre o luto, sobre o lugar dos mortos, sobre nossas relações tão frágeis, acho que pode ser interessante. Pensei também sobre um dilema que é muito meu: me parece que a vida destas pessoas está permeada de profissionais – como a vida da minha mãe também. O que fazer com isso? Como isso aparece neste trabalho? Os especialistas estão presentes, cada vez mais presentes, esta tese fala do lugar de um deles, como isso será posto? Falo ainda deste lugar deslocado que ocupo, de alguém que tem um laço afetivo e familiar com uma pessoa que poderia fazer parte desta tese, como “paciente”. Não tenho uma resposta para isso, mas gostaria que esta questão fosse pensada com carinho. Peço desculpas pelo tamanho da carta, e pela demora em remetê-la, mas precisava de tempo, de cuidado e também de leveza para poder escrevê-la. Agora posso dizer: obrigada Luciana, obrigada Márcia, este texto me chega como um presente que se conecta a uma experiência agridoce: nos deparar com nossos próprios tempos e nossas próprias partilhas. São estas as palavras que pude doar a vocês neste momento.

Com carinho, Ana Claudia

Querida Ana Cláudia,

*Agradeço imensamente a partilha, encontrei na sua carta muito o que pensar. Talvez nela tenha encontrado o próprio texto com o qual também tenho que me haver, nessa escrita sobre a velhice. Porque ali estão presentes tantas delicadezas que venho acompanhando nesse percurso, pistas que me dizem sobre essa experiência com a qual sempre temos que nos haver, senão com a nossa própria, com a dos nossos próximos. As ausências, as memórias, as ausências das memórias, a rede de cuidados, os laços de afeto e, principalmente, as presenças. Você está aí para tudo isso que sua mãe vem atravessando, você está aqui também. As costuras entre o pessoal e a escrita acadêmica.*

*Dessas pistas que estão na sua carta, e que fui acompanhando no campo, puxei fios. A cada carta, a cada questão que ela movimenta, vou em busca das parcerias que ajudam nas escritas e reflexões. Nossos vícios acadêmicos ainda nos fazem crer que elas estão nos portais de artigos e estudos científicos, mas é na escuta das experiências que mais tenho aprendido. De maneira nenhuma diminuo a importância desses textos – neles que a gente também se ampara para melhorar o caminho e o caminhar. Mas se faço essa divisão entre os periódicos e a experiência é que ainda acho que temos muito trabalho à frente para estabelecer essa conversa de maneira mais sensível. Nos artigos<sup>16</sup> que encontrei sobre o que esta carta também põe em cena – o cuidado com quem cuida –, estavam observações que nos importam e que agora te digo. Sinalizavam que a população está vivendo por mais tempo, que houve um aumento da incidência de doenças degenerativas, como Parkinson e Alzheimer, e por consequência de pessoas que passaram a cuidar de quem adoece. Que estas sofrem uma diminuição da qualidade de vida pela dedicação intensa ao cuidado do outro. Que são, na maioria dos casos, mulheres. Que possuem outras tarefas e responsabilidades além. Que a sobrecarga*

---

<sup>16</sup>Keika Inouye, Elisete Silva Pedrazzani, Sofia Cristina Iost Pavarini. *Implicações da doença de Alzheimer na qualidade de vida do cuidador: um estudo comparativo*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Cadernos de Saúde Pública, 2010.

Marília da Nova Cruz, Amer Cavalheiro Hamdan. *O impacto da doença do Alzheimer no cuidador*. Maringá: Psicologia em estudo, 2009, volume 13, número 2, abril-jun, págs. 223-229.

Glenda Marreira Vidal, Felipe Nunes Brito, Débora Cristina de Abreu Gonçalves, Djeane Kathe Mascote Leite, Claudia Daniele Tavares Dutra, Carla Andrea Avelar Pires. *Perfil dos cuidadores e as dificuldades enfrentadas no cuidado ao idoso*. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2013, volume 16, número 1, págs. 149-158.

*traz uma série de prejuízos à saúde. Que a falta de paciência e de formação para exercer essa função foram apontadas como algumas das maiores dificuldades. Que um cuidado com o cuidador seria preservar sua inserção nas redes sociais, econômicas, culturais, espirituais e em espaços de acolhimento, troca e orientação. Tudo isso está afim ao que tenho colhido no campo e nos faz pensar nos tantos desdobramentos possíveis para cada uma dessas considerações. Mas não basta saber de tudo isso; é preciso (como li na última frase de um dos artigos – ufa, quase fica de fora) conhecer o universo dos cuidadores e suas relações com o idoso, para que a partir daí possam ser traçadas estratégias de saúde.*

*Outro dia atendi uma senhora de 84 anos que acompanhava à consulta o marido de 93. Como eu iria fazer a ela (que estava marcada para o horário seguinte) as mesmas perguntas dos testes cognitivos que dirigiria a ele, pedi que esperasse do lado de fora. Deixou a sala aflita e não sem antes distribuir mais uma ou duas orientações. Que não se preocupasse, eu disse, nós nos entenderíamos. A senhora temia (como de fato se deu) que o marido não acertasse as perguntas que eu faria sobre que data era, onde estávamos, se lembrava das três palavras ditas há pouco. As falhas na memória ficavam evidentes não só na dificuldade das respostas, mas na constatação que ele mesmo me partilhava: estava se esquecendo das coisas. Havia chegado ali sem o auxílio da cadeira de rodas ou o apoio da bengala, como geralmente chegam os pacientes de 93 anos. Se as pernas e a coluna surpreendiam pelo vigor, a memória já estava cansada. Falamos disso e ele respondeu com uma decepção resignada consigo mesmo, que tantas informações e formações havia guardado a vida toda. Eram as asperezas da idade. E na consulta de sua esposa, quando ele esperava lá fora, pude ouvir o lado de quem estava ao lado, contornando os esquecimentos a todo tempo, nas manobras e invenções cotidianas. O desafio maior estava sendo lidar com as acusações de que havia alguém pegando seu dinheiro. E como eram os dois a morar na casa, as suspeitas recaíam sobre ela. O que acontecia é que ele se esquecia onde havia guardado, e as notas eram depois encontradas em lugares improváveis.*

*Talvez uma das orientações mais valiosas que fui aprendendo com o campo e que mais me amparam na conversa com os cuidadores é sobre a construção da percepção da doença. No caso das demências, ouço muitos familiares se queixando de que o paciente inventa histórias, fala mentiras, repete perguntas para provocá-los. O que acontece, na verdade, é que eles esquecem e preenchem as lacunas com o que tem a mão. Uma participante do Grupo de Cuidadores, espaço que*

*ofereceremos semanalmente no Centro de Atenção, costuma dizer que lembrar disso a faz respirar e reorganizar-se quando a irritação fala mais alto. Diz até, com seu jeito perspicaz, que nas horas difíceis prefere colocar tudo na conta da doença, o que de fato é e o que ela nem sabe se é mesmo – e aí retoma a respiração para responder de outra forma.*

*As delicadezas do lidar são infinitas, e as medidas, a cada caso. A senhora de 84 anos contou que procura da maneira como pode preservar a rotina de tarefas do marido. Sem elas, talvez ele perdesse a motivação do viver. Moram no mesmo local há muitos anos, que fica ao lado de um supermercado. Faz a lista de comparas com especificações (“o arroz não é o parboilizado; se tiver dúvida pergunte a alguém de lá”) ou corta o rótulo da embalagem e coloca junto. Aí ele vai e traz os ingredientes para o almoço. Às vezes demora, ela diz, porque ele fala com os porteiros de todos os prédios. Troca palavras, conversa da vida e eles também passam a cuidá-lo. “Ele foi para lá...”, “ele passou aqui há pouco...”, e no caminho da ida e da volta há todos esses personagens envolvidos no cuidado. No bolso da calça, um papel com o telefone dos familiares e um celular de uso fácil. Foi o que ela considerou quando eu disse de minha preocupação com essas saídas solo. Os arranjos são delicados assim, feitos nos emaranhados de tantos fios: estimular a autonomia possível, mapear os riscos, considerar os outros atores dessa rede e o momento da doença... É provável que em breve esse arranjo não possa mais funcionar dessa maneira e precise ser revisto, porque a doença estará propondo novos desafios. E assim se segue, e assim rearruma-se. Mas o saber demais sobre a doença pode também servir apenas para assustar e antecipar o que não precisa ser vivido, como no caso uma filha que deixava de perceber a autonomia da mãe no manejo da casa e de seu cotidiano porque entendia que todas as pessoas que com algum déficit cognitivo não conseguiam cuidar de si. A relação ficava enfraquecida pelo cuidado excessivo e pelas orientações constantes.*

*Por isso é tão difícil traçar orientações para o cuidado de maneira mais estrita. O que podemos fazer é recolher algo das experiências e ver o que delas serve a cada caso, nas diferentes relações. Nas conversas e partilhas tão preciosas do Grupo de Cuidadores, construímos um pequeno guia com o que o grupo trazia, das táticas inventadas para lidar com as situações difíceis às ações que foram sinalizadas como um cuidado ao cuidador. Contamos a história de seu Cândido, que costumava dar uma volta de carro com a esposa quando ela não reconhecia a própria casa; e quando retornavam, ele lhe dizia: chegamos. Isso muitas vezes era*

o que funcionava para acalmá-la. Dona Carolina, um outro exemplo, falou que quando a irmã, que tinha demência, abria a bolsa para dar dinheiro às pessoas em situação de rua, ela se afastava. Não adiantava repreender (porque assim é que ela o fazia mesmo), ou tentar protegê-la daquela exposição sem precauções (porque isso gerava brigas), ou tirar-lhe o dinheiro (já que vinham as inúmeras queixas de que ela tinha seu próprio recurso). O que Carolina fazia era se afastar. Ouvi com estranheza essa condução, mas ela explicou que a irmã temia ficar só e por isso sempre a seguia – e assim abortava rapidamente a teimosa caridade e corria para se aproximar de novo. Isso é pensar e observar que ações são interessantes, quais funcionam, que outras irritam ou desorganizam. Ali, naquelas relações.

Ouçó as histórias e sempre encerro o grupo pensando na dedicação dessas pessoas a seus familiares. Uma dedicação que não é tecida pela a abnegação bíblica ou pela paciência incondicional, mas pelo amor e pelo tanto envolvido no estar presente para alguém que precisa de cuidados. À medida que o outro vai perdendo a gerência sobre sua própria vida, maior se torna a necessidade de alguém para intervir por ele. No grupo, costumo ouvir que ninguém perguntou se gostariam ou poderiam assumir essa função; a doença foi imperativa. O cansaço não é apenas do estar a todo tempo preocupado ou atento às necessidades do outro, mas de vê-lo atrapalhar-se cada vez mais nas memórias e no próprio corpo. É muito duro ver quem se ama não se lembrar de sua própria história ou agir de maneira tão diversa à que lhe seria esperada, como você me disse.

Por isso o cuidado também precisa chegar àqueles que cuidam. Me lembrei do que disse uma senhora de outro grupo, sobre as irmãs que só ligavam para se queixar da vida. A lamentação chegava a durar uma hora e aquilo era desgastante que só. Aí olhou para mim e observou: mas veja, você faz isso o dia todo, ouve a gente se queixar disso e daquilo. E antes que eu pudesse dizer que estava ali para fazer pensar sobre o que era dito, que esse era o meu trabalho, prometeu que iria fazer um nhoque para me presentear. Que eu também precisava ser cuidada. O cuidado é um gesto, uma escuta, um momento. Levei nos grupos um comentário de uma moça chamada Lua Fonseca sobre autocuidado, que dizia que a gente costuma planejar coisas mirabolantes e quase inalcançáveis quando pensa no cuidado consigo, e fazendo assim também nos boicotamos. O cuidado pode estar quando a gente para para respirar diante de uma situação difícil, ou consegue rir num momento de tensão, ou repensa uma atitude que nos está sendo tóxica. Quando toma um banho demorado ou então come uma coisa gostosa. Quando uma senhora



*falava do mau humor da mãe e o grupo já começava a rir das frases ranhetas que ela encenava; quando outra contava para o grupo às gargalhadas que a irmã, ao ouvir suas ordens sobre o que deveria fazer, proclamava: eu não estou em Cuba!*

*Naquele material que produzimos, apontamos alguns cuidados que outras pessoas podem ter com o cuidador, como perguntar antes de sugerir, ouvir ao invés de criticar, se oferecer para ficar um tempo com o paciente e não escapar em visitas rápidas, acolher, dividir. O que vai nos ajudar a recompor as energias? O que vai aos poucos transformar o jeito como a gente se relaciona com as pessoas ou conosco mesmas? – Lua Fonseca nos pergunta em seu texto. Talvez isso ajude na busca de um cuidado cotidiano, para nós, para o outro. Encerrando nossa escrita sobre o cuidado produzida no grupo, está a seguinte observação, recolhida das viagens de avião: em caso de despressurização, as máscaras de oxigênio precisam ser colocadas primeiramente em nós para que aí possamos ajudar as outras pessoas, senão não estaremos em condições para tal. É preciso respirar, como o sopro que chegou do encontro de terça e com vocês. Respiremos.*

*Um beijo,*

*Lu*

## **Cartas 4- Sobre a memória**

*Cartas trocadas com Camila Meireles*

*Querida Camila,*

*Nesse fim de ano fui passear na livraria e saí sem meu décimo terceiro. Acho que é aquele cheiro de livro novo que embaralha os sentidos e deixa a gente meio sem juízo. Nas sacolas que trouxe, veio um presente para ti: entrego quando nos vermos. Já adianto porque não sou muito boa em fazer surpresa e acho que a espera pelo presente fica melhor ainda quando a gente já sabe o que é. Em breve, chega em suas mãos a autobiografia da Rita Lee, um baú de histórias incríveis. Só para dar gosto: ela fugiu com duas jiboias, usadas numa performance bizarra de um Rockstar, e as levou para casa para cuidar das bichinhas. Queria te contar mais dessa e de tantas outras, mas leia primeiro, não vou ser estraga prazeres. Terminei esse livro esperando o próximo, porque se envelhecer é uma loucura (não é para maricas, como ela disse), acredito que as histórias pela frente possam ser ainda melhores. Mas o que mais me impressionou nessa autobiografia (e olha que tem um tanto para se impressionar ali) foi o detalhamento de tantas aventuras vividas há sei lá quantos anos. Se da metade do caminho (e levando uma vida mais sossegada, mesmo que nem sempre de sombra e água fresca) os causos já me escapam pelos vãos da memória, imagina quando chegar aos 70! Aí descobri lá na última página um agradecimento importantíssimo ao jornalista Guilherme Samora, amante da vida e obra da cantora, que acumulou um verdadeiro dossiê Rita e ajudou nas lembranças. A memória está na cabeça, e nas palavras, nos objetos, no afeto, no corpo, no outro que também guarda as nossas histórias.*

*O prédio onde trabalho é hoje uma policlínica. Soube pelas pacientes que ele havia sido construído e funcionado como um hospital maternidade. Aquelas salas guardavam a alegria das chegadas, as dores do luto, a gratidão pelos que estiveram ao lado, as feridas dos desastros. Nos atendimentos de primeira vez, ouvi muitos relatos sobre as experiências que elas tiveram ali. As paredes despertavam memória. Outro dia descobri que havia ainda um outro antes: antes de ser hospital, era uma extensa propriedade que abrigava um casarão – o senhor de 92 anos que me contou chegou a conhecer a família que morava lá. O testemunho do tempo esticava a história daquele terreno. Há uma memória nossa, vivida a partir dos encontros, preservada e transmitida a partir de outros encontros, que é tão singular*

*que só existe enquanto existimos. Quando alguém morre um mundo também acaba. Mas ele ajuda a formar a matéria da qual o mundo que fica é feito.*

*Li numas dessas reportagens reflexão de fim ano e blábláparangolé que devíamos deixar sempre à mão papel e caneta. Todos os dias escrever uma coisa pela qual nos sentimos gratos e guardar dentro de um pote. Resolvi fazer uma adaptação para as coisas que mereciam ser lembradas e depois esquecidas e deliciosamente trazidas de novo. Meu pote foi substituído por um aplicativo de celular e a caneta por pequenos textos com imagens e áudios. Não divulgo; são as minhas memórias particulares, partilhadas pontualmente com os meus. Mas esses recortes da vida estão também nas outras redes sociais, que incluem as pessoas próximas, algumas conhecidas e outras que ainda não sei se são de carne e osso, e assim vamos deixando rastros de nós por aí e com eles. Há sempre um perigo nos movimentos, e nessa era do registro excessivo, dos shows onde vemos o palco através dos infinitos celulares apontados para ele, é o de atropelar a experiência na ânsia de capturá-la para que seja constantemente exibida (e apreciada pelos seguidores à distância). Sobre as consequências disso ou os caminhos que nos levaram aí já tem gente à beça discutindo, mas o que penso cá com meus botões é que talvez seja uma tentativa desesperada de guardar o tempo e a memória, como se, ao espalharmos o presente para tantas testemunhas quanto possível, estaremos perpetuando-o. O mais curioso é que o presente em demasia pode sufocar a presença, sabemos tanto sobre o outro sem ao menos encontrá-lo. E a falta das presenças pode justamente ser o que nos faça temer ser esquecidos, e voltamos a espalhar memórias pela rede. Isso faz algum sentido, Camilete? Me diga – estou pensando enquanto escrevo essa carta.*

*Tememos também esquecer. Talvez a principal queixa que leva pacientes e familiares a buscar um cuidado no Centro de Atendimento à Terceira Idade seja o esquecimento. Na velhice, não lembrar o que se foi buscar na geladeira ou onde guardou as chaves deixa de ser uma pequena atrapalhão do cotidiano para se tornar uma preocupação. O Alzheimer estaria à espreita? Lá no setor, investigamos a causa desse sintoma a partir de exames clínicos, testes, entrevistas, podendo sim estar relacionada às doenças degenerativas, mas também à carência de uma vitamina, a um período de depressão, àquilo sobre o que não se quer lembrar, distúrbios da tireoide, noites mal dormidas ou ainda um enlace de fatores. Cada uma dessas direções pede um tratamento e uma abordagem. Ainda que não haja cura no caso das demências, a estimulação e o uso de medicamentos são recursos que*

*ajudam a desacelerar sua progressão. Minhas referências na clínica consideravam a memória como uma dinâmica entre afetos e narrativas, com um funcionamento complexo e atrelado às questões de cada sujeito. Mas nesse campo descobria também os efeitos de quando o cérebro começava a sofrer lesões, provocando a degradação contínua da cognição, das funções motoras e fisiológicas.*

*As doenças neurodegenerativas têm suas fases e características específicas, mas o caminho de sua evolução implica a fragilização das pontes do sujeito com o mundo, a lhe roubar progressivamente as palavras, as recordações, a administração do cotidiano, o reconhecimento de familiares e até de si mesmo, como você já sabe. O que somos senão nossa memória? As histórias que vivemos, os afetos que construímos, tudo o que aprendemos. Logo que entrei no setor, uma das médicas geriatras, a Talita Reis, com quem tanto aprendi e se tornou uma parceira importantíssima nesse trabalho, me emprestou o livro *Para sempre Alice*, que pouco depois ganhou adaptação para telonas e levou o Oscar à Julianne Moore. Na cadeira do cinema ou no sofá da leitura, assistimos impotentes a progressão do Alzheimer tomar pouco a pouco o que faz de Alice ela mesma, mas também sua luta constante para preservar as decisões onde se reconhece. Mas quando parece que nada mais há, quando as conexões neuronais falham nessa percepção, as conexões da vida são o que a mantêm para sempre a Alice. O filme não é apenas sobre a perda da memória da personagem, mas sobre os embates, dilemas, rearranjos, afirmações que vivem os que estão em torno e para os quais ela jamais deixará de ser Alice. Nunca me esqueço de quando sua vovó disse que queria um bolo de coco de aniversário. Você sabia que no dia de comemorá-lo ela não lembraria mais disso, mas fez questão de que o bolo fosse de coco, porque naquela frestinha ela apareceu, e você ouviu, e isso era o que fazia você ser você e ela ser ela.*

*A memória é feita desses laços, entre o que fica em nós e o que deixamos nos outros. A doença que existe nos manuais ajuda a orientar o diagnóstico, esclarecer os familiares, preparar o sujeito, mas não é a mesma da doença encarnada. Ela não me conta como Ângela Maria não lembra o nome daquele que foi seu marido, mas faz as piadas mais perspicazes que já ouvi. Outro dia encerrei o grupo e João me perguntou se já poderia ir, ao que ela respondeu: “fica, toma mais uma”. Quase se esquece o bairro onde morou a vida toda, mas pede as músicas do Chico Alves e leva a mão no peito a dizer como aquilo é bonito. Quando a memória não puder nos salvar, que nos salve o bom humor e a sensibilidade. Nessa oficina*

*terapêutica, que é oferecida àqueles que já apresentam algum declínio cognitivo, nos apresentamos novamente a cada encontro. A repetição e o inédito caminham lado a lado e os nomes escapam no momento seguinte de serem ditos; nas dinâmicas e exercícios tentamos criar mais rugosidade para que não deslizem da memória com tanta facilidade. Cândido nunca guardava o meu, mas ao fim do encontro me procurou com a testa franzida de preocupação e perguntou porque eu não tinha ido na última semana. Expliquei o motivo e ele suspirou aliviado, “porque a gente acaba pensando que é alguma coisa de doença”. Cândido, que nunca lembrava como eu me chamava ou que custava saber quem eu era, lembrou da minha ausência.*

*A minha vó continua sendo das minhas pessoas preferidas de conversar, mas cada vez mais se esquece o que anda acontecendo no nosso mundo. No dia que não lembrou o nome da florzinha que carrego desenhada nas costas e que povoou nossas histórias de infância percebi que as pontes das quais falei já estavam começando a fraquejar. Talvez seja ela começando a se despedir de nós, porque nossos laços, tão fortes como são, não conseguem ser soltos de um momento para o outro. É a parte mais cruel e também mais humana do Alzheimer: permitir que a gente se desligue aos poucos daquilo que temos mais apreço, como você me disse uma vez. A arte de perder pode não ser um mistério, como escreveu Elizabeth Bishop, mas é um enorme desafio. Deixo aqui o discurso proferido pela personagem Alice, do livro, do filme, num seminário sobre Alzheimer, e assim me despeço, não sem antes pedir que continuemos essa conversa, mesmo que você (e eu também) tenha prometido nunca mais se envolver com a Academia e essas escritas tão sofridas.*

*Beijo da Lu*

*A poetisa Elisabeth Bishop escreveu: ‘A arte de perder não é nenhum mistério; tantas coisas contêm em si o acidente de perdê-las, que perder não é nada sério’. Eu não sou uma poetisa. Sou uma pessoa vivendo no estágio inicial de Alzheimer. E assim sendo, estou aprendendo a arte de perder todos os dias. Perdendo meus modos, perdendo objetos, perdendo sono e, acima de tudo, perdendo memórias.*

*Toda a minha vida eu acumulei lembranças. Elas se tornaram meus bens mais preciosos. A noite que conheci meu marido, a primeira vez que segurei meu livro em minhas mãos, ter filhos, fazer amigos, viajar pelo mundo. Tudo que acumulei na vida, tudo que trabalhei tanto para conquistar, agora tudo isso está sendo levado embora. Como podem imaginar, ou como vocês sabem, isso é o inferno. Mas fica pior. Quem nos leva a sério quando estamos tão diferentes do que éramos? Nosso comportamento estranho e fala confusa mudam a percepção que os outros têm de nós e a nossa percepção de nós mesmos. Tornamo-nos*

*ridículos. Incapazes. Cômicos. Mas isso não é quem nós somos. Isso é a nossa doença. E como qualquer doença, tem uma causa, uma progressão, e pode ter uma cura. Meu maior desejo é que meus filhos, nossos filhos, a próxima geração não tenha que enfrentar o que estou enfrentando. Mas, por enquanto, ainda estou viva. Eu sei que estou viva. Tenho pessoas que amo profundamente, tenho coisas que quero fazer com a minha vida. Eu fui dura comigo mesma por não ser capaz de lembrar das coisas. Mas ainda tenho momentos de pura felicidade. E, por favor, não pensem que estou sofrendo. Não estou sofrendo. Estou lutando. Lutando para fazer parte das coisas, para continuar conectada com quem eu fui um dia. 'Então, viva o momento', é o que digo para mim mesma. É tudo que posso fazer. Viver o momento. E não me culpar tanto por dominar a arte de perder. Uma coisa que vou tentar guardar é a memória de falar aqui hoje. Irá embora, sei que irá. Talvez possa desaparecer amanhã. Mas significa muito estar falando aqui hoje (...)*<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Filme Para sempre Alice. *Still Alice*. Ano de lançamento no Brasil: 2015.

Luluzinha,

Sempre bom ler seus escritos e mais ainda saber que estou nas suas lembranças. Quem diria que aquele elevador da UFF poderia testemunhar o nascimento da amizade, não é mesmo? Conhecendo essa amiga que te escreve, sabe bem a dificuldade que tenho em me expor, por isso sua carta me fez resgatar aquela velha desculpa do cisco nos olhos.

Como você também sabe, minha memória não tem lá uma grande capacidade de armazenamento de informações. Desde menina faço planos de registrar a vida para tentar guardar os detalhes e, quem sabe, resgatar as sensações do momento. Por esse motivo, me causa dor quando sou traída pela tecnologia, essa tal dos aparelhos que nos prometem memória artificial com espaços ilimitados para todos os documentos, fotos e e-mails trocados. Nunca rasguei fotos de pessoas que passaram pela minha vida, mesmo das que deixaram gosto amargo. Pior era a ideia de ter uma lacuna na lembrança... Quando comprei minha primeira máquina fotográfica (ainda de rolo de filme), lembro da sensação de querer que ela captasse exatamente o que eu estava vendo. Ela nunca atendeu essa minha expectativa. Não sei se o problema era a fotógrafa, mas acredito que as lentes não possam mesmo dar conta da respiração presa que algumas cenas provocam.

Em 2017, essa questão da memória ficou muito forte para mim. Ano de repensar a vida, os afastamentos que as mágoas promovem, o tempo que insiste em correr, as perdas de pessoas que carregaram com elas histórias também nossas... Não sei se comentei contigo, mas nesse processo de reconciliações com o passado, as trocas de cartas com meu pai foram costurando histórias de família e refazendo os laços. Muitas eu sequer habitava este planeta, mas são memórias que também fazem dele o pai que pôde ser para nós. Ele sim tem uma memória de dar inveja ao Dropbox. Numa dessas, contou que eu olhava um burrinho, que ficava preso à árvore no terreno baldio vizinho a nossa casa, e que me surpreendia por ele também usar sapatinhos!

Tentei em outros momentos manter um caderno do pensamento, mas minhas narrativas tendem a ser muito descritivas e os pensamentos não gostam de esperar pelo registro de tantos detalhes.

Como disse um cartomante há uns bons anos, minha vida é marcada por muitas perdas. Para além da saudade que bate, agora mais mansa, o que mais sinto é de não poder acessar essas memórias que ficaram com o outro. Ao pensar na

possibilidade de ter filhos (um dia!), me vem o medo de deixá-los precocemente... Penso sempre em escrever para esses filhos que ainda não tive, me antecipando a uma possível ausência. Na minha fantasia, escreveria sobre o quanto fazer escolhas é difícil, que é mentira que adultos sabem o que estão fazendo, que cometemos muitos erros, mas que não precisamos nos crucificar por isso... Diria que às vezes a vida faz parecer que vai nos engolir, que é preciso muita coragem para se deixar ser vulnerável e dar tempo ao tempo, mas principalmente, que sempre devemos ter o colo de alguns bons amigos nesses momentos!

Enfim, embora volta e meia eu me anime com as escritas, sempre acabo deixando de lado depois de algum tempo. Então, me perdoe se não conseguir seguir tanto com essas cartas... Hoje mesmo eu falava sobre as redes sociais e sobre essa vida que acontece atrás das telas. Fico pensando que ou corremos o risco das sensações sem registro ou do registro menos povoado de afetos. Mostrei para o tal moço que te falei um vídeo de um teste de atenção em que você deve contar quantos passes de bola o time de cor branca faz. Enquanto nos concentramos na contagem, um homem fantasiado de gorila passeia pela cena sem ser notado e debocha de nossa desatenção. Ou seja, sempre perdemos alguma coisa: ou os passes ou o gorila. Na vida, quero poder ver os gorilas! Por isso, decido ir compartilhando as histórias pessoalmente, vendo a reação das pessoas sem a ajuda de emojis. As histórias estão aí para serem compartilhadas mesmo! Mas são mais gostosas quando nos reunimos para lembrá-las. Encontrar as pessoas é o que faz com que as memórias fiquem e a elas se somem outras! Até as divergências das histórias ganham outro sabor. Não é bom quando o afeto nos faz incluir nas lembranças um amigo que não esteve na viagem da galera?

Li certa vez que os irmãos são nossa melhor ponte com o passado. Com a reunião para o anúncio de que a família vai crescer, entendi bem a veracidade dessa afirmação. Num tempo em que não tínhamos internet e redes sociais, havia tanta história para ser contada ali! Algumas eu podia quase reviver! Disso, entendi também que as histórias que mais se preservam são as mais carregadas de afetos.

Isso o Alzheimer da vovó também me ensinou. Ela já não sabia a diferença entre a imagem do Lula e do Pelé, mas cantava as músicas que aprendeu na escola e que povoaram também nossa infância. Ver alguém que amamos ir gradualmente se esquecendo de coisas tão habituais para nós, como onde estão as chaves de casa, seu próprio endereço, como se contam as horas, ou que a comida está na boca esperando ser mastigada é assustador. Nada comparado a vê-los se



esquecendo de nossos nomes, das filhas que já se foram ou perdendo a capacidade de se auto reconhecer numa foto ou espelho. Tantas vezes me perguntei o que mais a doença poderia tirar dela. Que cuidados e exercícios poderiam retardar essa despedida de si? Vivi em fases diferentes desse processo de cuidar dela o sentimento de uma despedida gradual de alguém fisicamente presente.

Não foram anos fáceis. Não mesmo! Preocupações, gastos e tantos ensaios de despedidas definitivas que perdi as contas. Pudemos aquietar nossos corações quando ela, já no processo terminal da doença, disse que pensava sobre a morte, que não tinha medo, mas ainda não tinha decidido nada. Eu achava que cuidava dela, mas de alguma forma, ela nos confortava também. Foi assim quando a angústia com a decisão familiar pela institucionalização me tirava o sono. Numa tarde ela me perguntou onde estava. Respondi com nó na garganta e de forma que ela entendesse: - aqui é uma casa para velhinhos. Enquanto eu esperava um olhar de decepção dela, ela responde tranquilamente: - de velhinhos? Então é aqui que tenho que estar!

Nessa viagem de 8 anos cuidando da vovó, se fosse escrever uma carta de agradecimento no final, como fez Rita Lee no livro que ainda vou ler, eu faria a dois médicos. Dessa profissão não conhecida pela escuta e pela sensibilidade, Gabriela e Virgílio (sem qualquer necessidade do uso do Dr.) foram nosso colo. No afã do melhor cuidado com ela, inclusive com a alimentação, pudemos ouvir da Gabriela que ela também gostaria de dar comida orgânica pros filhos, mas que às vezes eles iam comer mingau, porque era o que tinha na hora. O Virgílio, acompanhou toda a fase avançada da doença, sendo o médico da casa onde ela estava. Das decisões difíceis, como cuidados paliativos, ele sempre esteve ali para gente. Não só para ela, mas para gente! Para eles, ela não era a doença que progredia. Nunca faltou dos dois um: - oi Dona Ana, como a senhora está hoje? E foi com eles que também fui aprendendo a encontrá-la nas brechas de memória que se abriam. Fomos aprendendo que, na maior parte das vezes, a pergunta certa a convocava e ali estava ela, com todo seu gênio forte. Certo dia, ela estava mais quieta do que o habitual. Insisti nas mais diversas perguntas. Em algum momento, sem sucesso, perguntei: - tá tudo bem, vó? O que você tem? Sem meias palavras ela devolve: - mau-humor!

(pequenos parênteses: não sei se já viu, mas há um documentário chamado Inside Alive que mostra como tocar as músicas que os pacientes gostavam os reconectam à memória e a eles mesmos... é lindo de ver!)

Aninhas, como a chamávamos às vezes, era uma portuguesa com olhos de passarinho. Teve vida difícil e, até onde ouvimos, não era de grandes demonstrações de carinho. Ah, mas não com os netos... lembrar dela sempre vem com gosto de bala juquinha e colo! Já nos meses finais, quando o corpo esquelético chocava quem não a via há algum tempo, a rigidez lhe tomava os movimentos, as palavras já eram poucas, ela distribuía beijos. Muitos beijos! Exigia que aproximássemos o rosto e eram minutos de beijos! Se não fizessem barulho, dizia: esse não saiu!

No dia em que ela decidiu que já podia ir, ficamos ao lado dela, eu e minha irmã. Havia uma playlist feita especialmente para ela. Passamos a manhã deitadas ao seu lado. A respiração era muito difícil. Liguei pro meu irmão, que mora fora do país e por quem ela era apaixonada (vantagens de primeiro neto!) e por videochamada eles puderam se despedir. Ela, que não tinha quase forças para reações, sorriu ao ouvir a voz dele mandando beijinhos! Não se passaram 20 minutos e seu corpo relaxou.

Termino por aqui hoje porque a vista já embaça de novo, mas eu poderia escrever mais dez páginas só com histórias desse aprendizado que foi cuidar dela, e isso demonstra como o afeto pode superar a ausência da memória.

Beijos, Camila

Sem palavras com essa carta de uma Camilete que não conheço, mas cujas histórias me chegam à alma. MM

Querida Camila,

*Leio mais uma vez sua carta e mais uma vez os olhos transbordam, a vista embaça, entram os tais ciscos que você falou. É importante que isso também tenha espaço, algum que seja, porque sei que nas conversas contigo a gente sempre termina mesmo é dando risada. Outro dia, nas entrevistas de primeira vez, recebi um senhor de setenta e oito anos, cheio das graças. Seu jeito era assim, bem-humorado, a vida toda tinha sido, a filha contou. Ao fim do Mini Exame do Estado Mental já estava evidente a perda cognitiva: sofria de Alzheimer. Disse sim à questão da Escala de Depressão Geriátrica que indagava sobre os esquecimentos, e voltei a isso no fim da entrevista para abrir ao que pudesse ser falado dessa experiência: “então o senhor disse que acha que tem mais problema de memória que os outros”, ao que ele respondeu: “eu disse?”. Sorrimos. Se era piada ou não, não importava – ele tinha tornado. De vez em quando a gente se pega dando umas risadas dos esquecimentos que andam rondando a terceira idade na minha família. Humor é sempre sinal de saúde, eu penso. Quando alguém lá de casa pedia notícias da sua vó Ana, eu costumava contar as histórias engraçadas que vocês puderam recolher nesse percurso difícil, porque aprendi contigo que é preciso recolhê-las. São frestinhas de descanso, respiros. Mas pode ter ciscos nos olhos, lágrimas discretas ou ainda aquela choradeira sem pudores – fique tranquila, pode ter também. Não se esqueça disso nunca, a gente pode também chorar, e aqui sempre haverá um ombro, um ouvido, um abraço, uma piada para gente rir depois.*

*A Oficina da Atenção Ativa (aquele grupo de estimulação e troca para pacientes que já convivem com as demências) é de uma riqueza ímpar. Cada partezinha dessa tese me faz voltar a algum acontecido no grupo, e nessas cartas (principalmente nessas cartas) não seria diferente. Já comentei por aqui da Ângela Maria, conhecida pela perspicácia e rapidez das respostas engraçadas, mesmo que não lembre daquilo que acabamos de dizer. Uma vez um senhor do grupo contou que morava na Tijuca, ali pertinho da Policlínica, e eu brinquei: qualquer dia apareceríamos lá para tomar um café. Aí Ângela disse que a gente podia ir mesmo, e chegaria na casa, ficaria de papo, e se levantaria da mesa lá pelas onze horas, esperando alguém insistir para gente ficar até o almoço, aí sentaria de novo e rangaria também. E morreu de rir inventando essa história, e eu morri de rir junto. Ela é a mesma senhora que se emociona quando coloco as músicas antigas, das*

*letras bonitas, que fazem emocionar mesmo. É tão bom acompanhar isso – se as demências acabam por enfraquecer a memória, as emoções estão.*

*Comecei a ler um livro de um neurocientista chamado Dean Burnett, que desconstrói (de uma maneira engraçada e interessante, ainda que haja pontos para se pensar e questionar um pouco mais) a ideia de que o cérebro seria uma máquina infalível. As conexões entre os neurônios e todo o sistema que envolve a memória está mais para aquele emaranhado louco de luzes pisca pisca que guardamos do último Natal que para as pastas onde separemos os arquivos no computador. Há ali uma base de dados incrível, mas a maneira de armazená-la e acessá-la está sujeita a uma organização bem diferente. Certas informações podem ganhar mais importância que outras, sofrem adaptações, nos pregam peças porque sabemos que estão lá e às vezes não conseguimos nomeá-las. A neurociência entende que isso tem a ver com uma série de estratégias do cérebro, tipos de memória e suas dinâmicas: há aquela responsável pelas informações para uso breve, que duram um minuto, e outra que faz a duração se estender por uma vida toda; há a que se encarrega dos conhecimentos gerais e outra que te faz lembrar que a sua experiência é única; há um narcisismo que faz com que as escolhas que elegemos pareçam as melhores, para gerar uma confiança de que podemos fazer isso (porque precisamos fazê-lo o tempo todo), e tantas outras propriedades e manobras.*

*E porque somos corpo, há também a materialidade que dá suporte aos processos. Burnett lembra que os neurônios que conduzem os sinais são como a eletricidade que corre através de um cabo, formando enormes redes que se espalham em inúmeras ligações. O que os une são as substâncias químicas que, quando liberadas, atravessam as fendas (as sinapses), a fazer o sinal disparado seguir adiante. Acredita-se, ele diz, que são nas sinapses que a informação é retida, e quando um conjunto delas ativado resgatamos uma memória. Isso não é lindo? A memória são as pontes. Tenho entendido, no acompanhar as demências e seus efeitos, que as lesões em determinadas áreas ou interrupções nessas cadeias interferem diretamente no desempenho da memória, e por consequência em toda a vida. Mas também que ela é tecida numa rede muito mais ampla e complexa, com infinitas conexões, como o próprio arranjo dos neurônios nos serve para ilustrar.*

*Freud<sup>18</sup> já havia nos dito (e construído uma densa e fundamentada teoria sobre) que existem complexas engrenagens entre o que lembramos e esquecemos.*

---

<sup>18</sup> Sigmund Freud. *Recordar, Repetir e Elaborar* (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II, Vol. VII, 1914, págs. 161-171). Obras Completas de S. Freud. Imago: 1996.

*Tanto sabemos sobre o que não queremos saber que deixamos protegido a muros altos, sete chaves e outras artimanhas. Mas isso sempre encontra maneiras de escapar, cavando passagens, usando disfarces e aparecendo, por exemplo, como sintoma ou atuação. O esquecido não permanece circunscrito e encerrado no passado, mas mantém fortes ligações com o que se atualiza, nas ações, nas relações, nas repetições. Estas tais seriam como lembranças em ato, e as palavras (e o trabalho sobre elas), fios a percorrer essas instâncias e trazer o sujeito para saber de (e se implicar com) o fazer de sua própria história. É fundamental dizer que essa dinâmica não se constitui num indivíduo apartado do mundo, mas se faz a partir e tomando parte de algo nas relações<sup>19</sup>. As redes.*

*E nessas escutas e leituras vou construindo um lidar com as lembranças e os esquecimentos dessa clínica. Há o corpo que envelhece e sofre os prejuízos do tempo, o tempo que acumula tantas experiências e viveres, a vida que é tecida em modos tão singulares. Dizemos que muitas das oficinas oferecidas no serviço são espaços para estimulação da memória reconhecendo-a como uma propriedade da cognição, mas veja só em quantos desdobramentos se prolifera. A Angela Carneiro, que está conosco nas escritas que aqui tecemos juntas, contou em sua dissertação de mestrado sobre um riquíssimo trabalho desenvolvido com pessoas com mais de 65 anos e movimentado pela literatura. Nos cinco anos de existência da Oficina da Nova Idade, acompanhou lembranças sendo costuradas por histórias, numa artefaria de palavras que não apenas retomava um passado, mas interferiam e transformavam no encontro com as gerações seguintes e no próprio ato de narrar, produzindo novas ações e modos de vida. A memória não é um mero acúmulo de informações, mas algo vivo e criador. Narrar é atualizar lembranças, dizer de nosso lugar no mundo, essa inscrição única. Seguindo as pistas de Angela (outra vez), chego à literatura para trazer mais uma versão do tanto que atravessa essa conversa e, cá em segredo, penso que é a que mais nos ensina. Dessa vez, deixo você com Guimarães e me preparo para as férias, que me darão seis dias peregrinos no sertão a percorrer as veredas que fizeram parte da história desse grande mestre. Aproveite as suas, amiga, e se der me escreva também.*

*Um beijo, Lu*

---

<sup>19</sup> Pâmela Pitágoras Freitas Lima Ferrarini, Livia Diana Rocha Guimarães. *O conceito de memória na obra freudiana: breves explicações*. Londrina: Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia, volume 5, número 1, págs. 109-118, jun 2014.

*O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe<sup>20</sup>.*

*(...) Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado<sup>21</sup>*

*(...) Toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez esse seja o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem<sup>22</sup>.*

---

<sup>20</sup> Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, págs. 77 e 78.

<sup>21</sup> Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006, pág. 184.

<sup>22</sup> Rubem Alves, Apud Guimarães Rosa. *Na morada das palavras*. Campinas: Editora Papirus, 2003, pág.139.

## **Cartas 5- Sobre o terapêutico das oficinas**

*Cartas trocadas com Cristiane Knijnik*

Querida Cris,

*Remexendo textos antigos, vi que nossa correspondência começou faz tempo, com as boas novas que eu mandava para Porto Alegre: “volto aos caminhos de paralelepípedo, entrei para o Doutorado”, te dizia, com um projeto desses que só a Márcia para orientar. Tudo está virando carta por aqui, querida Cris Knijnik, e te convido para estar junto nessa construção epistolar. Sei que a gente enjoa dos trabalhos antigos, deixando nossas escritas sem ver o sol até descobri-las de novo numa caixa na próxima mudança. Mas, como antes de parar ali elas foram pro mundo, tomam também seus rumos próprios e impetuosos. Me encontrei de novo com suas escritas tão interessantes sobre o Oficinário, e que interessam sobretudo agora, por motivos que já explico.*

*Ando às voltas com esse verbo que aprendi com você. Lá onde trabalho as oficinas terapêuticas são a principal ferramenta de atendimento, ramificando-se em diversos grupos e contando com profissionais de diferentes áreas. Entre parcerias com outros setores e pessoas que se dedicam exclusivamente ao Centro de Atendimento à Terceira Idade (CATI), há psicólogas, arteterapeutas, fonoaudiólogas, geriatras, educadora física, fisioterapeuta, nutricionista, farmacêutica, musicoterapeuta e terapeuta ocupacional. Há grupos voltados ao exercício do corpo, à estimulação cognitiva, à orientação nutricional, ao cuidado das histórias e dos afetos. Cada oficina atende um público específico, como pessoas que já sofrem as consequências das chamadas Demências, familiares que estão sobrecarregados com a função do cuidado, pacientes para os quais é indicado o fortalecimento muscular, que apresentam queixas de humor ou de memória.*

*A mim couberam as Oficinas de Cinema, Fotografia/Cultural, Palavra, Conversa, Cuidadores e Atenção Ativa, algumas que assumi quando entrei no serviço (e sou grata às que criaram esses espaços) e outras foram se inventando no depois. Esses nomes não são apenas títulos a separar os grupos, mas dizem de uma singularidade na proposta, como falei. As ideias iniciais e o material para os encontros são levados pelas profissionais – uma liberdade tão laboriosa quanto interessante. Se por um lado é preciso pesquisar e planejar ações e recursos, de outro podemos eleger o que consideramos interessante de ser trabalhado. Isso*

*rendeu uns enredos bons à beça que, se não te conto já, sobram para as próximas cartas.*

*Um deles já foi parar num artigo, mas repito porque acho lindo<sup>23</sup>. É a história de Maria Antônia, que participa do grupo para os que sofrem com os prejuízos do Alzheimer. Ela sempre dizia a mesma coisa ao se apresentar: preferia ser chamada só de Antônia, Maria já tinha muita nesse mundo. Também sempre dizia de que quando era pequena a mãe trabalhava em casa de família e era a avó quem ficava com as crianças. Bastava pigarrear que todo mundo já parava a bagunça. Os assuntos iam e vinham e despertavam a mesma narrativa, de Antônia pequena, da mãe em casa de família, da vó cuidando das crianças, do pigarro que bastava para parar a bagunça. Perguntamos que brincadeiras gostava na época e dessa vez uma nova informação: pique esconde. Os pequenos desapareciam por aí, mas era a avó pigarrear que corriam para casa, porque ela era quem tomava conta deles enquanto a mãe trabalhava em casa de família. Levamos a famosa cena de Gene Kelly sapateando nas poças e ela lembrou que adorava brincar na chuva, mas já sabia que ia levar palmadas só pelo pigarro da avó, era dela que vinha a bronca, porque a mãe estava trabalhando em casa de família. A geriatra que acompanha Antônia hoje me contou que, na consulta, ela não sabia responder nenhuma das perguntas que lhe foram dirigidas, mas quando o assunto foi música, ela disse que se lembrava de uma sim, e cantou Tomara que Chova, de Emília Borda (de quem é fã), que ouvimos no grupo. De um mesmo centro, as memórias de Antônia, não das Marias, tantas pelo mundo, esticavam os braços a puxar outros detalhes, que se estavam lá nebulosos, ganhavam um reforço aflorado pelas perguntas e recursos.*

*Latour<sup>24</sup> já dizia que as possibilidades de ação estão sempre num enlace entre as pessoas e as coisas, humanos e não-humanos, de tal modo articulados que é impossível pensá-los separadamente. Para escrever esse texto, faço uso de um computador sem o qual já não consigo produzir com a mesma fluidez. E ainda à moda antiga, sem o lápis e o papel, como faria para que essa escrita chegasse aí tão longe? Estamos a todo tempo nesse fazer com, ou melhor, nos fazendo junto e a partir das coisas. Antônia é uma pessoa com Alzheimer que reaviva uma lembrança no contato com a música, com o vídeo, com as perguntas. As coisas, tal como as pessoas, têm o poder de agir. Mas também é possível que funcionem*

---

<sup>23</sup> Luciana Franco. *Método, escrita e narrativa: histórias de um grupo que chegou à velhice*. São João Del Rei: Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, volume 11, número 1, 2016.

<sup>24</sup> Bruno Latour. *Reagregando o social*. Bauru: EDUSC/ Salvador: EDUFBA, 2012.



*apenas na sustentação de uma ordem já existente, sem promover desvios – são o que ele chama de intermediários. Tornam-se mediadores à medida que passam a ser capazes de produzir mudanças, abrir novos caminhos.*

*A música se revelou um mediador extraordinário, a mobilizar tantas memórias e afetos. Jovelina, cujas frases já haviam encurtado, era quadris a dançar sempre que o som tocava. “Ah, meu São Jorge, meu São Jorge...”, exclamava a todo tempo, como uma benção, um acolhimento, o recordar de uma lembrança boa. Me sorria e suspirava ao ouvir os batuques das músicas, e com isso dizia do seu contentamento. A doença lhe roubava as palavras, mas não o sentir, e mesmo elas apareciam como mágica quando a melodia ia puxando as letras. Jovelina nem sempre conseguia enunciar um pensamento, mas cantava sambas do início ao fim. Desde então, a música nunca mais faltou. A chegada de uma caixinha de som com bluetooth, que junto com um aplicativo colocava a tocar qualquer faixa escolhida na hora, permitia que o imprevisível tivesse espaço, e aquelas de décadas antigas, que se sonhava só na memória, apareciam ali na voz dos cantores preferidos. Mais sorrisos, sentires, contentamento, que convocavam palavras e histórias – exemplos de como esses objetos não apenas compunham os recursos, mas agiam diretamente multiplicando conexões.*

*Num primeiro momento do trabalho com oficinas terapêuticas, passei a me prevenir de pesquisas e reunia materiais e ideias para desenvolver os encontros, e ia assim, paramentada de tudo. Cheguei a pensar que era disso que se fazia o grupo, mas pude ser lembrada pela amiga e parceira de uma das oficinas, Rosinah Brandão, que nada adiantava se não houvesse escuta – essa a principal ferramenta. Era preciso escutar quando os materiais deixavam de ser mediadores, e de multiplicar desvios, para virarem intermediários, apenas reproduzindo a ordem do planejamento. Lembro que na época que estava pensando e escrevendo sobre isso mandei um bilhete para Laurinha contando de um encontro inspirado nas poesias do Manoel de Barros, aproveitando o mote de uma de nossas conversas sobre trabalhar as experiências brincantes. Foi justo naquele ano difícil em que perdemos ele e mais um tanto gente boa pro céu. Ou para terra, onde de lá certamente brotou para voltar a ser árvore, como devia ser a vontade do poeta. Distribuimos no grupo algumas de suas frases e cada um passou a dizer do modo como escutou. No desafio de encontrar rimas, poesia achou poeta, poetiza, verso. Lembrei ao grupo que rima é quando as palavras terminam parecidas. E então Josué insistiu: sentimento. Mas sentimento não rima com poesia, eu disse. Como não?, ele*

respondeu, e me lembrou de uma frase que havíamos lido: “Poesia não é para compreender, mas para incorporar”. Josué havia incorporado Manoel de Barros, e por um fio, não me perdi na dureza do roteiro. Quintal rimou com casa, cerca, balanço; invenção rimou com criatividade, com inventar, com novo; pescar virou uma brincadeira e ganhou outros pares. Juntos, ali, fazíamos poesia. E Josué tinha razão: poesia rima mesmo com sentimento. E com música, lembranças, suspiros quando as palavras escapam.

O que torna as oficinas terapêuticas? Mesmo que os argumentos saltem óbvios de meu próprio discurso, retorno sempre a essa questão por achar difícil e delicado o manejo de tantas histórias que surgem (também porque somos muitos) e o como e o que recolher dali, que materiais usar e em que momento, e ainda considerar as diferentes propostas porque são diferentes os grupos. A palavra e os materiais circulam de maneiras muito singulares por eles, como na Oficina de Cinema, que fazemos uso de um recurso específico (os filmes) para despertar as conversas, e no grupo da Atenção Ativa, cujos os nomes que acabamos de dizer já não são mais lembrados no momento seguinte. O tempo e a experiência vêm me trazendo calma e sempre confirmando a aposta na escuta como principal ferramenta, mas no fim gostaria mesmo era de abrir um manual a dizer como é que faz isso. Lembro que escrevi na sua tese que o perigo está justamente aí, tentar extrair um modelo universal de uma experiência singular e pontual<sup>25</sup> e tornar molde o que deveria continuar verbo. E se existisse um manual, como eu gostaria, seria preciso conjugar com o saber local de seus participantes, não é isso? Senão voltaríamos àquela história de intermediários e mediadores.

A Camila apresentou uma palestra no TEDx<sup>26</sup> ano passado (veja só essas amigas chiques temos) tão boa mesmo sobre a importância das palavras e seus efeitos na construção de mundos. São as concepções de onde se parte que orientam as maneiras de lidar com o outro e com os encontros, ela diz. Os manuais acabam por abafar a complexidade do fazer e suas histórias, reduzindo as ações em condutas certas e erradas e engessando as possibilidades de agir. Talvez devêssemos entendê-los como orientações que muito podem ajudar (como de fato ajudam), mas não como a única versão possível. Topar ir além dos manuais, diz Camila, é se colocar em risco, e esse risco é o de transformar-se. Os manuais

---

<sup>25</sup> Cristiane Knijinik. *Oficinar*. Tese apresentada ao curso de Doutorado em Psicologia do Programa de Estudos da Subjetividade da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2015, pág. 31.

<sup>26</sup> Camila Alves. *O perigo de pensar que as coisas existem a priori*. Palestra apresentada no TEDx Volta Redonda: 2016.

*tentam assegurar o caminho; o encontro, no entanto, é sempre incerto – não é possível sabê-lo a priori. Colocar-se em risco é estar disponível a construir com, nos melindres e rearranjos do encontro, e não sobre ou para o outro. Estou nessa construção, Cris, e te peço emprestada para me ajudar a construir com, fazer rede, escutar. Mande notícias suas, do que achou dessa ideia, do que tem achado das ideias que tem ouvido por aí, com esse sotaque bonito que só.*

*Beijos com saudade, Lu*

Lulu,

Li essa carta, achei a destinatária muito bem escolhida! Sim, Cris para falar do Oficinar, para compor contigo esse verbo! Ainda não li as outras duas que você já me enviou, como as garrafas ao mar. Vou lê-las. Deixe-me saber como respondem as destinatárias. Fiquei com as perguntas: o que é que há de terapêutico nessas oficinas? a escuta, principal ferramenta de trabalho: com quantos ouvidos se faz uma escuta? é só com os ouvidos que se faz uma escuta?

Beijos, Marcia

Lu, querida feiticeira da abertura do tempo ou da insistência de um tempo aberto,

Quem inicia esta carta é Antonio Candido:

“Temos que entender que tempo não é dinheiro. Essa é uma brutalidade que o capitalismo faz como se o capitalismo fosse o senhor do tempo. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida”.

E vou aqui então te contar algumas histórias que vêm insistindo, que vêm, em meio ao tempo vendido ao capital, tecendo vida. Neste sentido, escrever esta carta é performar, afirmar com Candido que “o tempo é tecido da nossa vida”.

Sabes que me tornei professora, né? Ou melhor, estou me tornando, porque essa história de estar professora é sempre uma interrogação para mim. Sinto-me tão estudante por vezes... E estes são os melhores momentos, os mais vivos, frescos e, como diz Foucault, envelhecem minha relação comigo e rejuvenescem a relação com o mundo. Hoje mesmo chorei na aula ao me deparar com as fotografias que uma estudante fez do diretório acadêmico da psicologia e nos mostrou ao som de Violeta Parra com “Me gustan los estudiantes”. Começa assim:

Que vivan los estudiantes  
Jardín de nuestra alegría  
Son aves que no se asustan  
De animal ni policía.

Buenas, isto aconteceu em uma das disciplinas que tenho este semestre, chama-se oficina 1: Ser Humano e Subjetivação. Te conto isto porque este semestre estou ministrando várias oficinas, que são disciplinas abertas, co-construídas com as estudantes. Sem conteúdo a priori, temos apenas um tema geral que vai sendo trabalhado a partir do caminho que vamos fazendo.

Te conto mais histórias, que dizem de um gesto, de uma posição, que há pouco estou experimentando nestas aulas/oficinas.

Cheguei para uma manhã de aula, de oficina, e uma vontade louca de tirar os calçados e andar descalça pelo campus invadiu-me. O Campus da Unisinos é enorme, prédios em meio a uma floresta. Pensei em convidar as estudantes a caminharmos descalças pelo campus. Esta seria nossa aula daquele dia.

Onde e com o que aprendemos?

Outro dia, ou melhor, noite, cheguei para uma outra oficina. Entrei na sala e o ar estava quente e muito pesado. Era sexta-feira. Olhei para a turma e pude ver o cansaço, o calor... Eu sentia o mesmo. Propus então, que pegássemos os

colchonetes e fossemos para a beira do lago, deitar e ficar em silêncio olhando o céu.

Olhar o céu em silêncio seria nossa aula naquela noite.

Mas na outra noite, a execução de Marielle gritava em meu corpo e não sabia como entrar em sala de aula. Vontade não me faltava, como disse um colega professor, em uma carta:

“há dias em que sou obrigado a me perguntar: como entrar hoje em sala de aula? não porque eu não queira entrar em sala de aula nesses dias, mas porque, mesmo sem saber como entrar em sala de aula, dá gana de entrar mais ainda e de modo ainda mais diferente, respondendo à demanda de necessidade do dia. dias que tornam a improvisação necessária, dizer no dia e para o dia. dias em que temos de tentar, com todo esforço, mesmo vivenciando nossas fragilidades, estarmos minimamente à altura ou à baixeza deles. ou seja, há dias em que não podemos continuar as aulas habituais como se nada tivesse acontecido, mesmo que as aulas habituais contemplem assuntos que me parecem necessários para o nosso tempo.”

E a carta de meu amigo professor termina com a poesia de Andre Luis Pinto, no livro mais valia:

Parazer, esse sou eu,  
filho de doméstica  
numa época em que  
patrões cismavam  
em chamar de filhas  
as mucamas. Eu criado  
numa mansão da Barra, obrigado a amar  
patrões como avós  
sem direito de herança.  
Uma coisa aprendi:  
a ler livros e me irritar  
com facilidade – lá, onde  
o sinal está vermelho  
e sempre acabo errando  
a baliza, onde ninguém  
divide nada, quando  
até quem te chamou de sobrinho  
diz um dia: a casa é nossa  
deves partir. Tá bom, disse.  
Só me dá duas semanas.

E as vidas executadas no corpo de Marielle fizeram nossa aula naquela noite mais escura e sem estrelas.

O gesto de que te falei que venho experimentando é o de perceber aquilo que meu corpo está pedindo, compartilhar com as turmas e então, alguma aula, algum encontro pode acontecer. Um corpo aberto, um corpo de passagem para as forças

do mundo, para as forças estudantis atravessarem e deixá-las existir, acontecer. Assim tem sido as aulas e em especial as oficinas. Escuta e conexão.

Vou contar uma última história que, quando escutei, lembrei muito de sua carta.

Mariana, uma estudante e amiga, está estagiando em uma Estratégia de Saúde da Família. Foi chamada para ir até a casa de uma família em situação de muita pobreza e uma série de outras questões. O Sr. sofreu um AVC, não consegue mais trabalhar e ficou com os movimentos comprometidos. A fala bem arrastada. A Sra. fica em casa para cuidar dos filhos com diagnósticos psiquiátricos.

Ela chega na casa e é apresentada a uma sacola plástica enorme com muitas medicações de toda a família. Em seguida a senhora passa a contar do AVC e de todas as dificuldades que estão vivendo. Mariana escuta em silêncio e o silêncio ecoa.

Ela olha para cima e vê uma samambaia, bem verde, bem viva. Olha para o lado e no quintal uma pequena plantação de morangos. É então que seu corpo vibra a vida que há naquela casa, em meio e com o horror que insiste.

Como se tudo se transformasse, ela pergunta da vida antes do AVC e descobre que o Sr. gostava de cantar. Mariana está aprendendo a tocar Ukulele e seus encontros com a família passam a ser rodas de Ukulele, quando cantam e tocam uma outra vida. A voz arrastada do Sr. transforma-se ao cantar e como um mistério ele canta sem o arrastar do AVC.

Queria contar as histórias do pequeno Romeo, meu filho, mas estas vão ficar para próxima.

Forte abraço,  
Cris

Querida Cris,

*Adorei ser uma feiticeira do tempo aberto – às vezes precisamos mesmo descompassar os ponteiros. Já disse à Márcia que poderia estender essa escrita por anos afora, para que ela seguisse assim, boa de ser feita e trocada e respeitada nos tempos abertos das idas e vindas, e eu seguisse naquele grupo de estudos que até hoje preserva a qualidade de reunir pessoas raras no mundo. Mas ela apertou as sobrancelhas e disse: nada disso, vamos terminar essa tese. É preciso abrir a escrita ao mundo.*

*Que linda a experiência que contou das disciplinas abertas que se constroem junto, a partir de um tema e explorando os caminhos. Parece uma conversa entre o que se leva e o que se escuta. Acompanhar as pistas que vão surgindo, fazê-las desenvolver, costurar pontas, desatar nós – trabalho tão importante de ser feito nos grupos e que só é possível quando estamos abertos. Fechados seguimos protocolos. Lá onde estou abrimos duas de nossas oficinas para descobrir a cidade. Fazemos visitas mensais às telonas (com a Oficina de Cinema) e às exposições (com a Oficina Cultural), e isso tem rendido aventuras incríveis. Lembro que uma de nossas primeiras saídas foi para assistir *O Menino e o Mundo*<sup>27</sup>, de Alê Abreu, no CineOdeon. Que beleza de filme animação! Trazia a história de um menino que seguia os caminhos do pai, que como milhões de outros havia deixado a família no interior em busca de trabalho na cidade grande, tão opressiva quanto maior a pobreza. São nas durezas que o menino segue, encontrando aqui e ali uma parceria, uma cor, um afeto, uma música. Não há falas, mas se diz tanto. As saídas para assistir um filme ou visitar uma exposição tem sido a busca desse colorido nas rotinas duras, com as quais convivemos com grande familiaridade nas cidades grandes. Dessa primeira aventura, recolho duas preciosidades para lhe contar: havia mais de trinta anos que uma das senhoras não andava de metrô, nosso transporte até lá, e outra nunca havia entrado numa sala de cinema antes. As Senhoras e o Mundo.*

*Cada dia é um desbravar caminhos por aqui. As ruas são locais de encontro, vias a nos levar aos mais diversos destinos, espaços onde o perigo espreita. Assaltos, trânsitos furiosos, calçadas irregulares. Há que se ter atenção. Foi outra cidade que descobri com os idosos, onde os degraus eram muitos e altos e se tornavam obstáculos – para os quais eu nunca havia atentado – a complicar nossa*

---

<sup>27</sup> Alê Abreu. *O Menino e o Mundo*. Brasil: 2013.



*mobilidade. Os passos tinham velocidades diferentes da pressa dos corpos, dos carros, dos fluxos. E por todos os jornais, manchetes sobre a violência. O roubo do celular, da carga, do dinheiro público que rouba a educação e a saúde e as possibilidades da vida de tantas pessoas. Há muitas razões para não ocuparmos as ruas, mas talvez sejam as mesmas, justo essas, que justifiquem a necessidade pela qual devemos fazê-lo. Sustentar institucionalmente nossas saídas nunca foi tarefa fácil, mas encontramos chefias que podiam ver essa importância. Fui entendendo que o grupo também se protegia, oferecendo o braço para as pernas instáveis, espalhando os olhos por todos, me chamando a atenção quando sentia que algo não estava bem. Se os perigos cercavam, os cuidados também.*

*Essas saídas foram uma afirmação e um reconhecimento de que o cuidado com a saúde está na articulação de redes que também ultrapassam os muros das clínicas. Há ali uma aposta em ampliar a circulação dos idosos, que costuma ficar restrita ao cuidado médico, ao comércio e aos espaços religiosos, como disse uma autora chamada Marilene Rodrigues Correa<sup>28</sup>. Uma das senhoras que participava das oficinas e tinha ainda atividades em outros espaços disse que um dia atendeu o telefonema de um familiar preocupado. Perguntava se havia sido hospitalizada, se andava adoecida, porque nunca estava em casa. O único outro lugar possível a ser considerado foi o hospital. Mas de fato as agendas na chamada terceira idade costumam estar tomadas por exames e consultas nas diversas especialidades. A cada vez, o corpo reclama outro desgaste e novos acompanhamentos se juntam aos antigos. Não há dúvida de que a intervenção dos profissionais de saúde é fundamental para fazer o viver o menos penoso, mas os cuidados ainda se encontram associados de forma bastante cristalizada à figura do médico e ao uso da medicação. Não levaríamos assim tão a sério o compromisso de visitar o Museu do Amanhã, como me disse uma outra senhora nas consultas de primeira vez e pediu que eu recomendasse aos outros pacientes duas exposições que estavam lá. Seria interessante que começássemos a pensar a saúde como uma rede onde contam tanto as enzimas produzidas quanto as experimentações de aumentar mundo e outras relevâncias importantes a cada um no processo de cuidar de si e do outro.*

*A Marilene Rodrigues contou dos efeitos tão interessantes das Universidades Abertas à Terceira Idade, um projeto criado na França na década de 70 e que se*

---

<sup>28</sup> Mariele Rodrigues Correa. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

*espalhou por todo o mundo, abrindo as universidades a esse público<sup>29</sup>. Incluir a Academia no circuito dos idosos tanto os aproximava de diversas formas de conhecimento quanto os estudiosos das questões sensíveis à velhice. Mas se era interessante romper com a restrição dos idosos a determinados guetos, tornava-se imprescindível escapar também aos interiores das salas de aula. Ocuparam a universidade com ações diversas e foram além, das salas, dos consultórios, do supermercado, da igreja, num diálogo entre a produção de subjetividades e os traçados urbanos, onde ambos se interferiam e se constituíam. Nesse tempo de existência dos projetos, visitamos inúmeros espaços e centros culturais da cidade<sup>30</sup>, a maioria antes desconhecida pelos participantes. Nossos passeios são momentos de fortalecer os laços com a cidade, acrescentar novas trajetórias aos mapas de cada um, estar em contato com paisagens e ideias diversas. É essa tal experiência de aumentar mundo. As saídas com os grupos são sempre momentos de alegria e precauções. Caracterizam-se como projetos específicos daquelas duas oficinas, mas no fim acabamos acolhendo outros interessados, sempre muitos e dispostos, a me cobrar porque ficaram fora desse ou daquele passeio. Uma vez perguntei porque não iriam também por conta própria, afinal, os espaços visitados estavam lá, abertos, gratuitos, para recebê-los quando quisessem. Mas os vínculos construídos, os encontros, o apoio mútuo eram também o que abriam os caminhos pela urbe.*

*Nunca sabemos o que a cidade nos reserva. Uma vez levei o grupo para assistir um festival de curtas de animação portuguesa. Transmiti as informações que constavam no programa e disse-lhes que era tudo o que sabia – poderíamos arriscar e ver como seria. E assim fomos. O primeiro curta começou com um enredo um pouco diferente do que eu havia imaginado. A personagem, que trabalhava num sexfone, atendia as ligações e realizava as fantasias de quem estava do outro lado da linha, numa narrativa que se transformava em imagens picantes. Eu estava lá, numa sala de cinema, acompanhada por dez idosos, assistindo a uma animação quente de Portugal. Não sabia se os chamava para sair, se esperava as reações, se me rendia a uma crise de risos. Esse curta terminou e outros se seguiram,*

---

<sup>29</sup> Entrevista com o professor François Vellas. Entrevistador Adriano da Silva Rozendo. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2015; volume 18, número 1, págs. 213-217.

<sup>30</sup> Projeto Galeria Aberta, da Oficina de Fotografia/Cultura: Jardim Botânico, Museu de Arte do Rio, Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural dos Correios, Centro Cultural da Justiça Federal, Teatro Municipal, Caixa Cultural, Museu do Índio, Museu do Amanhã, Museu Histórico Nacional, Forte de Copacabana, Confeitaria Colombo, Memorial dos Pretos Novos, Feira de São Cristóvão, entre outros. Projeto Telona, da Oficina de Cinema: Cinema Odeon, Espaço Itaú de Cinema, Estação NET Rio, Estação NET Botafogo, Sala Cecília Meireles, CineMuseu, cinemas do Shopping Tijuca, Cinema São Luiz, entre outros.

*passeando em assuntos diversos e me tranquilizando por não estarem reunidos por afinidade temática. Mas se houve algum constrangimento certamente fui eu que senti, porque eles mesmos se divertiram.*

*Numa outra vez, visitamos o Memorial dos Pretos Novos – um sítio arqueológico na zona portuária, que preserva a história tão sofrida do povo africano sequestrado de suas terras para ser tornado escravo no Brasil. Os corpos dos que não resistiam, já próximo à chegada, foram depositados num imenso valão. Esse sítio foi descoberto quando uma moradora da região fazia uma obra em casa, e hoje se tornou um instituto de pesquisas (que persiste a duras penas com pouquíssimos recursos) para contar e jamais deixar esquecer; numa outra exposição no Museu Histórico Nacional, passamos por cenários que simulavam espaços urbanos, mas de olhos vendados e guiados por uma pessoa com deficiência visual. Certamente não saímos com a experiência da cegueira, pois como já nos foi dito na pesquisa *Perceber sem Ver*<sup>31</sup>, o mundo todo muda quando se perde a visão, mas nessa vivência e na conversa com nosso guia algo foi compartilhado, tocado, sensibilizado. Saímos sempre diferentes de quando chegamos, porque esses encontros produzem aberturas no tempo, nas ideias, nos corpos. São tantas as coisas que poderia continuar te contando de nossas aventuras pelo Rio (e tão ricas como as que acabo de te escrever), mas é hora de encerrar e pedir que me escreva contando as aventuras do pequeno Romeo pela Porto Alegre. Você com o Romeo, a Lena com a Bia e o Benjamim. Esse tempo aberto é um sopro, querida Cris, como voa... Vamos inventando jeitos torná-lo sempre precioso.*

*Um beijo, Lu*

---

<sup>31</sup> Projeto de Pesquisa e Extensão que desde de 2003 promove oficinas de experimentação corporal para pessoas com deficiência visual, no Instituto Benjamin Constant, sensibilizando o corpo e ampliando as conexões com o mundo. Tem coordenação da professora Márcia Moraes e conta com a participação de diversos alunos do curso de psicologia da Universidade Federal Fluminense e ainda outros de instituições parceiras.

Lu feiticeira das histórias abertas,

Fico enredada nestas pequenas histórias sem tamanho que contam. Que coisa mais linda! Tenho dito aos estudantes de nossa sensibilidade, que não é natural e espontânea, e sim fabricada no mundo. Tenho falado com Haraway quando pergunta: com o sangue de quem foram feitos os nossos olhos? E fico pensando nesta sensibilidade, neste olhar que pode ver e escrever estes acontecimentos singelos e cheios de vida. E o modo como você conta, faz imaginar as cenas, as cores, os cheiros e sabores destas saídas. Aliás são muitas saídas. Saídas de uma velhice medicalizada, saídas de um cuidado restrito às clínicas, saídas de uma psicologia encarcerada, saídas de um medo paralisante. São passeios arriscados pela cidade que como você diz tão precisamente deve ser ocupada justo pelas mesmas razões que nos fazem não ocupá-la.

Quero te contar da Olga, mulher que conheci por acaso. E como nos aconselha Gagnebin, precisamos ter mãos atentas para colher os acasos.

Era mais um dia corrido. E quando achava que nada mais cabia nele, uma amiga pede por um livro que não tenho. Lembro que minha irmã tem e como conheço esta vontade de ter um livro nas mãos fui buscá-lo.

Minha irmã deixou o livro na portaria do prédio. O carro ficou estacionado em lugar proibido, era uma passagem rápida, só pedir pelo livro e voltar correndo para o carro. Cheguei ofegante na portaria e aquela mulher de sorriso negro recebe-me com um olhar inescapável. Olhamo-nos, em um tempo avesso àquela urgência toda. Ela me diz que sou simpática e eu retribuo o elogio, dizendo que o sorriso dela tinha me tocado.

Ela então conta que às vezes está sorrindo quando na verdade está triste.

Isto aconteceu na semana passada, diz ela. Eu estava muito triste. Minha filha chegou em casa pedindo ajuda com o tema. Eu disse que não tinha estudado e que não podia ajudar. Ela ficou braba comigo, dizendo que eu deveria saber das coisas, porque era mãe dela. Fiquei muito triste de não poder ajudar minha filha, de não ter estudado.

Eu olhava aquela mulher estarecida. O Brasil falava naquela voz negra.

Ela então continua, dizendo: ontem conversei com meu marido e decidimos voltar a estudar. Já acertei todos os horários aqui no prédio. Eu quero estudar para aprender a falar bonito. Fui a uma reunião na escola da minha filha e tinham várias coisas que eu achava errado, mas não falei nada. Imagina só, a professora ia dizer que eu não

sei nem falar, como posso dizer que algo está errado. Meu sonho é ser nutricionista, mas isso eu sei que é coisa para rico.

Perguntei o nome dela e agradei pelos ensinamentos daquela conversa.

Olga interrompeu aquele dia e também o desanimo que me acompanhava.

Quase todo Brasil cabe nesta cena.

Um beijo, um abraço apertado,

Cris

ps. sei que a carta está curta, quase mais para um bilhete. Decidi enviá-la assim mesmo, pois sei que tem um tempo andando e que não pode tanto esperar.

## **Cartas 6- Sobre o feminino**

*Cartas trocadas com Isabella Trindade*

*Querida Isabella,*

*Esta carta escolheu você. Estive pensando a quem direcionaria essa escrita, não pela dificuldade em encontrar destinatárias, mas justo porque, graças às deusas, não me faltam pares para conversar sobre a potência do feminino. Estou cercada de mulheres incríveis, na família, nas amizades, no trabalho, nos estudos. No grupo de orientação coletiva da pós, há tantas coisas interessantes sendo lidas e faladas, que tem reverberado aqui, nos textos e posturas, e que queria compartilhar contigo. Lá a marca do feminino segue nas gerações que se renovam a cada ano, e disso também se compõe o conhecimento que construímos nos artigos, dissertações e teses. Sei que tem encontrado o campo de pesquisa espinhoso e ainda assim conseguido abrir caminhos férteis. Te escrevo para dizer isso: você não está só, seguimos também ao seu lado (todas nós que apareceremos aqui, direta ou indiretamente), e como me sinto fortalecida a cada conversa nossa, espero que essas palavras sirvam da mesma maneira quando a estrada aí estiver mais dura.*

*Venho acompanhando no campo do envelhecer narrativas do feminino de uma força impressionante. Talvez essa escuta possa parecer pretensiosa e já adiantando o que propõe encontrar, mas está mais próxima é de um reconhecimento dessa força, que há tempos vem aparecendo nas pesquisas que realizei e acompanhei e que agora finalmente posso dedicar-lhe o devido espaço. Na policlínica em que estou, uma instituição militar, cujo histórico e imaginário é predominantemente masculino, posso afirmar que as mulheres assumem grande parte dos cargos de chefia, e no meu setor estão também na escuta, na recepção, na limpeza, na consulta e no comparecimento. As histórias que colho se localizam nesse cenário, da experiência de um feminino em primeira pessoa e dos caminhos que desbravou. Se hoje alcançamos tantas conquistas, devemos às mulheres que vieram antes de nós e passaram por estradas muito mais árduas que as de hoje. E escutar essas senhoras é testemunhar a revolução dessas últimas décadas viva no percurso de cada uma.*

*Na pesquisa do mestrado a presença das mulheres já se anunciava significativa, entrelaçada ao cuidado de amigos e familiares tocados pela questão*

da deficiência. Vejo agora as que chegaram à velhice buscando cuidados também para si, e isso foi uma linda descoberta. Percebo que além dos grupos terapêuticos, muitas se envolvem em outras atividades de lazer, cultura e cuidados com o corpo para além dos serviços tradicionais de saúde. Ginástica na pracinha perto de casa, cursos de artesanato ou informática, e lá fortalecem laços de afeto e apoio, combinam excursões, aumentam rede. Há um artigo da Guita Debert<sup>32</sup> sobre gênero e envelhecimento que pensa como esses espaços, como as universidades da terceira idade – de onde parte sua análise – foram importantes na construção de uma nova forma de envelhecimento para as mulheres. Se a juventude e a fase adulta foram marcadas por um enorme controle social sobre suas vidas, esses espaços permitiram a abertura para diferentes pensamentos, reflexões, territórios, pondo em xeque o lugar que se reservava à mulher até então. Fez-se também outra velhice, bem diferente da de suas mães e avós, que a viveram associada ao luto, à reclusão e à dependência.

Lembro-me da história de Luzia, que conheci nos passeios que fazíamos às salas de cinema com um dos grupos terapêuticos. Nesses caminhos compartilhávamos histórias e escutas. Luzia havia me dito que o marido não andava bem, por vezes desorientava, andava teimoso, saía de casa em raríssimas ocasiões. Das vezes em que nos aproximávamos costumava lhe pedir notícias, mas foi numa dessas idas ao cinema que pude escutá-la com mais calma. Já não viviam como casal há muitos anos; as repetidas histórias de infidelidade e descuidado os afastara até colocar uma parede entre os dois e cada um em um quarto. Ela exercia pequenos trabalhos, mas a renda não era suficiente para sustentar sozinha uma casa, e assim seguiam vivendo os anos. Desde que Luzia havia começado a frequentar as oficinas terapêuticas, passava bastante tempo nelas – tinha se redescoberto, me disse. Ele, cada vez mais recluso, pela idade e pela doença, a via desaparecer às manhãs e às tardes. Luzia continuava lhe prestando cuidados, o almoço, as roupas limpas, as preocupações, também as farpas que trocavam nos dias nublados, mas ele implicava com suas saídas e emburrava em silêncios. “Você sempre me disse que a rua era sua e a casa era minha; pois bem, agora a casa é sua e a rua que é minha”, ela falava.

---

<sup>32</sup> Guita Debert. *Gênero e envelhecimento*. Santa Catarina: Revista Estudos Feministas, ano 2, 1994, págs. 33-51.

*A fala de Luzia é um canto de independência. Não sem as divisões e sofrimentos, mas com a decisão de cuidar também de si. É só lembrar de todas as meninas ensinadas a brincar de bonecas e fazer comidinhas, dos meninos ensinados a desbravar o mundo e viver aventuras, das falas que já ouvi mais de uma vez sobre a sorte de se ter filhas mulheres pois são elas que vão cuidar dos pais na velhice, dos elogios infinitos aos homens que “ajudam” em casa quando isso devia ser chamado de responsabilidade, das imposições, sutis e óbvias, que fazem das mulheres agentes do cuidado para o outro. Andamos precisando de um mundo onde o cuidado seja cotidiano, sei que andamos, mas fundamental que também esteja mais distribuído, que seja mais troca que doação.*

*A velhice chega para homens e mulheres, mas as diferenças que recaem sobre o gênero impõem singularidades a esse processo. Sobre os espaços de potência no envelhecimento masculino (como as universidades da terceira idade foram para as mulheres), Debert lembra das associações de aposentados que, de uma função marginal e assistencialista no interior dos sindicatos, conseguiram mobilizar nos anos 90 o famoso movimento dos 147%, derrubando o posicionamento do governo e conseguindo reajustes nas aposentadorias e pensões que haviam perdido seu valor real no processo inflacionário da década anterior. O aposentado, cujo lugar social ficava enfraquecido com o encerramento das atividades laborais, ganhava dentro das associações um lugar de atuação e transformação política, que também serviam para questionar o estereótipo da velhice como um período de inatividade ou infortúnios. Mas se temos dificuldade em encontrar registros de lideranças femininas nos sindicatos e as reivindicações se davam comumente em termos de ‘os aposentados e as pensionistas’, nada disso está separado de toda essa conversa.*

*Ouvi muitos relatos sobre o abandono do trabalho formal de mulheres que, quando jovens, ocupavam cargos no comércio local e gozavam de relativa autonomia financeira (se não entregavam o salário ao pai), porque essa era uma condição do companheiro. O lugar das mulheres voltava-se ao lar e à atenção aos filhos. Ao mesmo tempo, é interessante perceber que a grande maioria, advinda de classes menos privilegiadas, utilizavam para resistir os mesmos ofícios que lhe eram esperados para o bom cuidado dos afazeres domésticos. A costura, desenvolvida em pequenos ateliês dentro de casa (ou expandindo-se para um negócio próprio) se tornava uma fonte renda, além de lhe permitirem desenhar, escolher e fazer suas próprias roupas. Dalva me dizia com contentamento que o marido odiava que*



*usasse uma roupa de um tal modelo – pois era esse mesmo que fazia para si. Sempre elogio suas blusas e sempre me responde que ela mesma costurou e eu digo que gostaria de saber como fazer as minhas também. Acho isso uma tremenda autonomia e resistência. Resistência também a história de Almerinda, que cansou dos anos de violência com o marido alcoolista, o expulsou de casa e criou só os onze filhos lavando e passando roupa para fora. As histórias de violência nos casamentos são tantas e repetidas, Bella, e muitas vezes a família e a sociedade se calavam por considerar assunto do casal. Mais violências.*

*A desigualdade de condições pode ser ilustrada por tantos outros exemplos. Grande parte das atendidas vinha de famílias pouco abastadas e passaram a infância em áreas rurais, onde o trabalho começava cedo e as escolas eram restritas ao ensino básico, mas por serem mulheres outras exigências ainda lhes recaíam (digo isso também para localizar esse saber, porque se a história da mulher é marcada pela opressão, é de diferentes maneiras que pesa sobre as brancas e as negras, sobre as ricas e as pobres). Para avaliar os testes<sup>33</sup> que aplicamos no primeiro atendimento, preciso perguntar o tempo de estudo que tiveram, e daí surgem essas tantas histórias. Lembro de uma senhora dizer o quanto era grata à mãe, que se posicionou frente ao pai para que ela pudesse dar continuidade aos estudos. Para ele, apenas os filhos deveriam seguir frequentando as aulas, não via porque uma mulher precisaria disso. Boa parte das senhoras ouvidas que conquistaram mais degraus no percurso educacional foram as que retomaram os estudos depois de adultas ou ainda na chegada à terceira idade, quando os filhos ‘já estavam criados’ e também um outro momento histórico se apresentava. Se deram continuidade ainda naquela época, foi por conta própria e com pouca ajuda; se saíram da terra natal para encontrar mais possibilidades de vida na cidade grande, sofreram abusos e assédios nas casas onde trabalharam. Histórias que são tantas e repetidas.*

*Para que hoje pudéssemos estar na universidade, pensando com as referências teóricas e instrumentos que nos são caros, problematizando temas e métodos, produzindo conhecimento a ser divulgado na comunidade acadêmica e científica, foi preciso a luta de todas as que nos antecederam. É em nome dessas*

---

<sup>33</sup> Fazemos uma breve avaliação das funções cognitivas (já que muitos chegam se queixando da memória e são comuns casos de demência). Os testes dão indicações, mas há outros fatores a serem vistos para o diagnóstico e para a própria consideração das respostas, como o grau de instrução formal.

que Isabelle Stengers e Vinciane Despret<sup>34</sup> escrevem, para que essa memória não se perca – a elas que inspiraram ou atenderam o chamado de Virginia Wolf. A escritora, em resposta a uma convocação aos intelectuais da época para assinarem um manifesto contra a guerra, ousou chamar pelas mulheres para que não se juntassem a eles – aos homens, que ali se sentiam ameaçados, mas que jamais haviam reclamado por sua participação. Por que agora, se não se levantaram quando à irmã havia sido negado o mesmo direito que tiveram de estudar? Os que convocavam a união contra um fim maior esqueciam-se dessa história de desigualdades e humilhações que eles mesmos endossavam em suas casas, em seus trabalhos, na sociedade.

O chamado impactante de Wolf convoca as mulheres a continuarem pensando, erguerem-se contra aqueles (e aquelas) que transformaram as duras lutas em progresso consensual. O que Wolf faz é não deixar que essa história siga como se não houvesse marcas e coloca em xeque não apenas a amnésia de um passado, mas os privilégios que continuam se perpetuando, para que sobre eles incida essa memória. Seguindo os caminhos das que clamaram pelas marcas, Márcia Moraes e Alexandra Tsallis<sup>35</sup> tematizaram um fazer feminino na ciência. Feminino por atender a essa convocação, de reconhecer uma história que seja marcada. As noções científicas e acadêmicas foram por muito tempo promulgadas por homens, cujo acesso a esses campos se dava sem barreiras de gênero, lançando mão de métodos a distanciar sujeito e objeto e acreditando assim chegar a um saber neutro e confiável. É sempre de algum lugar que se fala - apaga-se isso e aí está a fórmula para produção de verdades. Criticam o saber que é deslocalizado, que de longe parece tudo ver e dizer sobre o outro, como um “olhar de deus”<sup>36</sup>. Moraes e Tsallis seguem um fazer feminino na ciência lembrando das marcas que nos compõem enquanto pesquisadoras, que estão no conhecimento que produzimos e na maneira como entendemos o pesquisar. Não um fazer que

---

<sup>34</sup>Isabelle Stenger, Vinciane Despret. *Les faiseuses d’histoires (As fazedoras de história)*. Tradução do grupo de orientação coletiva da UFF, coordenação professora Márcia Moraes, 2011).

<sup>35</sup>Alexandra Tsallis, Márcia Moraes. *Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência*. Porto Alegre: Revista Polis e Psique, do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, 2016, volume 6, número 1, págs. 39-50

<sup>36</sup> Donna Haraway. *Saberes localizados*. Campinas: Biblioteca Digital da Unicamp, Cadernos Pagu, 1995, número 5, págs. 7-41.

seja sobre o outro, mas com o outro<sup>37</sup>, considerando que é aí, ouvindo as versões, tensões e delicadezas do campo, que se produz um saber interessante.

*E nessas leituras, descobri mais uma figura a admirar, cuja maneira de fazer a leitura de seu campo de estudos nos faz aprender muito. Isabelle Stengers<sup>38</sup> apresenta em outro texto a história de Barbara McClintock como o anúncio de um fazer feminino na ciência. Não foi intenção da autora abordar essa questão entre homens e mulheres de maneira dualista, mas marcar que se a elas é ensinado terem vergonha pelos rompimentos de paradigmas, a eles costuma ser dada a liberdade para transformá-los em atividades valorizadas. Por isso tão revolucionário é o caminho aberto por McClintock, uma mulher cientista, que ousou fazer pesquisa de uma outra maneira. E isso era não impondo respostas ao campo como as únicas possíveis, mas deixando que o material pudesse falar, ouvindo sua história e estando disponível a decifrá-la, dentro um vasto campo de signos, para só depois se deixar encontrar e seguir o fio que lhe conduziria dentro do labirinto. A maneira como se fazia ciência até então era buscando a generalização e estabelecendo de antemão as possibilidades do objeto. Foi dedicando longos anos de estudo a um objeto que não reivindicava para si nenhum glamour científico – o milho – que Barbara McClintock provou a complexidade de conexões de um ser, seja ele um grão ou um humano, considerando as inúmeras variáveis e indícios que atravessavam sua constituição<sup>39</sup>.*

*McClintock foi uma das figuras mais importantes da citogenética e suas descobertas revolucionaram essa área do conhecimento. Nas considerações sobre o que importava, suas publicações iam muito além do modelo científico onde há uma hipótese posta à prova com determinadas experiências e terminando em*

---

<sup>37</sup> Márcia Moraes. *PesquisarCOM: Política ontológica e deficiência visual. Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Moraes e Kastrup (Orgs). Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2010.

<sup>38</sup> Isabelle Stengers. *A Ciência no Feminino*. Tradução de Alexandre Belford. Rio de Janeiro: Revista 34 Letras, n. 5/6, p. 427-431.

<sup>39</sup> “Contrariamente às bactérias, objetos privilegiados da biologia molecular (...), o milho estudado por McClintock é o produto de histórias emaranhadas, a história de sua reprodução, a de seu desenvolvimento, a de seu impulso no campo onde se depara com o sol, o frio, os insetos predadores, etc... Os cientistas têm, a propósito do milho, não que acumular observações neutras, mas que aprender dele que questões indagar-lhe, pois o milho é, como todo ser histórico, um ser singular. E dizer “o milho” já é dizer demais, para Barbara McClintock cada grão aberrante devia ser compreendido em si mesmo não como representante “do” milho, mas naquilo em que, justamente, é diferente. Somente depois que certas lições gerais viessem a ser tiradas, certos “princípios de narração”, por assim dizer, poderiam ser definidos, permitindo contar de maneira inteligível o conjunto destas histórias singulares, destas verdadeiras “biografias” dos grãos de milho” (STENGERS, pág. 429).

determinados resultados. Eram densos artigos cheios de detalhes numa narração que considerava as exigências e condições de seu objeto de estudo. Barbara McClintock, disse Stengers, conhecia o milho como se conhece uma pessoa no mundo. A autora valida esse caminho como um instrumento precioso à pesquisa: não tomar o que se estuda como uma categoria objetiva, reduzindo àquilo que se permitiu saber, mas contar a narrativa do seu devir, estar atento às circunstâncias que fazem o seu agir e em que condições. As marcas que não podem ser esquecidas.

Como nos disse Chimamanda<sup>40</sup>, a história não é única e aprisionar os sujeitos em uma só versão pode ser tão opressor quanto as práticas que estamos a criticar. Nessas circunstâncias difíceis para as mulheres, as senhoras também puderam produzir invenções incríveis e linhas de fuga que abriram veias para as mudanças que hoje usufruímos. Da mesma maneira, não posso deixar de lembrar que as histórias de atenção e cuidado mais longas que acompanhei no serviço foram trazidas por dois homens, que há quase uma década enfrentavam o avanço das doenças de Parkinson e Alzheimer em suas companheiras, e ali ao lado buscavam todo tipo de atenção, conforto e tratamento que pudesse beneficiá-las. Aí está a delicadeza do nosso trabalho enquanto pesquisadoras, não esquecer as marcas e abrir-se à escuta e ao mapeamento das diferentes versões, sem que sejam movimentos contrários, mas que se interfiram. E assim nós também estamos interferindo e produzindo história, não é mesmo? Um fazer feminino na ciência.

*Um beijo para minha historiadora preferida,*

*Lulu*

---

<sup>40</sup> Chimamanda Ngozi Adichie. *O perigo de uma história única*. TEDGlobal, 2009.

Querida Isabella,

*Sei que os processos da escrita têm seus tempos próprios, que nem sempre coincidem com prazos de entrega ou pedidos de resposta. Se insisto nestes últimos é porque gostaria muito que suas palavras compusessem esse trabalho. Mas se couber no seu tempo. Por aqui sigo costurando textos porque os tais prazos já me foram estendidos e eu sim preciso atender com respostas. Compromissos nossos. Por isso chega agora outra carta com mais um pouquinho de ideias sobre esse tema que tanto nos mobiliza. Continuei falando cá com meus botões sobre as singularidades que aparecem para homens e mulheres no processo de envelhecer, seguindo os rastros do cuidado. Me pus a pensar sobre isso a partir das histórias que tenho ouvido na clínica do envelhecimento, mas também das que escuto fortuitamente em conversas alheias ou partilhadas, das que nos estão ao lado ou que nos acontecem, e há sempre tantos exemplos a indicar como precisamos (como disse na outra carta) que o cuidado esteja mais distribuído entre todos, e que não seja uma educação baseada no gênero.*

*Te dou um exemplo: dia desses uma amiga me disse de sua preocupação com o padrasto, que desde que deixara de trabalhar não saía mais de casa; se levantava da cama era para sentar-se no sofá. Já ouvi muitas vezes essa mesma queixa das senhoras atendidas sobre seus maridos. Contam que eles arrumaram trabalhos ou estenderam as atividades na Marinha depois da aposentadoria (que para os militares costuma chegar cedo por terem iniciado a carreira junto com a maioria), mas por motivos diversos em algum momento isso também precisou ser interrompido. A rotina ficou então resumida a pequenos reparos na casa e à programação na tv. Poderíamos entender isso como uma mudança nos ritmos e rotinas da vida quando os anos se acumulam, nada mais justo e há que se respeitado. Mas as mulheres seguem atarefadas com os serviços em casa, demandas da família, atividades para si ou com as agendas de saúde, suas e deles. Esses diferentes cenários dizem muito sobre as construções sociais que os fabricam e sobre os quais precisamos pensar.*

*Li um relato<sup>41</sup> da Júlia Rocha, aquela médica de família das narrativas sensíveis e políticas, que dizia sobre como é preciso ensinar os homens a cuidar. Ela contava de um paciente que havia passado pela perda de familiares muito próximos e, num descontrole de sentimentos, terminou por agredir um colega de*

---

<sup>41</sup> Júlia Rocha. Página no Facebook. “Roleta Russa”, relato do dia 23 de novembro de 2017.

trabalho. Perdeu o emprego por isso. Admitiu também que já havia posto em risco a própria vida. E quando a esposa entrou no consultório, enxugou suas lágrimas, ergueu sua cabeça e o lembrou que ele não estava só. Na consulta anterior, havia atendido uma mulher que há dois meses enfrentava questões de saúde, tinha sido abandonada pelo namorado que levou consigo dois mil reais emprestados, e como ela estava com problemas financeiros, se sujeitava a tratá-lo bem para tentar receber o dinheiro de volta. Duas consultas seguidas, dois relatos muito significativos. “É preciso ensinar os meninos a cuidar. Talvez esteja faltando brincar de boneca e casinha”, conclui.

Estava conversando com minha avó sobre a pequena da nossa família, que orgulhosa havia nos contado que já não dormia de fralda. Falávamos sobre as delicadezas desse processo: aos poucos se faz, ela me disse, colocando as crianças para irem ao banheiro antes de dormir, e depois as acordando em tanto tempo para que esvaziem a bexiga, e aumentar gradativamente o intervalo até uma noite inteira. Há um outro corpo ali, cheio de delicados funcionamentos e questões, que chega ao mundo em completa dependência para alimentar-se, aquecer-se, higienizar-se, tornar-se sujeito. É preciso emprestar-se a esse outro e suas necessidades, até que aos poucos uma autonomia se construa (embora nada disso seja feito de forma romântica, mas com muitos desafios). Criar filhos é um exercício envolvido pelo cuidar, porque há sempre, em alguma instância, esse emprestar-se ao outro. Mas apenas as meninas são presenteadas com bonecas para aprender desde cedo sobre esse universo, como a Júlia nos lembra, como já dissemos.

Brincar de boneca e casinha, criar os filhos e administrar a casa – movimentos construídos para assistir o outro e destinados às mulheres. E se isso era entendido como uma divisão de tarefas, já que ao marido caberia sair em busca do ganha pão, para elas não havia o fim do expediente onde poderiam descansar e serem finalmente cuidadas. Da casa, não se aposentam: as roupas continuam precisando ser lavadas (se hoje a máquina se tornou mais comum nas casas, antes o trabalho era feito todo à mão), o chão e os móveis limpos, a comida preparada, as louças arrumadas. Os filhos crescem, mas pedem ajuda com seus filhos. O tempo vai trazendo complicações de saúde e assim envolvem-se com as consultas, exames e tratamentos dos maridos, assumindo a marcação, os acompanhamentos, a atenção sobre a hora do remédio. Às mulheres foi ensinado desde a infância o cuidado do outro como sua responsabilidade. Mas é preciso ensinar também os homens a cuidar.

*A velhice chega para eles trazendo o fim das atividades laborais, ao menos da maneira como se dava até então. Há aí uma grande perda - desorganiza-se um mundo. Não nos esqueçamos que o capitalismo faz do trabalho o ponto central de valorização do sujeito, reconhecido a partir do que é capaz de gerar. No meio militar, há um peso ainda maior – por princípio, a própria vida é ofertada a serviço da pátria<sup>42</sup>, como lembra Paula Kegler e Mônica Macedo<sup>43</sup>, vida esta que é moldada, entrelaçada, constituída pelo e com o sistema nos trinta anos de trabalho. A aposentadoria (volta aos aposentos) é chamada de passagem para a reserva, e quem o faz entra no grupo dos inativos – palavras que dizem tanto. A atividade é então encerrada, levando consigo um mundo de ações e significados que davam sentido à vida. Há muito o que se pensar sobre esse masculino organizado sobre o trabalho e outros signos que costumam apresentar mais fragilidade na velhice, como a potência sexual e o uso do álcool (restringido pelas doenças). Se novos arranjos não podem ser feitos, o corpo vai estacionando na cama e no sofá.*

*Desses efeitos do cuidar, há algo muito interessante que foi sendo construído pelas mulheres: elas aprenderam a movimentar e construir redes. Na vizinhança, no comércio local, nos serviços de saúde, nas instituições por onde passam os filhos, com outras mulheres. Conversaram, trocaram, contaram com, apoiaram, perguntaram, pesquisaram, negociaram. Um enorme conhecimento foi feito e refeito nas partilhas. Elas aprenderam a fazer e refazerem-se. Parece que quando encontramos uma maioria feminina nas oficinas terapêuticas, cursos, aulas de exercício físico, excursões, vemos que o cuidar pôde aí voltar a si mesmas, e algo muito interessante se colhe disso.*

*O que temos acompanhado nessas últimas décadas (cuja luta sempre existiu, mas que alcançou significativas transformações mais recentemente) é uma revolução em todos esses moldes que estamos pensando aqui. Dos direitos constitucionais às reflexões sobre as relações de poder, novas perspectivas estão sendo criadas e formando as próximas gerações. Ainda há muito o que ser transformado, mas essa reflexão já é um dos efeitos dos rearranjos. Também não*

---

<sup>42</sup> Juramento à Bandeira Nacional (ritual de incorporação às Forças Armadas): “Incorporando-me (à Marinha do Brasil; ao Exército Brasileiro; ou à Força Aérea Brasileira), prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado, respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos de armas, e com bondade os subordinados, e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria, cuja Honra, Integridade e Instituições, defenderei com o sacrifício da própria vida”.

<sup>43</sup> Paula Kegler e Mônica Medeiros Kother Macedo. *Trabalho e aposentadoria militar: singularidades de uma travessia psíquica*. Bragança Paulista: Psi-USF, Revista do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco, 2015, volume 20, número 1, págs. 25-38.

*podemos esquecer do que pôde escapar a essas hegemonias: há tantos outros femininos e masculinos que compõem essa história, essas histórias. É preciso atenção para não tornar as percepções uma versão única, como tanto temos discutido: também pude colher narrativas onde os homens eram participativos nessas relações de cuidado. Se o fiz dessa maneira é porque, como mais uma vez retomamos, ainda há que se fazer uma distribuição mais comum de tudo isso, que tem uma relação direta sobre a questão do envelhecimento e gênero. Encerro por aqui essa carta, que tantas idas e vindas que levaram para que pudesse chegar a você.*

*Um beijo da Lu*



Lulu querida,

Sei que esta carta chega demasiado atrasada, mas ela é o resultado de um processo longo de resistência, autoconhecimento e cuidado de mim mesma. Nem sabia por onde começar, já que são tantos atravessamentos e memórias que me chegam ao ler os seus relatos: lembrar-me de quando nos conhecemos, o caminho percorrido até aqui e ter em mente a sua escolha quanto à carta sobre a potência do feminino. Ainda existe o fato de que minha trajetória e pesquisa se cruzam nesse momento. Venho investindo em leituras sobre os feminismos negros, bem como mudei os rumos de minha tese de doutoramento para a investigação de narrativas de mulheres negras fundamentais na construção da carreira de seus filhos como jogadores de futebol, mas nunca estudadas. Nesse momento, meus silenciamentos na trajetória acadêmica e profissional se depararam com mais essa questão tão importante, relacionada ao mundo das mulheres e tantos outros apagamentos. Esse foi mais um dos fatores que causaram os atrasos e as dificuldades de escrita dessa resposta. Primeiro, os desafios da escrita da qualificação e depois, “lamber as feridas” desse processo. O desafio nesse momento, ao falar sobre o feminino, tema da carta que me foi endereçada, é mexer nesse baú de memórias e análises do qual sou parte em construção. Venho em um ano de muitas mudanças na vida e falar de cuidado e das relações com a feminilidade e masculinidade é remexer nas dores e feridas de um processo em curso.

Este caminho de descoberta de mim e do meu feminino foi e continua sendo extremamente violento. Como as suas narrativas demonstraram, existe uma experiência comum a nós que é a retirada de nossa potência, seja pelo investimento em uma educação doméstica (os caminhos do cuidado com o outro e não de nós mesmas, o exercício da empatia e da paciência com os outros, em contrapartida à exigência exagerada sobre nós mesmas) e pouco criativa, uma vez que somos ensinadas a brincar com coisas relacionadas ao cuidado, como as bonecas, as comidinhas... como se estivessem nos treinando para o cuidado com nossas famílias. Logo, precisamos de um marido, precisamos estar sempre cuidando dos outros, nosso trabalho nunca é importante o bastante para ser priorizado, assim como nós mesmas. Ficamos sempre para depois. E nosso cuidado?

Desde muito cedo, eu fui socializada nessas condições. Aprendi com minha mãe a fazer comida, passar roupa, lavar, fazer compras, escolher legumes e frutas... enfim, aprendi a cuidar de uma casa e de uma família, sem esforços, assim,

nas tarefas diárias e na divisão do peso de toda essa administração com a minha mãe. Mas eu também aprendi com ela e com minhas tias, mulheres pobres e negras (apesar de minha mãe ser loira e ter olhos verdes, minhas tias são negras) que elas eram o centro da família e muito poderosas. Eu vi as mulheres da minha vida sofrerem tanto, que entendi desde muito cedo que nós tínhamos muita força e que esse mundo não estava certo. Não podíamos nos calar. Desde criança fugi dos estereótipos de meninas, corria descalça, andava de bicicleta com os meninos, brincava de bola, brigava, namorava... fazia tudo de igual para igual, sem me deixar fraquejar frente à identidade frágil da mulher, porque ali estava o problema para mim. Negar essa fragilidade foi a saída para me equiparar no mundo que nunca me foi apresentado como meu. Por isso, sempre senti que precisava usar uma adaptação para transitar e conquistar espaços nesse mundo. Quando criança, fazia questão de negar o rosa e as brincadeiras chatas de meninas para me mostrar potente. Na adolescência, vieram as questões de autoestima e com elas, as estratégias de embranquecimento, alisar o cabelo, me vestir bem, sempre impecável, esperando elogios e aprovação dos outros. Dessa necessidade de apoio e amor, surgiram várias relações baseadas em cuidado com os outros e muito pouco comigo mesma. Eu lavava, passava e cozinha para todos da casa, pensando em auxiliar minha mãe, que trabalhava fora. E essa lógica foi se repetindo em outras relações: muito estudiosa na escola, muito carinhosa na família e aquela que era a reconhecida como a criança diferente, que parecia adulta. E assim, fui negligenciando cuidados a mim. Meus irmãos passaram situações difíceis na adolescência e início da vida adulta e, por isso, tentei poupar a todos nós de mais sofrimento, fazia de tudo para agradar e acalmar as coisas. Mas pensava pouco em mim. Nunca fui o centro do cuidado. Aprendi a cuidar, a fazer o que esperavam de mim e/ou o que eu achava que esperavam de mim. Nunca aprendi a ouvir minha intuição, a me resguardar, a me priorizar.

Era considerada brigona, mimada e levada. Mas me lembro de nunca me ensinarem que era importante ser quem eu era, que eu devia respeitar minhas vontades e que eu merecia cuidado e respeito. Senti-me muitas vezes invisível e talvez fosse essa a causa da minha revolta desde muito cedo. Eu ainda nem tinha ideia do que acontecia, mas sentia uma raiva me invadir às vezes. Acho que essa raiva sempre veio daí, de não saber quem eu era. Ou melhor, de saber que não gostavam do que eu era. Meu cabelo incomodava, meu corpo (eu era muito magra até uns 9 anos e engordei muito a partir daí), meus seios não cresceram... Tudo isso

apontado e falado pela família e, principalmente pelas mulheres. Até hoje essas questões retornam em encontros de família. Nossa, o cabelo é diferente, a coxa é grossa, a bunda é grande... Como se procurassem sempre pelo que falta ou sobra. Bem poucas vezes sou elogiada ou reconhecida pelo que tenho.

Então, vamos falar do meu mundo de hoje, Lulu, um mundo onde aprendi que existem pessoas que me admiram pelo que sou, que me apoiam e enxergam beleza em todas as minhas escolhas. Eu sou bonita por tudo, por quem sou e pela minha aparência. Mas é isso. Só isso. Faço dieta, sou saudável e faço terapia. Esses são meus ganhos e minhas escolhas, o cuidado comigo mesma. Nos últimos anos, durante e depois de uma relação extremamente abusiva, re-descobri toda minha força e potência. Aprendi que o melhor investimento de nossas vidas é o cuidado com nós mesmas.

E me deu uma vontade enorme de falar em um filme que assisti dias desse, “Café com Canela”, maravilhoso! Aborda um mundo feminino compartilhado por mim, baseado em cuidados ancestrais e religiosos, dos quais fazem parte uma linda narrativa regida pelo feminino e seu poder curativo. O filme traz a história de três mulheres incríveis, que são ligadas por uma mesma orixá, oxum. As histórias se conectam a partir dos cuidados delas com elas e com os que as cercam. Uma história muito bonita, que fez lembrar-me da importância de festejar a vida das que me cercam e a minha. Tenho refletido muito nos últimos tempos a respeito das relações sociais que me cercam e nas expectativas e exigências dos outros. Parei de me preocupar com as pessoas e passei a investir e minhas expectativas e necessidades. Não existe possibilidade de cuidar do outro sem se cuidar, sem a compreensão de suas necessidades e respeito a elas. E estou falando isso tudo, porque ao reler a carta, percebo o quanto essas mulheres foram negligenciadas e agredidas em suas relações de confiança e de cuidado. Uma pena perceber que tanta vida e energia foram desperdiçadas por homens sugadores, os quais também já encontrei em minha vida. Passei alguns anos da vida tentando consertar os outros e responder às expectativas da família, dos amigos, dos parceiros... não me ouvia, nem estava consciente do que eu realmente queria. Achava que o mundo era assim mesmo e que precisávamos lidar com ele. Mas eu estava errada. Fui conhecendo pessoas cuidadosas e investindo em outros tipos de relação, ficando atenta aos meus desejos e minha força. Descobri, um pouco tarde e talvez, um pouco cedo em referência às suas outras cartas, que meu papel aqui é ser feliz, não em um mundo

sem problemas e conflitos, em relações idealizadas, mas em relações reais e cuidadosas comigo, nas quais eu me identifique e seja ouvida.

Pensando em relações de cuidado ou sobre a falta dele, lembrei-me de um episódio muito duro na vida acadêmica, que nos faz refletir sobre o que falamos aqui. Em minha qualificação de doutorado, convidei duas mulheres para minha banca. Por pesquisar mulheres no futebol, achei que seria bom ter essa interlocução. Fui avaliada de forma bem negativa por ambas e muito agressiva por uma em especial, que gritava e batia na cadeira, como se estivesse em um interrogatório policial. Essa mesma professora indicou um trabalho que afirmava ser uma tese escrita por um homem, que negava tudo o que eu estava afirmando. Fui procurar o trabalho e descobri que, na verdade, estávamos falando de uma dissertação de mestrado que em vários momentos convergia para o que eu estudava, mas o pesquisador não discutia questões raciais (o que eu faço), apesar de usar fotos de meninos e estas serem de meninos negros. O resultado desse processo foram meses de atraso na tese e o “congelamento” da pesquisa. Mais uma vez a academia me disse que ali não era meu lugar e que eu não sou boa o suficiente para estar ali. Esse acontecimento alimenta uma série de outros que já foram aqui descritos e por isso trago para sua carta. Não acredito que seja um evento isolado, que aconteça só comigo. Acho que nossa presença enquanto mulheres na academia gera esse tipo de raiva e exigência. Ainda mais com mulheres negras, mais ainda com assuntos que fogem ao escopo tradicional, como a interseccionalidade por exemplo. É muito duro sentir e viver tantas dores de rejeição e reprovação em nossos corpos, mas é importante saber que isso existe antes ainda de minha existência e que sair da academia não vai melhorar nada.

Lembro-me ainda de outras experiências negativas com a construção de conhecimento, como em escolas nas quais trabalhei. Trabalhei em uma escola pública na qual os homens não eram penalizados por atrasos e faltas, podiam discordar abertamente da direção e escolhiam suas turmas (as mais tranquilas, não por acaso), enquanto as mulheres eram silenciadas aos gritos da direção, levadas a uma sala para “uma conversa privada” na qual eram coagidas sob a ameaça de serem transferidas para uma escola mais longe e recebiam as piores turmas (as mais violentas e barulhentas). Não bastasse essa divisão, nos conselhos de classe, essas mesmas mulheres eram acusadas de serem fracas e incompetentes, porque não conseguiam “dominar” seus alunos. Parece até resenha de filme de terror, mas é só o retrato da nossa educação pública e sua gestão, que era exercida por

mulheres. E isso não quer dizer que deveriam ser geridas por homens, mas quer dizer que essas mulheres internalizaram uma lógica perversa de competição entre nós e proteção e cuidado com os homens, o que muito se reproduz também na esfera privada.

Ainda sobre minhas experiências com o magistério, também trabalhei muitos anos em uma rede privada de ensino, com turmas de ensino fundamental, nas quais recebia metade da hora/aula e trabalhava muito mais na elaboração de aulas e materiais. Tudo era justificado pelo fato de que mulheres se adaptavam melhor a essa realidade e eram mais afetivas, os homens não se controlavam, não tinham paciência e não geravam confiança nas crianças. Em troca, eles eram premiados com menos trabalho e maiores salários. Um amigo foi transferido de segmento após xingar palavrões com as crianças do sexto ano, que choraram e chegaram em casa abaladas. Lembro também, nessa mesma unidade, de substituir um professor no Ensino Médio e ser rejeitada pelos alunos, porque pensaram que ele foi demitido e queriam seu retorno. Eu entrava em sala e os alunos estavam com os pés em cima das carteiras e cantavam. Chamei a atenção deles e reprimi alguns após várias semanas tentando negociar. Terminei sentada na sala da direção ouvindo que a culpa era minha e que havia xingado os alunos, o que poderia me render um processo e demissão. Essa mesma rede acabou de ter mais de cem mil postagens no Twitter sobre assédios com as alunas e apenas seis professores foram demitidos, sob a justificativa de que não havia provas contra todas as outras denúncias.

Inúmeras vezes eu ouvi que eu não “ia para o Ensino Médio” porque minha voz era fina e chata, que eu não era tão boa como esses profissionais assediadores. Entrei para o doutorado e diminuí meus tempos, a essa altura, já tinha mais tempos no Ensino Médio que no Ensino Fundamental, sabe qual foi o resultado? Fui castigada com mais horas no ensino Fundamental novamente, porque foi difícil fazer o horário. Mas as mulheres que engravidavam ou casavam, conseguiam um horário mais flexível e próximo de suas casas porque precisavam cuidar de suas famílias. Bom, esse relato rápido sobre minhas experiências no meu trabalho e na academia servem para demonstrar como as experiências na esfera pública são mais duras conosco, mulheres, somos mais exigidas e avaliadas, enquanto os homens são compreendidos. Acho difícil que essas experiências sejam minhas ou narrativas isoladas.

A experiência do feminino é uma experiência de dor em nossa sociedade, construída em bases patriarcais e escravocratas, mas é também uma experiência

de potência e resistência. Ser mulher não facilita as coisas e, por isso, é importante a criação de outros elementos para a constituição do nosso feminino e nossa proteção. Contra tudo isso, eu continuo me levantando, como no poema de Maya Angelou:

Ainda assim eu me levanto

Você pode me riscar da História  
Com mentiras lançadas ao ar.  
Pode me jogar contra o chão de terra,  
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?  
Por que meu brilho o intimida?  
Porque eu caminho como quem possui  
Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,  
Com a certeza da onda no mar,  
Como a esperança emergindo na desgraça,  
Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?  
Cabeça curvada e olhos para o chão?  
Ombros caídos como as lágrimas,  
Minh'alma enfraquecida pela solidão?

Meu orgulho o ofende?  
Tenho certeza que sim  
Porque eu rio como quem possui  
Ouros escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,  
Dilacerar-me com seu olhar,  
Você pode me matar em nome do ódio,  
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.

Isabella

## **Cartas 7- Sobre compor com**

*Cartas trocadas com Marcia Moraes*

*Querida Marcia,*

*Escrevo de um bloco de notas que comprei faz tempo e continua com a mesma espessura. Gosto de cadernos e blocos (especialmente esse, que tem na capa uma máquina de escrever) e os tenho aos montes, mesmo que continuem seguindo com suas mesmas espessuras e folhas sem recados. Andamos na era dos teclados, não sei mais como é escrever em papel – a letra vai mudando a cada frase, como se estivesse espreguiçando e estalando os joelhos e ganhando o ritmo no pouco a pouco. Estou cá surpresa que a palavra tenha ficado mais confortável assim, com tanta bagunça. Você não a verá quando estiver tudo digitado, mas as marcas dos rabiscos, dos percursos que tomei e resolvi voltar, palavras que cobriram outras, estão todas por aqui agora. Cada não-humano compõe conosco um agir específico, não é mesmo? Já estava funcionando de um modo mais harmônico com meu computador pequeno e cheio de adesivos velhos, aprendi a lidar com suas intempéries, nos entendíamos. Mas ele resolveu que não carregaria mais (talvez o peso de tanta responsabilidade, afinal estávamos escrevendo uma tese), e cá estou eu, de volta aos blocos, letras tortas e rabiscos.*

*Me lembrei de um artigo da Eliane Brum (sempre tão lindos seus artigos, capaz de aparecer um monte deles por aqui) em que ela diz desse enlace entre nós e as coisas, como elas nos fazem e também nós as fazemos. Não é sobre isso o artigo, mas sim sobre a escolha por uma mudança que trouxesse caminhos mais calmos à vida. Mas não estava sozinha nisso, tinha a presença do marido João com seu olhar encantado, o companheirismo dos pais, o senso de humor peculiar da filha e um sonho de pequena: ter sua própria escrivaninha daquelas de gavetas, escaninhos e tampa de madeira, para guardar (e até chavear) dentro dela o que fica escancarado quando se escreve, os anjos e demônios despertados para não escaparem para assombrar a casa. Descobriu num site de compra e venda a tal escrivaninha, chamava-se Xerife. Estava marcada por mais cicatrizes que haviam sido prometidas, mas a escritora também as tinha. Ambas carregavam as marcas do tempo e ambas queriam (e precisavam) nascer de novo. E assim, com suas marcas, percursos e almas, escolhiam-se para começar uma nova fase. Lembrei daquela história que te contei da senhora que havia chegado à consulta amparada*

*pelo andador. Vendo-a atravessar o corredor com os passos antecipados pela estrutura, impus-lhe uma fragilidade que, se existia, não era da maneira que minha pergunta lançava, quando lhe questionei se morava sozinha. “Não”, me disse, “moramos eu, Deus e o andador”. Se a coluna reclamava as dores, o andador dava suporte às pernas, e era assim (e com a fé, e com a fralda que usava sem nenhum constrangimento para viagens longas, para caso não desse tempo de chegar ao banheiro - porque agora o chegar tinha outro tempo -, e com os tantos não-humanos que contavam para que estivesse ali) que se aventurava no mundo. Ela se fazia com e a partir do enlace entre todos aqueles elementos – não estava sozinha.*

*Com o que se faz um corpo no mundo? Ou uma escrita? Ou uma escuta, como você me perguntou sobre a carta à Cris? Não é mesmo só com os ouvidos. Naquele artigo que escreveu com a Alexandra, o Ronald e o Arthur<sup>44</sup> (um parêntese para dizer como invejo um artigo de 30 páginas, visto que nem sei se a tese chega lá), vocês lembram que estamos sempre dentro de uma rede de relações e é de dentro dela que podemos analisar o que conta ou não para que uma ação se dê. E aí desaparece a questão se somos determinados ou livres, mas se estamos bem ou mal vinculados, da mesma forma que deixa de fazer sentido a separação entre sujeito e objeto, como no exemplo do titeteiro (aquele livro miúdo que me emprestou na nossa época de pesquisa, como era mesmo o nome, Márcia? Era tão lindo o modo como o autor descrevia essa relação). Não há ali um que manipula e outro que é manipulado, mas um aprendizado sobre o que aquele outro corpo exige para a sintonia do movimento, onde ambos se interferem e se transformam. Assim estamos no mundo, nas relações: pessoas e coisas participam em igualdade de importância para que algo exista e erramos se os consideramos separadamente. Se nas oficinas terapêuticas vou acompanhando para ver o que produz bons vínculos e de que maneira o fazem, também assim nessa pesquisa sobre a experiência do envelhecer.*

*Outro dia uma senhora me disse que se mantém atenta para escapar da depressão. E como fazia isso? Saía de casa, para os trabalhos voluntários da igreja, para as oficinas no Centro de Atenção à Terceira Idade. Se a casa fosse o que lhe ocupasse apenas, tornava-se uma rede fraca: depois dos afazeres prontos, ver televisão, dormir, e somente isso era solidão. Mas se estivesse num circuito maior,*

---

<sup>44</sup>Alexandra Tsalis, Arthur Ferreira, Márcia Moraes, Ronald Arendt. *O que nós psicólogos podemos aprender com a teoria ator-rede?* São Paulo: Universidade de São Marcos, Interações, 2006, volume XII, número 22, págs. 57-86.



do almoço que ajudava a preparar para o grupo que atendia, das histórias que acolhia na comunidade onde ele era realizado, dos encontros que tinha no Centro de Atenção, com as pessoas, com os materiais, então outro cenário se apresentava. Depressão se espantava com redes mais amplas, era o que me contava. Lá no artigo, vocês lembram que nessa noção de rede segundo Latour não é apenas o vínculo que importa, mas o que ele produz, que efeitos tem. E isso se reconhece pela capacidade de mobilizar mais aliados e tornar-se mais estável. Chega-se então à noção de ator, que não coincide com um indivíduo como responsável pela ação, mas com tudo aquilo que tem agência. Um ator, vocês escrevem, não se define pelo que faz, mas pelos efeitos do que faz. E ele é híbrido, sempre uma composição entre humanos e não-humanos. Ao pesquisador interessa investigar justamente isso, as ações – como se fabricam, que efeitos têm – entendidas como um processo distribuído, e não centralizado em um único actante. Voltamos àquela pergunta que me fez se seria só com o ouvido (ou de quantos ouvidos) que se faz uma escuta. Esse próprio ato de escrita (que aqui se faz entre garranchos e riscados no papel, histórias que puxam umas às outras magicamente, como os lenços na manga do ilusionista, trocas e conversas, textos e memórias) me multiplica os sentidos.

Há um pequeno conto no Livro dos Abraços<sup>45</sup> chamado A Origem do Mundo em que num diálogo entre o pai, um operário anarquista no duro cenário do pós guerra civil da Espanha, e o filho, que recitava o catecismo desesperado para salvá-lo ao menos da condenação eterna, um segredo maravilhoso é partilhado (e esse precisamos espalhar aos quatro ventos). “Mas se Deus não existe, quem fez o mundo?”, pergunta o menino. “Seu bobo, quem fez o mundo fomos nós, os pedreiros”, diz o pai. Somos nós que fazemos o mundo todos os dias, nos tijolos que juntamos um a um para construir paredes, ou pontes, ou chão e refazer também os que encontramos por aí. Participamos da construção do social a todo tempo reforçando os arranjos, transformando-os, conseguindo produzir variações. O social não é uma força misteriosa que paira sobre nós, mas uma conexão da qual participamos nós e esses tantos elementos.

É muito curioso o método que Latour<sup>46</sup> nos sugere para rastrear o social: partindo justamente das incertezas (sobre a natureza da ação, dos grupos, das coisas, dos fatos, do modo de conhecer e dizer esse social). É fazendo perguntas sobre o que faz agir, o que conta para que uma ação se dê, o que torna um arranjo

---

<sup>45</sup>Eduardo Galeano. *El libro de los abrazos*. Buenos Aires: Sigloveintiuno editores, 2013, pág.2.

<sup>46</sup>Bruno Latour. *Reagregando o social*. Bauru: EDUSC/ Salvador: EDUFBA, 2012.

*mais ou menos forte, que poderemos seguir os rastros e acompanhar sua formação. Já entendemos que um ator não deve jamais ser reconhecido como o disparador exclusivo de um ato, mas sempre articulado a um conjunto de entidades, que é dentro de uma rede que as ações se localizam, e por fim que é preciso pôr em xeque a noção de grupo enquanto unidade concordante e afim. Há algo que une os sujeitos para serem considerados parte de um grupo, mas se o tomarmos sob um viés identitário desaparecerão todas as tensões, fragilidades, acordos e discordâncias das quais ele se faz. Sem isso, essa pesquisa chegaria ao fim com uma ou duas definições sobre a velhice contemporânea, quando na verdade se interessa por escutar os possíveis efeitos dessas definições e a produção de novas versões, acompanhando as narrativas tão plurais quanto as experiências.*

*Não podemos tomar o social como uma explicação, um fato, mas justamente o inverso: perguntar de que maneiras e por que caminhos ele foi estabilizado daquela forma, torná-lo uma questão de interesse. A volta à “estrutura” ou ao “contexto” para encontrar as causas de uma ação é uma ardilosa linha pela qual somos constantemente puxados. Poderíamos pensar que a solução está no chamado “local” e partir em busca de interações mais “concretas”. O que Latour sugere, no entanto, é que não nos demoremos nem em um, nem em outro desses extremos (se é que eles realmente existem), mas que sigamos indo e vindo, jamais trapaceando com grandes saltos, mas pavimentando os caminhos com as ações dos atores e fazendo visíveis essas ligações.*

*Mas não se trata apenas de, mais uma vez e como muitos autores (aos quais somos gratos) fizeram, desnaturalizar os estados e as essências, mas chegar ao final reagrupando o social a partir de novos e mais interessantes arranjos. O autor nos orienta a escrever relatos de risco, reconhecendo os tantos atores em cena e os inúmeros objetos que contam para que o social seja estabilizado de uma forma, bem como incluir as controvérsias como parte viva desse processo. E nesse experimento, por fim, tornar a própria escrita um mediador e os assuntos novamente intrigantes. Porque ela também performa mundos, como tantas vezes já dissemos, como tanto conversamos. Naquele mesmo Livro dos Abraços, Galeano conta outro segredo, partilhado por Marcela Pérez-Silva, que chegou a ela por um homem cuidador dos vinhedos. A uva, ele disse, é feita de vinho. E o escritor leva adiante o sussurro desse homem pensando que talvez sejamos justo as palavras que contam o que somos. Que contemos histórias mais interessantes sobre nós.*

Querida Marcia,

*Conversamos sempre, e cá estou na costura de uma tese a dizer, que nossas pontes com o mundo envolvem humanos e não-humanos em igualdade de relevância. Peguei da estante um livro do Drummond<sup>47</sup> enquanto o sistema do computador atualizava, roubava de novo o word e não me deixava editar as cartas. Às vezes é melhor ceder às agruras e aproveitar o descanso. O primeiro conto do livro dizia da noite em que um inseto aparece na mesa de um homem, mergulhado entre papéis e livros. E o inseto, sem perceber ou ligar, coloca ao homem uma série de questões: encerraria logo aquela existência esmagando o intruso?, mas que mal estava lhe fazendo?, seria nocivo?, e mesmo, como aplicar uma pena de morte a outro ser tão desprovido de meios para reagir? A essa altura o homem já experimentava uma ternura pelo bicho, que agora passava a ser uma companhia. Ele havia sido escolhido, entre tantas mesas no mundo com seus papéis. Mas talvez essa chegada fosse mesmo obra do acaso e pensar nisso o fazia envergonhar-se por ter levado tão à frente uma sensibilidade. Bagunçava-se nas reações que se pode ter diante de um inseto, até aquietar-se na contemplação. Olhando, sentia-se também olhado, e assim ficaram na muda conversa que os insetos conhecem muito mais que homens. Divagando sobre as suas limitações no para além das palavras, perdera o momento em que em que o visitante havia partido, provavelmente decepcionado com a incomunicabilidade dos humanos. Drummond termina dizendo que, se os pequenos seres conseguem nos insinuar alguma coisa, nunca foi recebida pelos homens sérios. Talvez pelos ficcionistas, mas quem leva a sério os ficcionistas?*

*Os ficcionistas são seres mais atentos à complexidade de que são feitas as coisas e por isso mais dispostos a reconhecer esses outros que fazem nossas relações. E assim aprender com eles, também no para além das palavras. Mas o que vim dizer nessa carta tem justo a ver com elas. Se humanos e não-humanos participam em igualdade de relevância no agir é de maneira específica que o fazem. Cada elemento que compõe esse mundo tem singularidades em suas exigências, possibilidades e contribuições. E tanta introdução fiz para chegar ao seguinte elogio, porque se basta olhar em torno para ver como conseguimos estragar boas possibilidades de estar no mundo, há também o que se colher de louvável: essa*

---

<sup>47</sup> Carlos Drummond de Andrade. Boca de Luar. Visitante Noturno. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, págs 7-10.

*incrível invenção chamada palavra. Claro, MM, nada disso se deu sem os inúmeros atores que contaram para que essa invenção se multiplicasse, se espalhasse, se refinasse. Mas só nós temos a possibilidade de usá-la da maneira como o fazemos. As árvores com seus nódulos grafados nos troncos podem dizer há quanto tempo existem aqui, as baleias têm sofisticados sistemas de vocalização para se comunicarem, e nós inventamos a palavra, que faz um encontro desavisado com um inseto render um conto de Drummond, uma obra de Clarice, um livro de Kafka. As palavras recheiam de acontecimentos o existir.*

*Outro dia me lembrei de um blog (que já está aposentado há alguns anos) onde escrevia pequenos textos sobre o cotidiano. Encontrei num deles meu encantamento por esse universo, nesse jeito de apreciar as palavras chamado escuta. Trago em aspas generosas porque já nos permitimos esquecer um pouco das regras ABNT com suas condições normais de temperatura e pressão e nos deixamos expandir. Aí está: “desde muito cedo entendi que histórias precisavam ser ouvidas. E me prontificava a escutá-las mais por gosto que por entendimento, porque achava bom o jeito que cada um contava. O jeito que se conta uma história é assim: único e intransferível. E mesmo que se conte a mesma, não é mais a mesma por narradores diferentes. Nunca foi. Porque o viver também é único e intransferível. E era pelas histórias o meu fascínio, pois elas me contavam que as pessoas já tinham vivido de um tudo e eu nem imaginava que esse tudo existia. A escuta me levava a outros mundos. Tenho amigos que pelos quais sou consentidamente seduzida pela habilidade que têm de transformar as coisas em acontecimentos. Aquelas que de tão corriqueiras nem chegam a ser anunciadas? Pois dessas saem histórias incríveis. O gosto pela escuta também virou trabalho, que lhe exigiu muitos estudos e afinações. Se tornou uma escuta-intervenção, nas sutilezas, aberturas, responsabilidades. Ouviam-se também outros enredos, pinçados dos emaranhados do contar. De vez em quando paro para pensar sobre as tantas histórias que já me partilharam. Algumas de se duvidar a crença, não por desconfiança, mas pelo grau de surpreendimento que a gente fica depois de testemunhar a vida. Uma autora chamada Jeanne Marie Ganegbin disse algo muito interessante sobre resgatar essas histórias do passado, de um jeito onde haja espaço para que sejam contadas pelos suspiros longos, pelos silêncios, pelas hesitações e solavancos (...).” E agora sigo: as palavras (mesmo dizendo das conversas mudas) é esse tecido costurado numa artesanaria que torna o existir tão extenso.*

*A Ângela<sup>48</sup>, pensando sobre tempo e memória a partir das considerações freudianas, lembra que o passado surge como uma leitura; não é algo estático a ser desenterrado, mas a ser inventado. Isso não significa então que a narrativa de uma experiência é puramente fábula, que se desvincula por completo do vivido e corre livre à própria sorte, mas que há algo que se refaz, em operações delicadas e transformadoras que envolvem o narrar: o lugar na enunciação, a partilha da história (que, chegando a outros, abre-se à intervenção), o ouvir a si mesma. O viver, como eu disse nas ladainhas do blog, é único e intransferível: não se pode pedir a outro alguém para ocupar nosso corpo e não há no mundo duas existências iguais; o viver não veio determinado, não há uma estrada reta e bem marcada para seguir – é não se sabendo muito bem como fazer que vamos fazendo. Talvez aí mesmo que está a beleza, justo naquilo que se inventa. Viver, MM, é a invenção de cada um. E a narração desse viver é como nós o atualizamos. Esse ato já compõe ali e faz disso uma experiência, porque pelas e nas palavras fazemos existir mundos. Fui aprendendo nas leituras e estudos daquele pessoal que o seu moreno tem apreço que o contar, os ditos e os dizeres, os significantes e significados, a maneira como nos enlaçamos e desatamos das palavras vão fazendo a tessitura do existir. Fui aprendendo contigo que os materiais também compõem essa rede, e sem torná-los opostos, sigo acompanhando as construções das palavras, seus efeitos que podem ser devastadores, que fazem sarar feridas, que refazem relações, que dizem de nós.*

*Acompanhar narrativas é acompanhar redes. Não só no que reúnem, mas na maneira como o fazem. Hoje passei o dia com meus velhinhos, e essa coisa de morar longe e encontrar pouco faz o estar perto mais precioso. Aí é hora de atualizar as histórias, que vão fazendo com que eles participem mais um cadinho da minha vida e eu da deles. E é muito engraçado perceber o jeito de cada um nessas histórias, as leituras dos acontecidos (que fazem o acontecido ser aquela leitura), os enredos, as preocupações, as conexões, o que faz rir, o que faz aproximar, o que interessa, aonde cruza e onde desvia. As histórias são eles, somos nós. Ah, como isso é bacana! Talvez você não veja nada de surpreendente nessa constatação de conclusão (ou introdução) de tese, afinal, é com isso que trabalhamos o tempo todo e daí que partem nossos estudos. Mas eta coisa porreta isso de descobrir de novo uma coisa que a gente já sabia!*

---

<sup>48</sup> Angela Maria Carneiro Silva. *Um certo olhar para a velhice: a narrativa memorialista de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social da UERJ, 2001, pág. 58.

*É claro que não somos feitos só de palavras; não há palavra sem corpo, sem aqueles para os quais as endereçamos, sem as materialidades que a compõem. Essa carta não existe sem mãos, sem tecla, sem você para fazer conversa, sem Drummond ou Angela – cada elemento que não apenas participa, mas faz essa escrita. Meu elogio é a essa capacidade maravilhosa da linguagem (ainda que não esteja só) de carregar todo mundo para cá, de trazer universos e partilhá-los, porque se não podemos estar a todo tempo com o outro em suas vivências, podemos ouvi-lo e ser tocado por elas. As histórias que ouvimos e as que contamos nos transformam e a nosso entorno, abrem-se para interferir e serem transformadas, nos reposicionam no mundo. E aí já esgotei meus argumentos sobre a potência dos espaços terapêuticos, que oferecem lugar para essa narrativa e para escuta de si e do outro.*

*Há um conto de Calvino<sup>49</sup> (outro, o qual também descobri na estante enquanto o sistema atualizava) que fala de uma intervenção militar na maior biblioteca de uma nação imaginada chamada Panduria. Nas ideias dos oficiais superiores de Panduria surgiu a preocupação de que os livros poderiam estar propagando opiniões a desacreditar o prestígio militar. Instaurou-se uma comissão de inquérito liderada pelo general Fedina, conhecido por sua severidade e retidão, que prontamente passou a examinar, junto de uma equipe, todas as obras da biblioteca. O general as classificaria com seus carimbos, declarando aptos à leitura ou à denúncia ao Tribunal. As prateleiras pareciam um mar sem fim e a ajuda do único funcionário que ficara, senhor Crispino, era fundamental para desbravá-las. De vez em quando, alguém jogava um livro na mesa a achar absurda a descrição de guerras e batalhas que apresentavam versões diferentes das conhecidas. Coçava-se a testa, resmungava-se, tomavam-se notas, mas algo acontecia que as leituras ficavam cada vez mais interessantes. Quando debruçavam-se sobre uma questão, indignados, seu Crispino chegava com mais volumes e despejava-os na mesa para aprofundar os estudos. Os relatórios enviados pelo rádio com os veredictos positivos ou negativos ficaram mais escassos até cessarem por completo. O Comando estranhou e pediu logo o encerramento da operação e apresentação de um relatório detalhado. A notícia chegou quando a tropa se dividia entre dois sentimentos: a vontade de continuar aprendendo sobre o mundo pelo gosto que haviam tomado e o desejo de reencontrar os seus, de voltar à vida, que agora parecia muito mais rica e complexa. O general Fedina se retirou para escrever*

---

<sup>49</sup> Ítalo Calvino. *Um general da biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pág. 74.

*o relatório com ajuda de seu Crispino e juntos redigiram uma espécie de compêndio sobre a história da humanidade, criticando as classes dirigentes e as responsabilizando pelas desventuras da nação, e o povo foi lembrado como vítima de guerras e de políticas equivocadas. Não foi possível nem terminar o discurso pelos fortes protestos da assembleia, que tratou de mandar todos para a reserva a fim de evitar escândalos maiores. Dizem que, vestidos à paisana, continuaram a ser vistos frequentando a velha biblioteca, onde seu Crispino ali os aguardava. Porque, quando a gente toma gosto pelas histórias e toma ciência de seu poder transformador, é difícil deixá-las.*

*Essa carta é para você, que me permitiu de forma tão generosa trazer as histórias para a Academia e que me ensina tanto sobre as delicadezas da escuta. Essa carta é para dizer minha enorme admiração e gratidão, esses dois sentimentos que sempre ficam apertados demais na palavra, mas que a gente faz caber para poder dizê-los. Essa carta é o meu feliz aniversário, que é muito bom de ganhar quando o aniversário já passou e as pessoas perdem o costume de nos felicitar pelo nosso existir. Que felicidade você nesse mundo, MM, e te desejo muitas felicidades também, que sei que você terá, porque é sempre na partilha que a gente encontra.*

*Beijos da Lu*

Querida Márcia,

*Chego em casa apressada para te escrever os acontecidos de hoje. Você andou me perguntando como as senhoras responderam ao convite para participação na pesquisa e agora finalmente te conto. Sobre isso já havíamos conversado há tempos, mas lendo juntas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que os comitês de ética nos exigem, questões interessantíssimas surgiram. Antes, um adendo: uma das notificações do comitê para refeituras e correções no meu projeto dizia respeito a esse Termo. Pediam que eu fosse mais clara e acrescentasse ainda condições que julgavam ser essenciais e que ali não estavam. Considerei-as dentro da condução ética do trabalho, mas percebi que de fato havia escrito para o próprio comitê e não para com quem iria pesquisar. E minhas palavras, que tendem a achar que dizem tudo em tão pouco, explicavam para quem já sabia. Escutei você dizendo: Lulu, escreva mais!, e lá fui eu desfiar as frases, que por fim ficaram dessa maneira:*

- 1) A proposta deste trabalho é pesquisar sobre o processo de envelhecimento, através das histórias contadas por quem chegou à terceira idade;*
- 2) As histórias serão levadas em conta, mas a privacidade e o sigilo serão garantidos pela substituição dos nomes por outros fictícios - por isso, o seu nome não será revelado. Esse é o cuidado que tomaremos sobre o risco que existe em toda pesquisa (assim como nesta) de expor os sujeitos. Esses cuidados serão tomados para que você não seja exposto nas histórias que partilhar;*
- 3) Depois de escrito, o material será apresentado aos que aceitaram esse convite de participação e assim autorizaram que suas histórias fizessem parte do trabalho;*
- 4) Não haverá entrevistas individuais ou questionários. O material será colhido nas Oficinas Terapêuticas das quais você já participa;*
- 5) O trabalho terapêutico do qual você participa continuará existindo e esperamos que você siga nesse acompanhamento;*
- 6) As histórias ajudarão a entender as questões que são importantes no processo de envelhecer. Elas servirão para orientar as reflexões sobre o tema, junto com a pesquisa e a leitura de outros trabalhos dedicados à área;*
- 7) Seria possível fazer uma pesquisa baseada apenas no que dizem os livros, mas a proposta desse trabalho é ouvir e valorizar as experiências de cada um. É fundamental ouvir quem chegou à velhice para entender quais as angústias,*



*dificuldades, invenções, potencialidades e descobertas que fazem parte desse período da vida, bem como reconhecer a importância das tantas experiências e histórias que os idosos têm a contar;*

*8) Assim esperamos construir um conhecimento que não seja apenas sobre, mas junto com quem chegou à velhice;*

*6) As despesas serão de responsabilidade exclusiva da pesquisadora, bem como qualquer custo extra;*

*7) Não haverá compensação financeira; a participação é voluntária e não-remunerada;*

*8) Caso você seja o responsável legal do idoso que já não se encontra em condições de compreender esse termo, esteja respondendo por ele legalmente e considere importante sua participação nessa pesquisa, pedimos que leia com atenção as condições apresentadas e, uma vez aceitas, assine ao fim;*

*9) Você pode esclarecer as dúvidas com a pesquisadora a qualquer momento da realização da pesquisa...*

*E esse foi um bom momento para esclarecer as dúvidas e falar abertamente sobre a velhice, afinal, era por ela que a pesquisa se interessava. Todas as questões que surgem no grupo de alguma maneira atravessam esse tema, mas estávamos ali colocando-o na maior evidência. Apesar daquele serviço ser um espaço de atendimento à terceira idade, não era incomum surgirem inquietações ao dar-se conta desse pertencimento. Logo uma das participantes afirmou que não se considerava velha: realizava inúmeras atividades, cuidava de si e de tantos, mantinha uma considerável agilidade física e psíquica. Nada disso cabia no seu imaginário sobre a velhice. Mas a própria velhice havia mudado, não era a mesma experimentada por suas avós. Outras possibilidades viviam hoje e que eram impensáveis a senhoras de setenta anos há setenta anos. Será que poderíamos ainda chamar de velhice? Ou o que desse desencaixe poderia refazer esse termo? Chegamos à quarta idade, a(o)s octogenária(o)s são citados de forma particular no estatuto<sup>50</sup>, o mesmo que considera idoso quem ultrapassa os sessenta, mas apenas aos sessenta e cinco garante o gozo de certos direitos. Quantas nuances cabem nesse universo, não é mesmo?*

*Logo depois outra senhora tomou a palavra e afirmou-se enquanto alguém que tinha envelhecido. Não apresentava os cabelos brancos, os sulcos que*

---

<sup>50</sup> Lei 13.466/17, que assegura prioridade especial aos maiores de oitenta anos.

*cortavam a pele eram discretos, mas o tempo havia marcado um lugar. Era desse lugar que falava, que se reconhecia e assim podia reconhecê-lo nos outros. Havia uma fragilidade no envelhecer, dizia, que os filhos ainda não tinham maturidade para perceber, talvez porque estivessem ainda distantes desse universo. Essa fragilidade pedia a eles um cuidado, uma atenção muitas vezes não dedicada no atropelo de suas vidas corridas, mas também no não despertar para essa importância. O que o tempo ajudava a construir era essa maturidade, concluía, e isso tinha a ver com se tornar mais receptivo às questões do outro. Porque no correr da vida ocupamos diferentes lugares, o da criança, do jovem, do adulto, do pai ou da mãe, do idoso e tantos outros, nos aproximamos e nos tornamos mais sensíveis a certas questões que tocam cada um desses universos. A maturidade e o tempo, que nos muda de lugar.*

*A partir daí surgiram histórias sobre acontecimentos em família que fizeram o romper de laços ou embolaram-se em nós difíceis de desatar. A possibilidade de reconstruir algo dessas relações talvez estivesse apoiada sobre o abrir-se à versão do outro, a ouvir o seu viver daquele acontecimento e se dispor a ser afetado por ele. Essa senhora lembrou da infância, quando foi separada dos irmãos porque a mãe não tinha condições de ficar com os três. Chorava com ela a cada despedida nas visitas ao colégio interno e à casa de parentes onde estavam as outras crianças. Passou situações muito duras com essa mãe que era extremamente severa e ainda vivia o dilaceramento da separação dos filhos. A irmã a apontava como a protegida, a que tinha ficado, sem imaginar todo esse pesar. Na sua fala, considerou que que a rispidez da irmã com ela pudesse ter a ver com isso. Imaginava que ela também tinha vivido muitas durezas no internado, mas por nunca haverem conversado sobre, guardavam em si mesmas suas próprias versões. Pensou que gostaria dessa conversa.*

*Não é fácil esse trabalho de compor com o outro. A duras penas organizamos uma narrativa para habitar esse mundo, como então abri-la para que seja mexida, desfeita, retecida por caminhos que ainda não conhecemos? Por certo enriquecemos nosso universo quando nos tornamos mais sensíveis aos tantos outros, mas para isso é preciso pôr nossas histórias em risco. Não é fácil, mas é incrível quando a gente tenta. Vamos seguindo nessas tentativas de interferir e compor com, nas histórias, na pesquisa, na vida.*

*E há também aqui uma outra dimensão de partilha a ser considerada: a pesquisa, que leva as histórias adiante e a outros grupos quando se torna*

publicação. Na última frase do Termo de Consentimento escrevi que, se o participante desejasse que seu nome fosse mantido, sem apelos ao ficcional, que então declarasse e assim seria feito, mas isso caiu em pendência pelo Comitê e acabou não entrando na versão final. Fui buscar o texto da Despret<sup>51</sup> em que ela trata a questão do segredo, como me recomendou, e achei mesmo uma discussão riquíssima. Ela lembra que os dispositivos criados, os arranjos feitos para cuidar do sofrimento, também irão guiar a maneira como as pessoas o experienciam. Os procedimentos participam ativamente inclusive da moldura do transtorno. De fato, se pensarmos na maneira como nossa cultura localiza os sentimentos, não apenas contrapondo-os à razão ou como algo que lhe escapa, mas os enraizando a uma certa interioridade, encontramos na introspecção o caminho para acessar a mais pura verdade sobre si. Aí estaria a chave da cura. Estabelece-se a noção do íntimo, do que deve ser protegido, e conseqüentemente do segredo. Ou não seria a produção do dispositivo a partir da questão do segredo que levaria a essa noção de interioridade? E se colocam também questões sobre a transmissão do conhecimento. Como fazê-lo, se se parte do acordo do sigilo? Na tentativa de desidentificar o paciente para que ele não seja reconhecido – mudar a idade, o sexo ou outras características – o risco se torna também esse, desidentificá-lo e modificar o que compunha sua história e faria ela existir daquela maneira. Essa tentativa, agora podemos dizer, também funciona para que o paciente não se reconheça. Assim, o próprio profissional está protegido de prestar contas, se não por isso, pelos próprios melindres que desestimulam o abrir sua prática “privada” ao “público”.

Já muitas vezes me vi diante dessa questão na pesquisa: como escrever sobre aquele que irá ler esses escritos? Isso nos implica com o que produzimos, sem encerrar ou resolver as questões, que são muitas porque há muitas delicadezas sobre essa troca na clínica, mas traz o pesquisador a se incluir, porque quando esses outros entram em cena, já não pode mais ignorar que existe aí, lembrando mais uma vez a discussão que fazemos sobre a neutralidade – quando finge-se falar de lugar algum. Despret conta de quando foi chamada, com a socióloga Antoinette Chauvenet, para avaliar os efeitos de um programa de apoio às famílias de refugiados na ex Iugoslávia. Quando chegou com a tradutora na casa de uma das famílias que as aguardava, estavam também amigos, vizinhos, primos. Antes que começassem a entrevista, esperaram (muito tempo até) para que todas essas

---

<sup>51</sup> Vinciane Despret. *Leitura Etnopsicológica do segredo*. Revista Fractal de Psicologia, vol. 23, n. 1, págs. 5-28, jan/abril 2011.

*peessoas se fossem, mas elas ficaram. Demorou a perceber que era sua a preocupação com a privacidade, já que ali iriam falar sobre tristezas, perdas, relações, e que as pessoas que ali encontravam não definiam as coisas da mesma maneira que ela. Se estavam lá, era justamente porque a esperavam para falar. Numa outra vez, entrevistava um senhor agricultor muçulmano originário da Bósnia e fazia anotações de suas declarações, traduzidas pela profissional. Em um dado momento, em que o senhor dizia do desaparecimento do seu irmão, segurou sua para lembrá-la que não eram os filhos daqueles que faziam política que estavam na guerra, eram os seus, era com os seus filhos que eles escreviam a guerra. Atônita com a força daquela colocação, a pesquisadora disse que essas belas palavras não poderiam pertencer a ela, que o trabalho ali era desenvolvido mantendo o anonimato, mas agora ele a fazia pensar se era mesmo o melhor caminho. Muitos haviam lhe dito que a perda da dignidade estava em serem chamado de “você, os refugiados”, como uma massa marcada por uma identidade que não haviam escolhido. Ele então pegou sua caneta e nas anotações deixou seu nome: Jahija Smajie. Despret faz desses mal entendidos importantes reflexões para conduzir suas pesquisas, levando a negociação da questão do segredo, seus riscos e aberturas, àqueles a quem interrogava. Era preciso negociar com esses.*

*Aquele artigo que escrevi com a história de Maria Antônia entreguei-o depois à filha, já que as falhas de memória não mais a deixavam compreender a leitura. Depois ela me contou que no aniversário da mãe, quando a família estava reunida, leram a todos o texto, gostaram dos escritos e o reconheceram como uma homenagem. Do material que produzimos no Grupo de Cuidadores, a partir das histórias e trocas que aconteciam, ouvi também algo muito interessante: um senhor havia o deixado sobre a mesa para que a filha lesse, encontrasse suas histórias, legitimadas por aquela escrita, e pudesse lhe ouvir ali. Tanto pode surgir dessa partilha, tanto que nos ensina. Mas seguimos ainda nas retificações, na escuta do que há ainda a ser recombinação. Penso que obedeci ao Comitê e retirei do termo o espaço que havia para que os participantes pegassem a caneta e escrevessem seu nome, se assim o desejassem, e não abri outros a tempo para essa questão ser negociada antes da impressão dessas páginas e encerramento da pesquisa. Sigo com essas questões para pensar nessa ética do pesquisar com. Sigamos.*

*Um beijo, Lu*

## **Cartas 8- Sobre as brechas**

*Cartas trocadas com Josselem Conti*

Querida Jô,

*Como é bom sair do serviço, ir para casa, ver as sementes que plantei sem esperanças e que brotaram nessas últimas 32h, fechar os olhos por uns minutos e depois começar essa carta que estou te devendo. Viva as pequenas alegrias do dia a dia! Não digo pequenas por serem enxutas no tamanho, mas porque alegria talvez seja assim, um negócio que a gente descobre nas miudezas. É preciso descobrir, e nem sempre é fácil. Estão lá, sempre estão. Mas o “lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor”<sup>52</sup> é quem costuma escrever a poesia das rotinas. São os papéis que não fazem sentido, nos quais a gente anota, e escreve de novo no outro, que vai para um relatório, que é copiado de um livro, que alguém deixou lá para que eu leve adiante, para que minha superiora siga com isso, para levar pro mais antigo dela, e assim acumulamos livros e mais livros com informações repetidas nos mesmos papéis que começaram essa frase. Dei muita risada quando li numa carta do Fernando Sabino à Clarice Lispector que ele foi suspenso dez dias do emprego por escrever ao chefe um manifesto antiburocrático e aproveitou para dar um avanço no seu livro<sup>53</sup>. Dez dias me dariam um bom adiantamento na tese, mas desconfio que um manifesto desses agravaria minha pena a umas semanas, talvez anos a mais. Sigamos com as cartas fora de expediente.*

*Mas é tão bom quando a gente está enredado nas repetições e de repente, assim, sem esperar, uma brecha surge. Estava um dia nos atendimentos de primeira vez, com os papéis do rastreio cognitivo à mesa, explicando à paciente que faria alguns testes para avaliar a atenção e a memória, que fazíamos isso porque muita gente chegava se queixando de esquecimentos, que eles não diriam tudo sobre o assunto, mas dariam algumas pistas, que a paciente seria ouvida por mim e por outros profissionais – e tudo isso fazia parte da introdução que inventei para situar sobre a avalanche de perguntas que faria a seguir: em que data estamos, quanto é 100 menos 7, se poderia repetir três palavras e lembrar-se delas daqui a pouco, e outras e outras. Recebíamos uma média de oito pacientes nesse dia, e oito vezes*

---

<sup>52</sup> Manuel Bandeira. Poesia completa e prosa. *Do poema Poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

<sup>53</sup> Fernando Sabino, Clarice Lispector. *Cartas perto do Coração*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003, pág. 49.

começava minha fala-explicação para quem entrasse no consultório. Quando me apresentei e disse que era psicóloga, já emendando no meu discurso, a paciente interrompeu: “então você gostaria de saber como estou me sentindo?”, desconcertando minha burocracia para lembrar do que realmente importava ali.

Contei essa história à Marcia para pensarmos sobre as repetições. Disse também de um episódio daquela viagem pelas cidadezinhas do sul (ia perguntar se você não se lembra, mas estávamos só eu, Fefê e Paulete; a Camila sempre diz que a gente inclui nas memórias das viagens os amigos que não estavam, ela tem razão). Passamos por lugares turísticos e era muito comum que as visitas estivessem organizadas em roteiros e explicações repetidos muitas vezes ao dia. Bom era quando alguém fazia uma pergunta nova, quando as histórias puxavam umas às outras, quando a apresentação virava uma conversa. Foi o que aconteceu numa fábrica de cristais, preparada com uma espécie de teatro onde o público se acomodava para assistir à confecção de uma das peças. Ao fim, entre o constrangimento e a curiosidade, nos aproximamos do artesão para tirar uma dúvida e ele nos contou sobre seu percurso lá dentro, sobre as experimentações que havia ousado, sobre outras delicadezas do processo. Havia uma função chamada soprador, que insuflava o material ainda fluido para que começasse a ganhar uma forma. Sendo este a assumir a função, deveria continuar a sê-lo até encerrar aquele conjunto – porque outro talvez lançasse uma quantidade diferente de ar e trouxesse essa diferença ao resto dos vasos ou copos. O corpo do soprador trazia uma assinatura para aquela produção, nas repetidas vezes em que conduzia o processo. É muito curioso pensar nas repetições que nos assinam e nas que nos enclausuram. Bem sutil isso, não? E talvez só dê para dizer sobre qual nos rege ali mesmo, em que cada situação.

Fiquei pensando na sua conversa com a paciente que fica deitada na mesma posição o dia todo e quando vê o dia já passou todo numa mesma posição. E vocês duas levando à folha pautada o que mais ela gostaria de fazer, não para ser outro papel a burocratizar rotinas, mas para fazer brecha nas repetições. Como daria para fazer um pouquinho diferente, ou muito, ou o tanto que fosse possível e que mexesse algo na posição que estava? Lembrei de um documentário chamado *A vida em um dia*<sup>54</sup>, que beleza de documentário, feito de trechos do dia 24 de julho de 2010 na vida de pessoas espalhadas pelo mundo todo. Os produtores receberam 4.500 horas de vídeo, de 192 países. Assistiram, selecionaram, editaram e

---

<sup>54</sup> Ridley Scott e Tony Scott. *Life in a day*. Scott Free films.

*transformaram em uma hora e meia de pequenos acontecimentos de um único dia em diversos cantos do planeta. É incrível descobrir essas vidas, dos eventos cotidianos, como fazer a barba pela primeira vez, assistir o filho dormir ou ficar bêbado, até uma aventura de bicicleta que nas idas e vindas carregava a esperança de ver as Coreias unidas. Tanta coisa acontece em um único dia, pelas vidas afora e na nossa também. Os filmes fazem isso (como os livros): nos partilham histórias e fazem de nós testemunhas participantes. Carregamos um pouco de todas elas, às vezes sem precisar sair da cama. Mas é importante quando podemos sair para povoar um pouco mais as nossas. É com essa sensação que terminei o documentário: há tanta coisa para ver ainda, tanta gente para conhecer, quantas línguas e paisagens existem por aqui, é muito o que acontece em único dia. Me dá vontade de arrumar as malas de novo sem esperar as próximas férias, mas acho que é sobre isso que estou te escrevendo e tentando me fazer ouvir: o dia acontece hoje.*

*Talvez soe romantizada demais essa ideia de achar as delícias naquilo que há de mais cotidiano. Talvez seja mesmo. Penso nas vidas endurecidas pelas rotinas que massacram muito mais que cuidam, e porque é preciso viver se toca em frente, mesmo com as costas curvadas de peso. Mas também penso nos espaços terapêuticos que oferecem ajuda para estar junto naquele trecho, e fazem pensar se há outras maneiras de dividi-lo para que não sobrecarregue tanto e o que de fato precisa ser levado, o que pode ficar no caminho e ainda que caminho é esse – olhe lá, preste atenção no que há entorno, mas não dá para ver daí, nem esticando o pescoço, é preciso sair dessa mesma posição ocupada o dia todo. As repetições fordistastayloristas não estão apenas nas fábricas, mas contaminam os dias quando avançamos de um compromisso ao outro ao fim do dia para o fim desse ano que não demora a acabar. O real não está na saída, nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no meio da travessia, já nos dizia Guimarães<sup>55</sup>.*

*Escrevo essa carta a você para agradecer as partilhas nos cotidianos livro de ponto expediente protocolo onde tantas vezes a gente não vê sentido, mas precisa estar, negociar, respeitar, transgredir e seguir fazendo as pequenas revoluções de dentro. Não são pequenas por serem enxutas no tamanho, mas porque interferem ali mesmo onde quase ninguém vê (e quem sabe isso não seja essa nossa melhor arma). É claro que as grandes mudanças são necessárias, mas ainda acredito que é no micro que o mundo muda, como as sementes que brotaram nessas últimas 36*

---

<sup>55</sup> João Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

*horas e seguem crescendo a cada que passa. A Brum escreveu num artigo (que já entrou em outra carta nessa tese) sobre uma mudança no ritmo de vida que decidi fazer tempos atrás. Deu-se conta desse ritmo quando corria para algum lugar e o marido interrompeu a marcha para dizer: “olha”. Foi o que ela fez, mas nada viu. Aí ele apontou pruma florzinha brotada do concreto e os dois puseram-se de cócoras a olhar quantos detalhes ela tinha. Talvez eu insista tanto nos passeios que fazemos com os grupos lá do CATI (mesmo entendendo que haja os pares que não veem nada de terapêutico nisso, mesmo que seja uma baita aventura sair com dez idosos por essa cidade) para que esse olhar seja alimentado e se mantenha vivo, com a arte das galerias, das salas de cinema, dos encontros na rua. Um dia, enquanto conversávamos num desses grupos sobre um texto, ou vídeo, ou algum outro fragmento de arte que havia levado, seu Emílio me disse como era bom isso, como era bom se surpreender com o que há de mais banal. Aí entendi isso: estávamos num bom caminho.*

*As repetições são importantes, delas também se compõe a vida. À carta que enviei à MM ela respondeu que gostava das rotinas justo por serem repetitivas. Deu-se conta de que criava rotinas como quem cria um ninho, um território. E a partir desse mesmo, seguia fazendo pequenas variações. Toma o mesmo café da manhã todos os dias, ela me contou: banana amassada, yogurte natural, seguidos de uma grande xícara de café preto acompanhado de uma colher de sopa de queijo cottage com mel orgânico. Vez ou outra, canela na banana. Vez ou outra, aveia. Vez ou outra, raspas de coco. Vez ou outra, abacate no lugar da banana. Ih, faltou cottage. Tudo bem, uma fatia de queijo minas... E assim lembrava que na pesquisa também fazemos desse modo. A ida ao campo é amparada pelo planejamento, uma rotina, me disse. É com ela que vamos ao encontro das pessoas. Mas há sempre uma variação, algo que não funciona, um caminho que foi tomado diferente. A sugestão em um dos dias foi chegar assim, sem nada, livres, guiados pelo calor dos acontecimentos. Ao que Camila astutamente observou: mas não ter planejamento já é um planejamento, né?*

*Ai, queria tanto voltar numa entrevista que vi do Paulinho Moska com uma cantora chamada Suely Mesquita, mas na internet o acesso está restrito aos assinantes de símbolos que não me pertencem, então te conto essa última história de memória, que pode lhe pregar uma peça, cuidado. Cheguei a anotar em algum lugar o que ela disse, de bacana que achei, mas o google da minha cabeça não funciona como eu gostaria. O que ficou é isso aqui: a gente precisa provocar esse*



*estado de encantamento com as coisas. Isso também é uma espécie de treinamento, ou dizendo melhor, disponibilidade que é aberta num exercício mesmo, não é coisa que se chega assim prato arrumado levado na cama com os talheres em cima. É o tal sair do lugar. Talvez o problema não seja a rotina, mas o nos acostumarmos e esquecermos o encantamento no novo, no de sempre. Vasculhando anotações para ver se encontrava a fala da Suely achei outra que também nos ensina sobre isso: “estou viva porque vibro com as coisas”, me disse Leninha, a senhora de 81 anos que mora aqui no andar de cima. Obrigada por me tirar do lugar, amiga, e não deixar de me convidar para sair, ver o mundo e vibrar com as coisas, mesmo que às vezes eu desanime logo em cima da hora. Mas a peça do Guimarães não falta e se bobear chego antes para guardar lugar, na terceira margem: esse eu faço questão de ocupar. Te vejo no sábado.*

*Um beijinho, Lulu*

Querida Jô,

*Cá estou eu novo. Quando a gente adota as cartas como política de escrita ou mensageira do cotidiano vem junto um modo de ser meio chato, aquele que fica lembrando a cada semana que há ali um sujeito ávido por resposta. Mas sei que as palavras têm um tempo próprio e que confeccionar uma carta é bem diferente de preencher um formulário. O que elas mobilizam em nós é tanto. Vivo essas intempéries toda vez que me coloco de frente para essa tela branca, numa mistura entre as delícias do contar histórias e as angústias também por fazê-lo. Minha estratégia (ou boicote) é acalmar o processo com pequenas distrações, vezes um filme, uma série, um crepe de chocolate (porque por aqui não há marquesitas<sup>56</sup> de nutella), e volta e meia elas acabam me ajudando a esticar o texto.*

*Do filme que me ajudava a distrair, te contaria por coincidência justo aquele trecho que me mandou outro dia: a cena em que o protagonista de “O Cidadão Ilustre” discursa ao receber o prêmio Nobel de literatura, afirmando que ali estava decretado o fim de sua era criativa. Passara a ser do agrado de todos, juris, acadêmicos, especialistas, e esse conforto pouco teria a ver com o espírito de uma obra artística. Talvez haja aí um bom termômetro para nossas escritas. Mas há mais, uma reviravolta. O escritor, que recusa o glamour mas sustenta a soberba, surpreendentemente aceita o convite de voltar a sua antiga cidade, pequenininha de interior, para receber o tal título de honra. A recepção brega, afetuosa e na contramão dos luxos a que estava acostumado traz uma atmosfera amigável de retorno ao passado, mas pouco a pouco a narrativa vai ganhando outros tons. Fiquei pensando muito naquela entrevista que ele concede ao canal local, em que é perguntando se nos mais de quarenta anos de exílio nunca havia sentido curiosidade de visitar o povoado. A resposta? Talvez como um par de olhos ou ouvidos. Era assim que buscava nos moradores de uma cidade que jamais voltara a pôr os pés a inspiração para seus personagens, mas que agora, estando lá, passara a ser um deles – e essa era uma experiência bastante intranquila. Já não estava protegido atrás do papel; tornava-se ator de sua própria narrativa, colocando-se em risco e sendo convocado a responder como alguém que tem um corpo.*

*Estava hoje no Grupo de Cuidadores ouvindo as histórias dos familiares que cuidam dos seus já nas limitações das doenças e do envelhecer. Um deles, que havia acompanhado a esposa que recentemente o deixara depois de mais de uma*

---

<sup>56</sup> Doce maravilhoso que descobrimos nas andanças pelo mundo.

década de progressão do Alzheimer, disse ao que grupo que se esquecessem de todos os manuais para cuidadores que haviam lido. Sua intenção não era desacreditar as orientações que lá estavam, mas dizer que vivenciar essa experiência sempre extrapolava (andei pensando nisso numa das cartas Sobre o cuidado). As histórias ali não eram de pares de olhos ou ouvidos a sobrevoar os cenários, mas dos corpos que viviam cotidianamente, diariamente, repetidamente as durezas de ver quem se ama adoecer e da sobrecarga do prestar cuidados a todo tempo. Esse senhor contou do dia em que esmurrou a parede e feriu a mão, tomado pela raiva e frustração porque não conseguia convencer a esposa de que era deles aquela a casa: tinham comparado com tanto esforço, tanta história, e ela já não se lembrava. Saber mais sobre a doença ajudava a admitir que as desorientações faziam parte do processo, e que diante das teimosias ou repetições a melhor estratégia era desviar o foco, puxar outro assunto. Mas sustentar calma e paciência constantemente é exigir o impossível, e aí pensávamos outras estratégias para o que é real, para quem está ali todos os dias, e não em visitas de sobrevoos.

E de ter um corpo nunca escapamos, somos o par de olhos, ouvidos, braços pernas, joelhos, órgãos, tecidos, memória. Dias passados atendi um senhor que em breve completa oitenta anos e me contou com pesar dos últimos cinco, tomados por questões de saúde que mostraram como nunca a fragilidade do corpo. A cama se tornou o único lugar seguro, esticando-se no máximo até o sofá, e as atividades em casa foram abandonadas uma a uma porque quase tudo se tornou perigoso. Aí começamos a perceber que a proteção também podia se tornar um grande risco à vida. O senhor que havia chegado ali com seus próprios pés, sem ajuda de muletas, que me contava histórias e assinara seu nome ao fim da consulta, não pegava nem seu próprio remédio para tomar. Aquele senhor, que quase havia morrido na última cirurgia, estava tão protegido que quase desistia da vida. Ter um corpo é ser afetado e muitas vezes desejamos passar de sobrevoos a tudo aquilo que ele mobiliza. Ter um corpo que envelheceu é ser afetado de maneira singular, porque há o encontro com as limitações, as fragilidades, as doenças que colocam temores, cansaços e dores difíceis de lidar. Mas talvez quanto mais nos distanciamos do que é difícil de ser mobilizado, menos ferramentas temos para lidar com isso.

Aquele livro<sup>57</sup> que carreguei na viagem, recomendado pela Márcia, é uma carta de um filósofo chamado André Gorz escrita à esposa. Ou talvez escrita ao mundo, porque virou livro a ser espalhado aos ventos e às reedições, para dizer a

---

<sup>57</sup> André Gorz. *Carta a D.: História de um amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

*todos o quanto Dorine havia sido importante em sua história e feito essa história existir tal como a tinham vivido, do momento em que se tornaram companheiros às mudanças de casa, à ascensão no trabalho, aos desafios do tempo. Há muitos fios para serem puxados dali e inspirar longas conversas, mas te digo de um deles, de um momento em que conta sobre as terríveis dores com as quais a esposa começou a conviver por causa de uma inflamação da aracnoide, para a qual não havia cura. O que achei surpreendente foi a maneira com que ela lidou com a doença, negando-se a acostumar ou depender dos analgésicos, mas tomando poder sobre seu corpo, sua saúde e sua doença. Acessou uma rede de pessoas que sofriam disso para trocar conselhos e ideias, iniciou a ioga, administrava o sofrer com outras técnicas. Mas nada disso foi fácil. Enfrentou ainda um câncer no endométrio e tudo isso os transformava, até resolverem aos sessenta anos buscar outro estilo de vida, e aos oitenta e quatro outra maneira de morte.*

*Não há fórmula para lidar com o que da vida é difícil. As perdas de toda ordem, o adoecer, as tragédias, o sofrimento do outro, o nosso próprio. E disso ninguém escapa, porque somos corpo que se afeta e porque faz parte de todo existir. Se não há fórmula, há algo que as histórias nos contam, e tendo a achar que quanto mais as contarmos, mais mapas teremos para buscar esses caminhos. Isso não significa a extinção dos desassossegos – se acabo mesmo de dizer que eles fazem parte. Mas o conhecer um pouco mais de nossos percursos, atravessamentos, dizer deles, ouvir o que se troca na partilha, que versões nos fazem mais potentes, entender o que esse corpo sente, pulsa, de que maneira é afetado e como age, nos traz mais ferramentas nesse lidar. O como cuidamos de nossas dores. Li num artigo científico que forró e festa junina são dos remédios os melhores, te agradeço o convite, mas hoje foi dia de cuidar das dores com filmes, séries e crepes de chocolate. Espero que tenham sido se divertido bastante por lá, e que venham sempre e mais remédios como esses.*

*Beijo, Lu*

Lu,

Quanto tempo se leva para escrever uma carta? Não foi por descuido ou descaso, a verdade é que essa já foi iniciada muitas vezes em papéis soltos que se perdiam ou molhavam na chuva. A permanência estava difícil... mas não é pela sua carta, é pela vida mesmo, pelos seus movimentos. E se minha escrita não estava durando muito aqui nas folhas, sua carta durava em mim.

Muito do que você escreveu me tocou. Partilhamos muitos comuns, não é verdade? E a cada palavra um fio de experiência era puxado e não dava para ficar no papel. Entre a rigidez de um serviço militar, os atendimentos na clínica, as conversas, as partilhas, precisamos criar um corpo para habitar e dar sentido a todos esses espaços. Tenho pensado bastante em como ressignificar os lugares. Como, por exemplo, acolher uma paciente que não tem com quem deixar os filhos, que renuncia tudo por ser mãe e que vinha naquele dia dizendo que não poderia mais ir aos encontros justo por esse motivo? Os pactos e combinações são feitos por quem ocupa e compartilha o mesmo espaço. Falamos sobre as dificuldades que cada uma tem no cotidiano, o que deixaram de fazer por serem mães, e o grupo pôde dizer àquela mãe para que levasse seus filhos. Eles ficariam brincando em uma parte da sala e caso chorassem qualquer uma poderia se levantar e cuidar deles enquanto sua mãe falava no grupo. O cuidado e o acolhimento são feitos assim. Não “resolvemos” nenhum problema daquela mulher, mas pudemos acolher para garantir que tenha um espaço para se cuidar. Ela vem de outro estado acompanhando o marido militar. O Rio de Janeiro com suas ruas perigosas a faz ter medo de sair de casa.

São tantas histórias que acompanhamos. Logo que me formei eu anotava cada atendimento. Comprei aquela pasta cheia de plásticos e em cada um, uma folha com algum relato. O tempo foi ficando mais ocupado e já não dava para escrever tudo (epa! mas que tudo é esse, não é?), e para não se tornar uma obrigação passei a registrar o que viesse no momento, poderia ser inclusive uma única palavra. Tem dias que nem uma palavra é possível. A gente cria umas rotinas apertadas: acordar às 04:30, às 05:00 entrar no metrô, chegar ao trabalho às 07:20, 07:30 o primeiro paciente está na porta e de hora em hora outro chega. Lá tenho que evoluir no prontuário e devido a tantos pacientes passeia a escrever “escuta clínica”, carimbava e assinava. E lá ia a pilha de prontuários de volta para a estante. Cada um, uma pessoa, uma história de vida...

Quando falo em criar um corpo que escuta penso muito em criar, ou melhor, construir um corpo vulnerável. O dicionário refere o significado a frágil, incapaz, suscetível a ser ferido, ofendido ou tocado. Mas eu prefiro um sentido que a Haraway ou a Puig deu em um texto que li na época do mestrado. Ela ou elas (acredito que seja um sentido comum entre elas) pensam a vulnerabilidade enquanto potência positiva. Vulnerável é aquele que se apresenta aberto ao outro. Como então construir uma escrita vulnerável?

Deixo aqui esta pergunta, sei que você tem experimentado isso.

Um beijo, Jô

## **Cartas 9- Sobre a morte**

*Cartas trocadas com uma Amiga*

Querida Amiga,

*Ensaio começos para essa carta, apago, volto a escrever, mas as palavras ficam incomodadas e sempre recuam. Tento lhe falar sobre a morte, mas é a vida que insiste – é a partir dela que falo então. Que saudade das nossas conversas. Se no tempo da graduação podíamos o luxo da convivência diária e se agora seguimos os rumos diversos, é sempre a mesma lembrança que guardo de todos os tempos: a gente sentada em algum canto, pensando e trocando ideias. Gosto muito da maneira como você escuta e conta o mundo. Ficaram aqui também as histórias tão fortes e marcantes das instituições pelas quais você passou, partilhas que foram para mim supervisões e aprendizados. Mas uma delas que me tocou profundamente foi de quando você estagiava no hospital maternidade e acompanhou uma mãe a vestir a filha que havia partido antes de chegar. Que tamanha dor dessa mãe e que força a sua para estar ali, naquela sala tão inóspita, naquela cena tão dilacerante, testemunhando o luto sem véus.*

*As despedidas sempre foram para mim um nó difícil de desatar. Para quem trabalha com a escuta e a transformação dos pesares da vida, sabemos que cuidar das arestas de nossas dificuldades é tarefa fundamental. Sobre esta percorri muitos caminhos nos estudos e análises, mas nunca deixou de ser difícil. Acho que o lidar com a morte e o que ela traz é talvez um dos maiores desafios da clínica e da vida. Na época que fui estagiária do Souza<sup>58</sup>, a morte era um encontro quase diário. Lembro de um menino de oito anos que havia chegado em coma. Brincava num lixão com restos de uma substância inflamável que entrou em combustão e causou queimaduras graves. A família, de baixa renda e residente em outra cidade, se revezava para que alguém estivesse sempre ao seu lado. Um dia encontrei a tia, que lia um livro próxima ao leito protegido por cortinas. Me disse que entendia que ele não iria se recuperar, então orava para que pudesse fazer sua passagem de forma tranquila, que fosse bem recebido nos céus e que soubesse o quanto era amado por todos. Naquele momento, como se as palavras o autorizassem e o acolhessem, o menino, que estava a todo tempo incomunicável imerso no coma,*

---

<sup>58</sup> Hospital Municipal Souza Aguiar.

faleceu. Mais uma vez constatei que a morte e a vida eram interligadas por laços que talvez nem pudéssemos alcançar.

Hoje conversei com uma senhora de oitenta e sete anos que surpreendia pela condição física: mesmo com os desgastes naturais da máquina, como diz meu pai, os passinhos curtos e a medicação para controle da pressão, estava à toda e disposta e lúcida para ir e vir. Mas a vida já lhe parecia assim, como tanto fez. Não pôde ter filhos, o marido já tinha partido, era a mais velha da família agora bem miúda. Tinha as primas, tinha algumas amigas e essas bastavam – não era falta de companhia o problema. O problema é que seu mundo já tinha ido, e ela se perguntava o que ainda fazia aqui. Para quem alcança mais idade, a vida se alonga em experiências, mas também em despedidas. A Brum<sup>59</sup> escreveu um texto em que constata o que a senhora me dizia: o mundo da gente morre antes da gente. Porque aqueles com quem se compartilhou um tempo, pesares, delícias, já não estão. Aqueles que guardam parte dessa história também a levam consigo. A escritora percebe que isso não é uma provação exclusiva aos que usufruem da promessa de vida longa da nossa época, mas que começa muito antes e já nos alcança. É aos poucos que se morre, não só porque começamos a morrer no dia em que nascemos (como repetimos tantas vezes talvez para nos familiarizar com a ideia), mas porque aos poucos nossas referências vão deixando esse mundo. Ela diz daqueles imortais, que criaram peças, músicas, obras que poderão para sempre ser revisitadas, mas que jamais escreverão outra peça, comporão nova música, ou tomarão vinho, engordarão, ou farão qualquer outra coisa grandiosa ou comezinha, porque foram tocados pela finitude. E quando morrem, nos privam de tudo mais que poderia haver e nos deixam um pouco órfãos dos momentos que participaram de nossas vidas (mesmo que jamais tenham tomado conhecimento disso). Se até os imortais morrem, não seremos nós a escapar disso.

Rubem Alves<sup>60</sup>, que também partiu no ano em que Brum escreveu esse texto (ano que nos tomou Eduardo Coutinho, Philip Seymour Hoffman, Manoel de Barros, Gabriel Garcia Marques, todos que nos deixaram um pouco órfãos), escreveu que a morte era a melhor conselheira. Houve um tempo, ele diz, em que nosso poder sobre ela era pequeno e a humanidade a escutava e assim podia tornar-se mais sábia na arte de viver. Porque nosso poder aumentou, passamos a acreditar que

---

<sup>59</sup> Eliane Brum. *O mundo da gente morre antes da gente*. Jornal digital El País. Brasil. 18 de agosto de 2014.

<sup>60</sup> Rubem Alves. *O Médico. A morte como conselheira*. Campinas: Papyrus, 2002, 7ª edição.



*poderíamos derrotá-la e a entendê-la como inimiga que nos devora. Quanto mais temerosos sobre a morte, mais tolos nos tornamos, já que deixamos de ouvir seus conselhos. O que ela diz é isso: nós estamos passando. E não adianta buscar repetir o que já houve na tentativa de enganar o relógio: os próximos instantes serão outros. Nem esperar por algum evento que marque o início real da vida e atravessar os momentos como pontes: eles são tudo o que há. Saber-se finito traz outra medida a todas as coisas e nos faz interrogar o que estamos fazendo da própria vida. Talvez seja esse o motivo pelo qual inventamos tantos rituais para exorcizar a morte, porque ela nos faz olhar isso, ele diz. E conta a experiência de um amigo que foi prisioneiro num campo de concentração alemão, que depois da alegria de saber que as tropas aliadas não tardariam a chegar, viveu o desespero pela notícia de que seriam enforcados antes da liberdade. Depois dos gritos de lamentação e horror, o que sentiu foi o mais genuíno sentimento de liberdade. Tinha ganhado permissão para a honestidade total, para dizer tudo que sentia ao guarda nazista ou confessar o amor à mulher casada. A morte tem esse efeito de recolocar o lugar das coisas. Como disse ele ter ouvido de um bruxo, a morte é companheira que está sempre à nossa esquerda, ao alcance (como nós estamos ao seu) do braço, e a quem deveríamos nos voltar para pedir conselhos e lembrar que um dia irá nos tocar os ombros. É preciso, então, viver agora.*

*Onde trabalho oferecemos um grupo para atender os familiares dos idosos que precisam de mais amparo. Num dos encontros, Iolanda chegou em lágrimas pelas notícias difíceis que havia recebido na última internação do marido, que tinha o estado grave. O médico lhe preparara e ao filho sobre o que estava por vir, sobre a progressão da doença e as decisões que talvez precisassem tomar. Ela se queixava de que ele havia sido muito duro, mas talvez a dureza estivesse em falar sobre – e assim reconhecer – a morte. Eu dividia a coordenação do grupo com a geriatra Gisele Melo, parceria que foi para mim um enorme presente. Me parece que a geriatria guarda uma sensibilidade e escuta diferenciadas, que se soma ainda à da(o) profissional. Com clareza e cuidado, ela também trazia para as conversas esse tema, cuja abordagem está longe de ser simples. A demência vai tirando do sujeito a autonomia e, quando isso pode ser conversado, ele pode expressar seus desejos e organizar a vida para quando não tiver mais condições de fazê-lo e para quando o momento da morte chegar. E quando chegar, que esse momento possa também ser respeitado. Mas isso só se pudermos falar sobre isso, se abrímos mão do medo para entender a morte como conselheira.*

*Falávamos num dos grupos terapêuticos sobre os medos que nos acompanham. Não tardou para que aparecesse o maior deles, o medo da morte - melhor nem dizer em voz alta, alguém alertou. Mas uma senhora disse que não sentia assim, e talvez por não temê-la tantas vezes pôde acompanhar esse momento. Era garota quando acalmou o desespero da família diante do agravo da doença do padrasto e deitou cabeça dele em seu colo, que tomado pelo pavor perdia-se afobado no ar que já faltava. Fazendo um afago e dizendo-lhe que não estava só pôde ajudá-lo a viver sua morte. Ou numa outra ocasião, quando, ao visitar uma amiga no hospital, percebeu que sua respiração ficava cada vez mais lenta. Avisou a filha, médica, que era chegado o momento, mas ela disse-lhe apenas para deixar de bobagem. Dirigiu-se ao leito, sentou-se ao lado, pegou na mão da amiga e orou – até que, de tão tranquila, a respiração cessou. A filha perguntou como ela sabia – não são todos que podem ver a morte. Mas quando vemos, tão importante é poder estar ao lado.*

*A médica Ana Claudia Quintana Arantes<sup>61</sup>, que trabalha com cuidados paliativos, escreveu um livro chamado A morte é um dia que vale a pena viver. Num dos capítulos diz de um engano repetido com frequência quando se trata de pacientes com doenças graves, ao se acreditar que explicar sobre sua condição poderia fazê-los morrer mais cedo. É o que temem muitos familiares que lhe imploram para que nada seja dito. Pensam que seguir no silêncio é proteger a pessoa doente do sofrimento. Mas é ela quem habita o corpo que, aos sussurros ou gritos, mostra que há algo de errado. Há um saber que extrapola as palavras, mas pode-se fingir que ele não existe. As famílias acreditam que estarão preservando seus amados ao mentir, sem saber que eles fazem o mesmo. Ana Claudia relata conversas em que os pacientes falam de maneira aberta e clara sobre sua finitude, mas com os parentes continuam a fazer planos sobre as viagens das próximas férias. Enganam-se para protegerem-se, mas a morte segue no horizonte próximo. O que a médica lembra é que dar a chance ao paciente de tomar conhecimento de sua condição é devolver-lhe o protagonismo sobre sua vida, sobre o que gostaria de fazer com o tempo que tem, sobre os momentos que serão difíceis mas que farão o encontro consigo mesmo e sua história. A morte também valia a pena ser vivida.*

*Ainda no grupo de cuidadores, Sofia, uma das participantes, disse que, por reconhecer que há aí um destino inevitável, negocia com Deus os anos: até os filhos*

---

<sup>61</sup> Ana Claudia Quintana Arantes. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

*se tornarem adultos, e depois até descobrir como é ser avó, e agora queria estar aqui para ver os quinze anos de uns dos netos. Essa negociação era uma ilusão, admitia, mas também uma maneira de, por reconhecer que seu tempo era limitado, tornar cada coisa importante e almejada. E isso era a vida, disse: reconhecer e desejar as coisas extraordinárias do dia a dia. Lembrou de sua sogra, que toda virada de ano se aproximava do mar, agradecia pelos anos que lhe tinham sido concedidos e pedia mais alguns. Quando não pôde mais ir, chamou a sobrinha e pediu que cumprisse o ritual em seu nome. Até seus cento e dois anos negociou o tempo com Deus, desejou e celebrou a vida. Tinha a morte como conselheira.*

*Beijo com saudade de sentar em algum canto para jogar conversa fora,*

*Lu*

Querida Lulu,

Tenho lido suas cartas com muito interesse e curiosidade. Para cada destinatário ou destinatária, o seu conjunto de questões. Não me lembrava mais que essa amiga havia trabalhado com o tema da morte. Foi só ler as primeiras linhas de sua carta que essa memória se acendeu em mim! Isso, ela! Não sei se as despedidas são fáceis para alguém, será que são? Lembro-me de que quando tinha uns 15 anos vi uma entrevista do escritor argentino Jorge Luis Borges, no programa Conexão Internacional, que passava na TVE. Interessava-me o que ele dizia sobre a cegueira, que já estava rondando a minha família há algum tempo. No entanto, na entrevista fui pega não tanto por essa questão, mas por outra coisa que ele disse e que era mais ou menos assim: envelhecer é se dar conta de que a gente passa a vida inteira se separando de quem a gente gosta. Amigos de escola, vizinhos, amores, pai, mãe, irmão, há sempre separações - disse, Borges, assim, de supetão. Sabe que passei a vida intrigada com isso? Aos 15 anos ousei discordar do argentino, considerei-o um pessimista. Imagina? A vida e as separações! Eu vivia a ilusão de que o meu mundinho era eterno. Vivia numa casa alegre, sabe? Havia o assombro da cegueira, mas esse assombro não era suficiente para nos roubar a alegria. E eu achava que tudo aquilo duraria para sempre porque o sempre era o presente que eu tinha nas mãos, era o que eu achava. Zanguei-me com Borges, embora jamais tenha deixado de pensar nessa frase. Os anos se passaram. Aquele "sempre" passou por muitas e muitas separações, algumas definitivas. E fui me dando conta, apenas na medida em que eu mesma ia envelhecendo, que a frase de Borges tinha uma lucidez sem par, talvez inaudita para os meus 15 anos, tão inocentes em suas ilusões. Anos mais tarde, já adulta, professora da UFF, busquei muito essa entrevista. Escrevi para a TVE, vi que constava o registro de que ela foi realizada, tentei compara-la em DVD ou baixá-la, mas não consegui. Um dia, ao acaso, passeando com o controle remoto, vi um programa comemorativo de não sei quantos anos de Conexão Internacional, e lá estava um trecho da entrevista do Borges! Pulei na poltrona! Mas qual não foi minha surpresa: era apenas um trecho, não reprisaram a frase que tanto marcou minha vida. Fiquei pensando que talvez tudo isso já seja o próprio sentido da frase: dela preciso me separar, deixar passar, não ouvirei de novo o Borges, não verei de novo a entrevista. É bonito o que ele diz, não acha? Você consegue escutá-lo? Eu demorei um tanto para conseguir, e não estou certa de que de fato o escutei. Sigo no gerúndio, escutando, a cada dia um pouquinho.

Essa carta para ela me trouxe à memória aquela experiência que a Carol viveu num estágio no hospital, você lembra? Era uma senhora cuja mãe acabara de falecer no leito do hospital. A senhora chorava, abraçada à mãe que partira. O choro da despedida tinha seus tempos próprios, que não coincidiam com os tempos do hospital. Assim, tão logo a mãe partiu, encerrou-se o horário da

visita. Era preciso que a filha se retirasse da beira do leito. Algum funcionário do hospital anunciou que o tempo havia se encerrado. Carol interveio. Não permitiu que a filha saísse, se interpôs entre a despedida e o protocolo. Que força para sustentar essa intervenção, não acha? Era uma passagem que precisava ser feita, Marcia - foi o que Carol me disse quando contou-me a cena. Uma passagem, assim ela nomeou o que ocorria entre mãe e filha. Até aquele dia, nunca tinha pensado que uma despedida como aquela poderia ser uma passagem.

Li a sua última carta para mim. Como te disse no zapzap, gosto de como você articula o Latour com a sua tese. Gosto de como você é minimalista: só pega do Latour e da teoria ator-rede o que te serve para pensar, para avançar nas suas pesquisas. Uma habilidade bem rara, essa de ser minimalista. Também me chama a atenção que você escreve de modo claro, ainda que esteja sempre a duvidar disso. Os percursos da escrita te acompanham há tanto tempo, tenho achado que as cartas te deram um fio melhor com o qual tecer as suas histórias, a sua pesquisa

As cartas e a tese, um desafio e uma delícia. Vamos seguindo.

Beijos, Marcia

Querida Amiga,

*Nosso último encontro foi festejo, pessoas queridas, papos e música boa. Estávamos ali para celebrar a vida, a sua vida, e de novo a vida insiste e por ela começo mais uma vez. Não cabia falarmos das cartas, mas no que coube ao assunto, espero que tenha me feito entender nessa proposta da tese que faz vocês estarem mais perto; se ainda ficou confusa, pergunte mais que eu tento dizer mais um pouco, para depois chegarmos à conclusão de que tudo isso não passa é de uma boa confusão. Vamos bagunçando um pouquinho a escrita acadêmica, dessa Academia que precisa tanto ser repensada. Torço para que seu computador chegue logo para que cheguem aqui também as cartas que você prometeu, e se acontecer de não chegarem, já fique sabido: aquele conto/reportagem que me mandou fez aqui uma reviravolta. Para os que nos leem, o texto, de Miguel Maribondo<sup>62</sup>, contava a história da mulher que a história não quis contar. A mulher sem nome. Certamente os filhos a chamavam pelo nome, mas nos jornais era a preta, nos livros a escrava, nas investigações era simplesmente ela. Ela estava há mais duas décadas sob a proteção de um fazendeiro que havia falecido. Seu antigo dono queria reavê-la, era uma mera mercadoria e ainda mais valiosa pelas cinco crias que havia gerado. Os filhos seriam anunciados como era comum nas manchetes da época: vendem-se bezerros gordos e uma preta nagô, uma porção de tábuas de pinho e um moleque africano. Os engenhos chamavam-se Brejo e Preguiça, os proprietários Sr. Comendador Paranhos e capitão José Francisco de Pinho, o delegado Luiz Rocha Neves, os historiadores Jackson Ferreira e Isabel Ferreira Cristina dos Reis. Mas a mulher que não se sabia o nome, sabia o que era a escravidão. Amarrou os filhos de forma a não se soltarem e junto a eles lançou-se ao rio. Os filhos jamais seriam vendidos entre animais e objetos. Preferir a morte era o gesto que a tornava humana.*

*Não sei se te falei de um livro belíssimo de uma escritora ruandesa chamada Scholastique Mukasonga<sup>63</sup>. O primeiro era o nome de batismo, mas Mukasonga era o de verdade, assim ela explica, o nome escolhido pelo pai e pelo qual sua mãe a chamava. Mukasonga escreveu a memória da família e de sua comunidade massacrada pelos hutus na década de 90, mas que bem antes já sofria com o peso*

---

<sup>62</sup> Miguel Maribondo. *Um bonito jumento, uma preta nagô e uma mãe sem nome*. Medium.com. 26 de fevereiro de 2018.

<sup>63</sup> Scholastique Mukasonga. *A Mulher de pés descalços*. São Paulo: Editora Noz, 2017.

das coronhadas e dos abusos. Nas descrições, tão cheias de sensibilidade, a gente vai acompanhando os costumes, cuidados e rotinas que preservavam da cultura *tutsi* apesar das violências da guerra e da catequização dos brancos. O livro é um registro para que todos que viveram aquelas histórias tenham nome, para velar e cobrir os corpos de Stephania, Jeanne, Julienne, que não puderam ser respeitados nem em sua morte. O livro é, principalmente, uma homenagem à mãe e sua incansável luta para salvar os filhos, treinando a fuga de cada um deles pelo matagal cheio de espinhos, descobrindo a cada vez tocas de animais mais protegidas para abrigar os seus, rastreando ao longe o som das botas dos soldados para haver tempo de se esconderem. A morte não é a mesma nos diferentes cantos desse mundo, nem a mesma para brancos e negros, homens e mulheres, jovens e velhos – talvez isso que você quisesse me dizer nas palavras enxutas que trocamos sobre as cartas, e sobre isso precisamos mesmo pensar.

Ouçó sempre uma senhora dizer de sua preocupação com o neto. As preocupações são terrenos minados para seu coração que já passou por cirurgias e equilibra-se todos os dias entre os números desregulados da pressão. Todos na sua família morreram de repente, ela conta. É assim, de um momento para o outro, sem intervalos que fazem o corpo ir adoecendo e anunciando a despedida. Teme pelo neto, não pelo histórico de corações frágeis da família, mas porque ele é fuzileiro naval e sai todos os dias de madrugada para chegar ao trabalho. Dias mais difíceis são aqueles em que leva a farda, que não cabe nos esconderijos dos bolsos como a identidade. Se for descoberto, podem matá-lo. Se for agir, pode matar. Os que matam e os que morrem são de bairros vizinhos, classe social próximas, idades parecidas, mesma etnia. Sempre ouço essa senhora dizer que pede a Deus para protegê-lo, para que chegue em casa a salvo, para que ela não tenha que receber as notícias que de repente chegam em sua família, para que não seja mais um nome dos tantos que ouvimos nos telejornais todos os dias e que não custa muito para serem esquecidos.

Entendo que para pensarmos sobre a morte é preciso situá-la – talvez isso que você estivesse tentando me dizer quando me partilhou seu incômodo com a Academia. Há um conhecimento sendo ensinado e não se pensa muito a que ele atende, com quem conversa, por que certos autores são escolhidos e não outros. Precisamos situar nosso conhecimento. Estava conversando com a Marcia sobre essa tese, disparada pelas questões do envelhecer, mas que seguiu rumos tão diversos. Entendi que todas as cartas que participam dessa escrita tocavam de

*alguma maneira na passagem dos anos, seja no contar sobre os cabelos brancos, a chegada dos filhos, a mudança de emprego, o seguir das rotinas. Sim, verdade, Marcia me disse, mas lembrou que não é a qualquer tempo de nos damos conta que estamos envelhecendo. E não é da mesma maneira que pensamos sobre a morte. Toda segunda de manhã Chico aparece nos corredores onde trabalho, sempre mais cedo que combinamos. Da última vez disse que sentia por mim gratidão pela vontade de ajuda e uma indignação danada por fazê-lo acordar tão cedo nesse frio. Esse frio é o que mata. Chico se agasalha todo e embrulhado em casacos sobre blusas e camisetas se protege. Olha os resultados dos exames, não há nenhuma alteração. Chico não pode crer nesses papéis. Como, se sente esse frio todo? Um dia perguntei se já havia pensado sobre a morte e desde então andamos conversando sobre isso. Me disse de um sonho em que andava num corredor escuro, e de repente algo lhe alcançava e ele despertava. Em seus oitenta e um anos já se despediu de muitas pessoas, próximas e distantes, filhos, amigos, conhecidos. Nos encontros, vai fazendo um balanço de suas caridades e pecados, diz que conversa muito com Deus, como conversamos ali. Mas o que pensar quando nos damos conta que a morte pode nos alcançar? Percebe mudanças desde que começamos o tratamento, já não pergunta mais à esposa se sua aparência está cadavérica, não tem achado suas mãos tão amareladas, mas o frio, o frio não passa. Esse frio não tem a ver só com a temperatura da estação, fomos entendendo juntos. É um frio diferente. É com ele que iremos nos encontrar, todos nós, um dia. E se o agasalho não dá conta, tendo a achar que as palavras de carinho, as presenças, a escuta desse momento são os melhores recursos de que podemos nos cercar para nos aquecer.*

*Nas consultas de primeira vez, uma senhora me contou que, no dia em que completaria sessenta anos de casamento, o marido não se sentiu bem e seguiu para o hospital. O diagnóstico foi uma surpresa dura: metástase em estágio avançado. Ali o tempo de vida passou a ser sabido e contado. A sós, chamou um a um da família, que estava reunida para a celebração, para dar os últimos conselhos e puxões de orelha. Pediu que o liberassem apenas para se despedir das galinhas do quintal de casa e voltou para o hospital para os cuidados paliativos. Nos derradeiros momentos, em que os incômodos do corpo excediam, pedia a ela que se deitasse ao seu lado, que tirasse a blusa, como também faria, e assim pudessem tocar costas com costas. Esse calor era tão bom, ele dizia. O calor que ajuda a lidar com o frio.*



*Há essas duas dimensões em que a morte nos convoca a responder: quando nos faz reconhecer nossa própria finitude e quando deixa a ausência dos que foram tocados por ela. Acompanhei uma senhora encaminhada ao atendimento individual por não se conformar com a morte do marido. Ivone regredia a história detalhe a detalhe para entender onde poderia ter feito diferente e evitar o destino pelo qual lamentava. O marido já vinha adoecendo há alguns anos, o coração mostrava sinais de fraqueza e era preciso uma intervenção cirúrgica – decisão pensada e tomada por uma junta médica. O documento que assinara para tomar ciência do procedimento tornou-se um tormento: não devia ter assinado. Ele morreu durante a cirurgia, mas ali não podia ouvir que tampouco viveria sem ela. E passo a passo, voltava à história para pensar como poderia ter evitado a morte. Fui dizendo que todas as decisões foram tomadas no sentido da vida, mas ainda assim não podemos controlá-la. Entendi que minhas colocações tinham pouco eco; naquele momento, o espaço de atendimento servia para dar lugar à indignação, à insatisfação e à impotência. Convidei e insisti para que participasse da Oficina de Fotografia que inauguraríamos em breve. Os olhos, que sempre marejavam, puderam ver as flores num passeio na serra – e assim os exercícios de fotografar traziam as pequenas belezas que o mundo tinha, apesar. Os olhos também puderam cruzar-se com outros, a vida seguia, com as lembranças, as histórias e as presenças. Três anos depois senti e acompanhei a dor dilacerante de uma perda. Minha amiga e psicóloga com quem dividia a coordenação dessa oficina havia perdido o filho ainda muito jovem. Os dias que precederam e se seguiram a essa despedida foram os mais difíceis que já vivi. E para essa dor não há nome. As palavras de esclarecimento e conforto, o entendimento da insatisfação, os gestos de cuidado, os movimentos da vida, a escuta, seguem na construção de um contorno possível. Ivone, que como todos do grupo acompanhava esses momentos e pedia notícias, foi ao velório prestar seus sentimentos. Confortou a mãe, que chorava pelo filho, me abraçou, disse que nós estivemos com ela e a ajudamos quando viveu sua perda, e ela estava ali por nós também.*

*Esses tempos li um livro de contos infantis, de um autor chamado Ricardo Azevedo, que traz historinhas inspiradas nas lendas populares sobre esse personagem que tanto nos assombra<sup>64</sup>. Os protagonistas estão sempre tentando enganar a morte, usando artimanhas de mestre, mas as trapaças, que dão sempre um jeito de estender o pavio, não impedem o apagar da chama. No fim, o encontro*

---

<sup>64</sup> Ricardo Azevedo. *Contos para enganar a morte*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

*derradeiro é inevitável. Ouvei outro dia uma senhora dizer que estava usando as economias para realizar seus desejos, sejam quais fossem, e outra que havia começado a se desfazer dos livros porque já não se importava em acumulá-los e uma terceira que ajeitava a venda de terrenos pendentes para organizar de uma vez as heranças. A morte pode nos alcançar a qualquer tempo da vida, mas não é a qualquer tempo que a percebemos tão próxima como na velhice. E de muitas maneiras, acompanho esse recolocar o lugar das coisas, como disse Rubem Alves naquele texto.*

*Assisti um vídeo da monja budista Coen em que conta, num dos trechos, de pessoas idosas que perderam suas mães ainda mais velhinhas e que o sofrimento era tão presente, e conclui: que bonito isso, não? Não há idade que amenize essa partida porque é do vínculo que se trata. Ali, perdemos um papel, ela diz, o papel que tínhamos naquela relação. Um mundo também morre ali. Talvez cuidar tenha a ver com isso, com abrir espaço para dizer dessa perda, e a partir daí reconstruir um outro mundo possível.*

*Beijos, Lulu*

## **Cartas 10- Sobre as histórias**

*Cartas trocadas com Carolina Manso*

Querida Lu,

Início a leitura de seu texto e a escrita dessa carta em um domingo à noite, é dia das mães e estou na casa dela, caída no sofá com o computador no colo. Fiquei em dúvida se começava a leitura aqui, pois talvez necessitasse de um espaço mais adequado para estar com um texto de qualificação. Eu, como banca, precisaria de muita concentração para ler e fazer comentários pertinentes. Me encontro com os primeiros parágrafos que já me desarmam, me sinto relaxada e em casa, tomada por uma familiaridade. Percebo que a leitura começa a passar não somente pelo caminho do racional ou intelectual, mas também ocupa a via da experiência. As palavras mergulham em mim despertando afetos, sensibilidades e muito rapidamente me sinto degustando o seu texto. Outros sentidos se fazem presente. Decido, então, ler o texto conversando com ele, tal como fazia com os diários de campo na pesquisa no Benjamin Constant. Vou dialogando com a escrita, como em uma conversa com você, sigo registrando minhas impressões, afetos, lembranças que emergem a partir da leitura. Compartilho, então, meu diário de campo, a partir do encontro com o seu texto.

Sobre a escrita.

É engraçado e paradoxal, pois agora que me ponho a escrever sobre a sua escrita, as palavras acabam por não dar conta da experiência de leitura do texto. Me lembro que uma vez conversamos sobre ser difícil escrever sobre a experiência, só sendo possível concretizá-la em palavras quando ela já acabou. Por ainda estar tomada por ela, as palavras me fogem, contudo, os afetos estão aqui. Vou tentar....

A natureza artesanal do texto foi um aproximador. Me deparar com uma escrita inacabada cheias de lembretes, comentários, cartas da orientadora, das companheiras de pesquisa e tantos outros fragmentos dos bastidores me fez perceber o quão vivas e encarnadas são as suas palavras. Lembrei da potência dos bastidores! A presença de afetos e sensibilidades me aproximou das autoras da escrita e me fez conhecê-las. Sim, esta é uma pesquisa feita por “alguéns” que possuem nome, endereço, que moram e trabalham em algum lugar e possuem vidas singulares. Sim, esta pesquisa se faz a partir do encontro com pessoas que também possuem singularidades e questões com o envelhecer. E o que mais me

impressionou é que durante a leitura fui convidada a participar destas vidas, dos acontecimentos, fui convidada a participar da pesquisa, me senti um pouco pesquisadora e pesquisada, já que esses lugares não possuem tantos contornos. Fiquei com a impressão que a sua forma de escrever, por si só, já é uma tese. Vou tentar explicar. Para além dos conteúdos apresentados, muito valorosos por sinal, a composição da escrita, a forma de escrever, a escolha das palavras, das experiências apresentadas, já partilhava comigo a dimensão local e não universal de seu trabalho, a dimensão partilhada e não autoritária, seu aspecto feminino e não masculino.... Quero dizer que a sua escrita é uma resistência a modelos universalizantes, neutros e descolados do fazer pesquisa. Por isso fiquei impressionada, pois não é apenas o conteúdo do texto que apresenta a sua escolha por um certo modo de produzir conhecimento e sim o “como” o texto foi escrito nos faz experimentar a sua escolha metodológica. Para mim, isso já é algo inovador e por isso, uma tese.

Experimentar essa leitura também me fez lembrar do nosso querido Bruno Latour quando ele escreve sobre as pistas. Ele nos diz que devemos seguir as pistas que se apresentam no campo de pesquisa. Mas que pistas devemos seguir? O que pode ser caracterizado como pista? Bruno nos orienta a seguir os vínculos que parecem incomensuráveis, aponta que algo que é interessante de ser seguido tem a ver com uma certa produção de vínculo, de conexão. Na experiência com seu texto, o modo como ele me tocou, me fez sentir parte, me emocionou, me fez ficar atenta a cada linha e saborear cada palavra me dizem que a produção de conexão se deu. Quero dizer que esse modo de escrever deve ser seguido enquanto pista de pesquisa, explorado o quanto possível, levado às suas últimas consequências.

Quero também te dizer que este texto é um texto que cuida. Esse modo de escrever cuida da pesquisadora ou pesquisadoras, cuida dos pesquisados, cuida da experiência de envelhecer e também dos leitores. Enquanto leitora, assim me senti, pois fui levada às minhas experiências atuais de trabalho em que a dureza cotidiana produz muitas vezes grande sofrimento. A escrita sobre os diferentes tipos de tempo, o Kairós e o Cronos, me levou até as unidades de saúde da família em que o tempo do relógio é sempre opressivo e as consultas precisam durar 20 minutos. Você me lembrou deste outro tempo que é Kairós, que não é cronológico e pode fazer com que um minuto seja uma eternidade. Quantas coisas são construídas nos encontros nas unidades de atenção básica que fogem ao tempo do relógio e quantas estratégias para driblar Cronos são inventadas no cotidiano, tal como você faz nas

consultas de triagem. Falando disso, me lembrei da nossa amiga Cris que diferencia tática de estratégia: a primeira, se não me falha a memória, é construída a cada movimento, a cada passo, a partir do que se apresenta no encontro cotidiano; já as estratégias são construídas de antemão, descoladas do encontro. Outro cuidado que o texto fez em mim foi que, durante a leitura, reafirmei uma aposta que estou tentando sustentar no trabalho atualmente, a de que o saber é construído por meio da partilha de sentido, da produção de conexões que não são apenas dadas pelo racional e pela memória, e sim pelo afeto, pelas sensibilidades, sentimentos, pela produção de sentidos comuns. Há pouco tempo estou no setor de educação permanente em saúde, que pretende desenvolver os profissionais da atenção primária. Uma das estratégias que a gestão queria adotar era a obrigação dos treinamentos e logo afirmei que a via de construção de saber não se dava por aí... Enfim, ao ler seu texto me senti mais fortalecida neste propósito. Outro ponto de cuidado foi uma ajuda na reflexão sobre o uso dos protocolos, manuais e testes, tenho pensado bastante neles como porta de entrada para o cuidado em saúde mental. Essa porta, por vezes, tem me parecido importante para alguns profissionais médicos e enfermeiros se permitirem a aproximação dos tão temidos casos de saúde mental, contudo é importante que não virem uma receita de bolo, necessitam ser usados como mediadores e não intermediários<sup>65</sup>. Poderia ficar aqui escrevendo várias linhas sobre o como fui cuidada ao ler o texto, por isso, compartilho que, a partir das conexões que se fizeram vibrar em mim, a pista “ a escrita como cuidado” poderia ser seguida. Além do “terapêutico das oficinas”, o que dizer do “terapêutico desta escrita”?

Falando nisso me lembrei dos mediadores que foram usados nas oficinas, como você contou: a fotografia, os materiais, o cinema, as saídas... Achei esses conceitos de mediador e intermediário muito ricos e conectados com a questão sobre o que é terapêutico na oficina, fiquei com vontade de ler mais sobre as oficinas, sobre o que produziu efeito mediação e o que não produziu. No seu texto o efeito mediação está ligado à produção de cuidado? Dito de outro modo, o cuidado das pessoas que envelhecem passa pelo exercício de produzir experiências mediadoras?

---

<sup>65</sup> Para essa questão dos protocolos, gosto do jeito que a Mol aborda esse tema no livro “A lógica do cuidado”. Ela diz que os protocolos são importantes, pois organizam o cuidado e definem linhas de ações a serem seguidas, contudo, é preciso colocá-los a agir. Nesse contexto, ele é mais um ator da rede de cuidados e, por isso, fundamental percebê-los em prática e articulá-los aos outros atores que estão em cena.

Essas questões me remetem à Annemarie Mol e o seu livro “A lógica do cuidado”. Ela fala que o objetivo das ações de cuidado não é o reestabelecimento de um estado anterior, as ações de cuidado são imprevisíveis e não sabemos ao certo onde irão nos levar, o que será considerado cuidado e quais serão os seus efeitos. Ele é entendido como um processo e, por isso, não tem fronteiras claras, é aberto. Vou trazer aqui alguns fragmentos do texto dela que podem ajudar na composição sobre o terapêutico das oficinas:

O cuidado é uma questão de tempo. Ele não é um produto que passa de mão em mão, mas sim é uma questão onde várias mãos trabalham juntas, ao longo do tempo, em busca de um resultado[...] Cuidado é [...] uma interação que retorna e retorna em um processo contínuo [...] O processo de cuidado envolve um time, profissionais, máquina, medicação, corpos, pacientes e muitas outras coisas relevantes, e as tarefas são divididas entre todos, sempre em constante mutação (MOL,2008, p.20, tradução nossa).

Ela nos chama para que estejamos atentos aos efeitos dessas ações, pois nem sempre está claro e predefinido o que conta para atingir uma melhora. A lógica do cuidado preza pelo recolhimento das ações que se transformam em cuidado, no próprio cotidiano. Assim, mais do que atingir a cura, é importante a qualidade de vida focar em uma “vida boa, mesmo com uma doença como a diabetes” (MOL, 2008, p. 22). E essa “vida boa” não possui um significado definitivo; pelo contrário, ela é singular a cada caso.

O bom cuidado vai tentar, por exemplo, estabilizar os níveis de açúcar, porém, se isso não ocorrer, não é uma surpresa, pois os corpos doentes são imprevisíveis. Então, a partir dessa imprevisibilidade, o cuidado não é um produto bem definido e sim um processo aberto. Tentar ajustar, tentar de novo; quando a doença é crônica o cuidado também é crônico (MOL, 2008, p.22, tradução nossa).

Fiquei pensando que o envelhecer é crônico, como nos disse Marcia em uma carta. Já envelhecemos desde o momento em que nascemos, mas parece que só em alguns momentos nos damos conta disso. Porque envelhecer é crônico, cuidar das consequências do envelhecimento para cada um é uma ação também crônica, com vários arranjos, rearranjos e experimentações, a partir das colheitas do que foi potente e do que não foi. Como escreveu Mol, o cuidado é feito por um time e é importante que todo o time esteja articulado e relacionando-se em um movimento de ajuste e sintonia. Uma sintonia fina, ela nos alerta.

Bom, acho que vou ficando por aqui. Teria mais coisas para escrever, mas acho que como já estou meio atrasada e uma carta é sempre uma conversa que possui idas e vindas, vamos continuar com as trocas.

Gostei muito de ler o texto, de maneira mais geral tive a impressão de que o modo como está organizado está muito bom e que o trabalho da tese é fazer crescer cada tópico, acho que eles devem crescer por dentro e serem recheados de mais narrativas, cartas, contos, teorias, reflexões, seguindo as pistas que já apareceram e as outras que irão surgir. De acordo com esse “crescer por dentro” acho que você irá fazer cada tópico conversar mais entre si. Talvez seja importante investir nessas conexões, pois fiquei com a impressão que um alimenta o outro, um potencializa o outro.

Está sendo um prazer incrível participar deste processo. Muito obrigada.

Até já,  
Carol

Querida Carol,

*Retomei sua carta para voltar ao texto e fazê-lo crescer por dentro, como me recomendou. Porque aqui me encontro naquele ponto difícil que todos que se envolvem com a escrita enfrentam em algum momento: o silêncio que não deixa o texto crescer. Dos parágrafos que ensaio, e que me tomam um tempo infinito, apago logo que finalizo – o que me faz sofrer ainda mais por ver perdido o feito com tanto custo. Sinto que nada se encaixa, por mais generosos que sejam seus comentários. Mexi na caixa que ficou esquecida com a dissertação transformada em livro e lá está de novo essa escrita fragmentada que fiz ensaio/estilo e que agora implico. Já ouvi sobre esse fenômeno que nos faz desgostar de nosso próprio texto quando dele desapegamos, mas desse aqui falta um tanto ainda para desapegar e eu já desgosto. Esse tanto que falta (em texto, não tem tempo) também me preocupa. Junte tudo isso, amiga, e sobra então um coração angustiado. Aí resolvi seguir pelo caminho das conversas. Uma conversa tão fiada quanto possível, como disse Eduardo Coutinho, para trazer de volta a fluidez que preciso e devolver para escrita a matéria viva do encontro. Bom mesmo seria te encontrar para papear ao vivo, contar as novidades, pensar sobre os trabalhos, dar risada e nos fortalecer para seguir nas pequenas transformações de nós e do mundo – e assim seria a banca. Mas escrever também é preciso. E também impreciso. Nas imprecisões, vou tateando a montagem dessa tese e queria mais uma vez a sua ajuda.*

*Falei com a Marcia desse meu desgosto e decidimos por uma nova aposta: transformar toda aquela mistura de referências, diários de campo, narrativas que você leu na qualificação em cartas trocadas. Se elas já estavam lá, era ainda fazendo parte dessa colcha de retalhos. Esses dias comecei a ler a tese da Alice<sup>66</sup> e descobri maravilhas. É através das cartas que ela partilha suas inquietações, embates, reflexões sobre o militar (gosto quando o substantivo vira verbo) no campo dos direitos humanos. Era possível, afinal, construir uma tese a partir de cartas. Essa gente que se aventura a encolher para passar pelas brechas e crescer para abrir espaços encoraja a gente a seguir estrangeiro no universo acadêmico, e assim produzir variações mais interessantes. Foi assim, Caroleta, que decidimos fazer dos fragmentos costurados uma conversa um pouco mais amarrada, não tão maçante*

---

<sup>66</sup> Alice Di Marchi Pereira de Souza. *Modulações militantes para uma vida não fascista*. Porto Alegre: Editora Criação Humana, 2018.



quanto os artigos que seguem da maneira habitual, mas fazendo das cartas o tecido para receber todos eles.

Uma vez a Marília chegou dizendo de uma obra em formato de cartas que trazia um relato de viagem em cada envelope. Era como um livro de História, mas a partir das histórias e da relação que cada escritora tinha com aquele ponto do mapa. ‘Queria ter ficado mais’ era o nome e também a sensação que os relatos deixavam, nos instigando a arrumar as malas e seguir com a escrita. Que delícia de livro! Por um bom tempo o espalhei como presente em todos os aniversários que topava por aí, porque, como diz a Marcia, precisamos povoar o mundo de boas histórias, e não importa se formos os carteiros ou os remetentes. Lembrei desse livro não só pela associação imediata ao tema, mas por uma narrativa da jornalista Cecília Araújo sobre uma visita que fez aos territórios de Israel e Cijordânia. Estar disponível para ouvir as duras consequências do conflito entre palestinos e israelenses, servindo como testemunha – no sentido que Gagnebin<sup>67</sup> dá ao termo, como aquele que pode ouvir o relato insuportável do outro e levar suas palavras adiante –, fez chegar numa importante conclusão que agora reproduzo: “... tive a impressão que, se aquele conflito pode ter um fim, será na medida em que israelenses e palestinos passarem a se conhecer pessoalmente, conversar e trocar experiências, como fizeram Avner e Bassam. Conclusão abstrata, e até idealista, mas cuja semente parecia estar ali, diante dos meus olhos<sup>68</sup>”. Esses homens citados haviam feito parte da guerra em lado opostos e viveram perdas e experiências tão duras que não imaginamos. Foi abrindo-se para a história desse outro que puderam interromper o ódio ensinado a ser instintivo e quebrar o círculo de violência que lhes foi reproduzido, para que as próximas gerações pudessem viver uma história diferente.

É por isso que as histórias importam, Carol, como você já bem sabe. Histórias criam mundos e os transformam, como tantos exemplos que podemos dar. Uma vez ouvi (e me esforço sem sucesso para lembrar onde, quando ou quem disse) que era surpreendente como a humanidade, autora de tantos feitos incríveis, traçou parte de sua história por caminhos tão sombrios. Se fez avanços médicos, arquitetônicos, tecnológicos a solucionar problemas dos mais difíceis, também disseminou ideias tão medíocres, como a de que um semelhante seria menor quanto mais escura a sua pele (por isso a importância de dias como o de hoje, da Consciência Negra). Ao invés de celebrar a diversidade, instituiu a escravidão. A força dessa versão torturou,

---

<sup>67</sup> Jeanne Marie Gagnebin. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

<sup>68</sup> Cecília Araújo. *Queria ter ficado mais*. Envelope Israel e Cisjordânia. São Paulo: Lote 42, pág. 9.

*matou, violentou milhares de pessoas pelo único motivo de terem nascido negras. E permanece o fazendo, ainda que as lutas estejam produzindo rachaduras com versões melhores. O que seguimos escrevendo, fortalecendo, ruindo, questionando produz mundos. E com isso é que precisamos nos implicar, enquanto pesquisadores, enquanto humanos.*

*Enquanto pesquisadoras, temos encontrado aí mesmo nas histórias uma ética para o fazer ciência. Tanto as ciências naturais quanto as humanas ainda estão impregnadas por uma certa noção de realidade como algo imutável, único, anterior a nós e passível de ser completamente conhecido<sup>69</sup>. Munidos dos instrumentos corretos, capazes de garantir a objetividade, estaríamos aptos a revelar o real. E ele, intacto, apenas aguardando ser descortinado. Se o cientista ignora que o conhecimento se produz numa rede de relações, passa a acreditar na neutralidade, deixa de refletir sobre o que o faz fazer, considera-se a serviço das verdades. Mas o que ele inclui nos relatos? O que fica como pano de fundo, e o que é mantido de fora? Quando essa conversa se apaga, voltamos lá àquela equivocada ideia de que nossos instrumentos, nossa condução, nossa ética, de onde partimos, nada tem a ver com o conhecimento que produzimos. Esquece-se de que não revelamos o real, mas interferimos diretamente na sua construção. E a construção do real está ligada a esse jogo de presença, ausência e alteridade nas versões que produzimos, mas pôr isso em xeque parece ainda uma preocupação muito tímida nos cenários onde circulamos.*

*Disse esse tanto de coisa para chegar ao que me faz te escrever essa carta: a aposta que eu e você já conhecemos na potência das histórias e na construção de instrumentos de escrita afinados a isso. A carta tem tantos atributos que nos interessam: esse tom de conversa fiada, a presença dos que fazem nossa rede, seja no endereçamento ou nas respostas, o contar do extraordinário que acontece no todo dia. Guardo na estante com um certo ciúme e uma enorme admiração uma publicação chamada Cartas Extraordinárias, que um sujeito de nome Shaun Usher fez a gentileza de pesquisar e reunir para que pudéssemos apreciar, nos transportando “através do tempo com muito mais eficiência que o livro de história comum”, não imaginando “melhor maneira de conhecer o passado que a correspondência geralmente sincera de quem viveu nele”<sup>70</sup>. Das infinitas histórias*

---

<sup>69</sup> Marcia Moraes. *PesquisaCOM: política ontológica e deficiência visual*. Moraes e Kastrup (orgs). Rio de Janeiro: Editora Nau, 2010.

<sup>70</sup> Shau Usher. *Cartas Extraordinárias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pág. 15.

*que gostaria de trazer aqui, abrindo e fechando aspas, encontro uma fala do escritor E. B. White que também responde ao início dessa carta. Um senhor lhe que pedia a opinião sobre o futuro (que julgava sombrio) da humanidade, mas o escritor apostava na esperança de que a mesma curiosidade, inventividade, engenhosidade que levaram o homem a terríveis tragédias fossem também o que o ajudaria a sair delas.*

*Nessa tarefa de inventar versões melhores para se estar no mundo, as narrativas, as cartas e a literatura são bússulas. E como ferramentas de pesquisa, podem propôr uma escuta e colheita<sup>71</sup> do campo de maneira mais interessante e cuidadosa, considerando os tantos elementos que ali contam, como você nos ensinou. Colheita, e não coleta. Outro dia conversei com uma senhora criada entre ingredientes e preparos na cozinha, que era casa e também trabalho dos pais. Me dizia que hoje já não conseguia fazer as receitas como antes, mas tinha dicas valiosas que jamais esquecia. Como o corte da couve mineira, que exige ser tão fino que desafia. Porque se o corte é diferente, me disse, o gosto também fica. Pro paladar, contava o solo, o plantio, a colheita, o corte, o preparo. Esse tanto de mundo. Revisito sua dissertação e encontro lá a questão que também move esta pesquisa: acompanhar os processos em sua singularidade. Há sempre esse tanto que conta, e vamos contando para construir também esse processo singular de escrita, pesquisa, tese, carta, conversa fiada.*

*Um beijo com carinho,*

*Lulu*

---

<sup>71</sup> Carolina Manso. *Narrativas do cegar: (re)criações de um corpo*. Niterói: Eduff, 2010, pág. 31.

Lulu,

Querida amiga

Hoje leio sua carta com cuidado e tento esboçar as primeiras palavras para continuar a conversa. Como você, escrevo, apago, escrevo, apago e sinto que minha disponibilidade interna está um pouco curta neste momento. Amanhã saio de férias, depois de um longo período sem elas, acho que minha indisponibilidade vem daí, de um cansaço e de um corpo precisando respirar outros ares para poder fluir na escrita. Vou à Ásia, me embrenhar por aqueles países orientais, budistas, cheios de praia e modos de viver singulares. Penso que quando voltar vou poder te escrever melhor, contar as histórias, falar dos encontros pelo caminho, dizer também da vida de agora que inaugura novos passos. Acabei de ser convidada para um novo desafio: coordenar um ambulatório de saúde mental. Neste ambulatório, práticas bastante cronificadas operam, mas como aprendi na UFF, há sempre linhas de fuga rondando a dureza do instituído. Te falei pelo telefone que assim que recebi o convite fui tomada por uma memória de nós duas discutindo um outro trabalho que iniciei anos atrás, e como foi importante você naquele momento! Neste ambulatório há muitas histórias e espero que, as compartilhando com você, elas possam se costurar às suas histórias cotidianas e ir formando a colcha de retalhos para a sua tese.

Agora que vou finalizando a carta me dou conta que sua escrita influenciou o meu modo de escrever essas linhas.... vou tentar me explicar... como por contágio, sua maneira leve e coloquial, cheia de delicadezas, afetos e poesias, me fez escrever desta forma que faço agora. Atualmente, estou acostumada a escrever respostas de emails formais e relatórios duros, tenho experimentado a dureza da escrita, já fazem dois anos da defesa da tese e nunca mais havia feito desta forma leve e cotidiana. Obrigada por me fazer experimentar novamente.

Isso não seria uma pista metodológica para a sua tese? Tentando me explicar mais uma vez: esse modo, desenvolvido por você, é uma aposta ético política, porque afeta a maneira de escrever daqueles que encontram com as suas linhas, se tornando então uma forma de intervir no mundo como um todo, mas principalmente no mundo da pesquisa. Imagina se as pesquisas pudessem produzir em seus resultados textos como esses que você faz? Assim conseguiríamos trazer as singularidades e os afetos para a produção de conhecimento! Não que elas não

estejam presentes nas pesquisas mais tradicionais, mas desta forma poderíamos afirmar sua potencialidade.

Na volta te escrevo mais.

Abraços apertados e gratos pela oportunidade de trocar... Escrever nos faz habitar lugares muito bonitos, obrigada.

Abraços,  
Carol

Lu querida,

Somente hoje me dou conta que não consegui responder sua carta como queria, fiquei pensando o que me retirou dessas idas e vindas e do processo de troca.... Esse ano vivi um movimento de questionamento das minhas escolhas na profissão, na vida... O que me levou a certas escolhas? Se por um lado, muito aprendizado vivi, por outro tenho tomado consciência do quanto algumas delas foram para responder a um certo lugar social que entendi como importante pertencer, principalmente pela ideia de que mulheres precisam ser independentes financeiramente, precisam ser dedicadas e esforçadas, pois é isso que lhes dá o devido valor. Ao refletir e vasculhar as histórias das mulheres da minha família, minhas antecessoras, mãe, avó e bisavó, pude me dar conta que o valor que conquistaram foi por meio de um fazer que não as deixava por vezes estarem presentes em um cuidado a partir da disponibilidade, do estar junto, de "fazer nada", de sentir prazer e se divertir com a família. Ao contrário, cuidar e ser uma boa mulher estava ligado ao "fazer incessante", ao "estar sempre alerta" e "fazer sacrifícios". Venho percebendo que de uma maneira isso me ajudou a estar onde estou hoje e foi uma forma de pertencer ao meu sistema familiar e a esse mundo que nos cerca, mas de outro sempre me deixou de certa forma culpada e me esquivando de momentos de prazer, de boa prosa, de presença com os amigos e etc. Nesses meses em que estive coordenando o ambulatório de saúde mental, novamente a mulher tarefaira tomou conta e não consegui me permitir sequer a troca de cartas com você, o que me foi tão prazeroso. Trago essa reflexão aqui para a nossa conversa, pois li os arquivos que me enviou e esta questão do feminino tem ocupado bastante meu movimento existencial neste momento. Bom, hoje acabamos de eleger um presidente conhecido por suas declarações misóginas e governadores aliados a ele por todo o país e tudo então fica mais agudo. Além disso, Marielle morreu e até agora não houve responsabilizações adequadas.

Me tocou bastante ler as histórias das mulheres que você acompanha no trabalho e fiquei comparando com as nossas e as pequenas repetições de cada dia. Vivemos outro momento, experimentamos rompimentos, mas cotidianamente, nos serviços em que trabalho, aparecem mulheres violentadas, que pouco estudaram, que pouco se permitiram sentir prazer.

A história de todas essas mulheres já estava há tempos me mobilizando. Nunca tinha me dado conta de maneira tão próxima quanta violência nós, mulheres,

vivemos (sejam sutis ou óbvias) e os impactos disso em nossa saúde, até que algo incrível e desterritorializador me aconteceu: a descoberta de minha gravidez! Queria tanto te contar, mas escolhi fazer isso por carta, agora que já posso falar um pouco melhor sobre (pois o marmoto está um pouco mais ameno, rs, já posso falar, já posso escrever). Escolhi contar essa história pela via das reflexões de como fui tocada por esse acontecimento. Se por um lado uma surpresa com a capacidade criativa da vida me tomou imensamente, por outro me senti profundamente ofendida em meu feminino. Já contei essa história algumas vezes, mas sinto que a cada vez que reconto, cuido um pouco mais de mim e do meu bebê, além disso fortaleço o feminino em mim e por isso narrá-la é importante.

Antes da descoberta, em meio aos cortes na Atenção Básica no município, a coordenação de saúde me disse que deveria me demitir da Organização Social de Saúde em que trabalho atualmente por cortes financeiros. "Generosos" como são, me ofereceram o contrato de uma Organização Não-Governamental para ser diretora de um Centro de Atenção Psicossocial. Esse vínculo de trabalho era infinitamente mais precário que o anterior; além disso, iria ganhar praticamente metade que ganho hoje. Aceitei porque não queria ficar desempregada. Então fui demitida e comecei a cumprir o aviso prévio. Foi nesse período que descobri que estava grávida. Uma alegria e um susto, muitos e muitos sentimentos misturados. A situação era: iria ser apresentada à nova equipe do CAPS em 2 dias (sem mesmo ainda estar contratada pela nova instituição). Sem nem entender o que significava estar grávida nem reconhecer como tal, fui à OSS avisar do acontecido e imediatamente minha demissão foi revista (uma garantia de direito que nós grávidas ainda temos pela Consolidação das Leis de Trabalho). Por incrível que pareça, ganhei os parabéns, mas a coordenação de área programática de saúde (a coordenação gere localmente 22 bairros da zona norte e representa a secretaria municipal de saúde neste território; a OSS em que trabalho presta serviços a essa coordenação) ficou indignada com o fato e achou um absurdo eu ter o meu direito garantido. De forma resumida, a coordenação falou literalmente que eu deveria pedir demissão da OSS e cumprir o combinado de ir para a ONG, disse ainda que eu era muito empoderada. Além disso, não me permitiu continuar como coordenadora do ambulatório, dando uma justificativa que deveria afetar outros profissionais, com os quais nada se passou. Para completar, já que eu não poderia mais ser demitida e não pediria demissão, a nova proposta foi de um trabalho quatro vezes mais desgastante e insalubre do que o anterior, o que deixou nítido o caráter punitivo.

Junto com isso, começaram a fazer cobranças que nunca haviam existido e controlar meu trabalho de maneira mais rígida que faziam com os outros trabalhadores. Felizmente isso não durou muito tempo, pois fui tomada de uma força de leoa e estabeleci um limite, claro, respaldada mais uma vez pela nossa querida CLT. Atualmente refiz a proposta realizada a partir de um estudo técnico e de legislação e estou realizando um trabalho possível de matriciamento com algumas equipes de saúde da família.

Como ainda estou em meio aos acontecimentos, nem consigo nomear tudo que me passa, mas já posso dizer que são nas pequenas ações cotidianas que o feminino é assaltado por lógicas masculinas, e isso ocorre na produção de conhecimento, na produção de saúde, na produção de educação, nas relações de trabalho e em tantos outros espaços. Definitivamente, o que está escrito e garantido nas leis, portarias, protocolos de cuidado necessitam sim serem colocados em ação para que possamos verificar que realidades estão sendo performadas. Nesta coordenação em que trabalho defendemos o aleitamento materno exclusivo, o cuidado da relação mãe-bebê, o cuidado pré-natal, tentamos diminuir a mortalidade materno infantil, possuímos oficinas mensais de discussão das situações de violência no território, mas quando uma trabalhadora se torna gestante, contrariando os planos de uma coordenação, ela se torna uma má trabalhadora.

Já posso te dizer também que ao invés de me sentir vítima desta situação estou me sentindo uma mulher mais forte, pois muitas outras mulheres e homens estão junto comigo, me apoiando, criando estratégias inventivas, me protegendo, me ouvindo, me incentivando. Sem dúvida estou mais forte, mais apropriada de meu feminino e mais atenta aos pequenos acontecimentos onde podemos verificar as marcas de um devir mulher no mundo.

Já terminando essa longa carta, me permito contar de uma visita domiciliar que fiz essa semana a uma senhora de 90 anos. Ela mora com seu marido da mesma idade e a preocupação da equipe é que há tempos não sai de casa, há muita sujeira e acúmulo de objetos por toda a casa. Os objetos, mais do que apenas lixo, contam sua história. O caso é interessante pois parece que ela, de fato, nos últimos anos, tem entrado em um processo demencial e isso tem trazidos dificuldades. Não se cansa de dizer que tem a saúde forte pois é filha de índia e por isso sabe muito bem se cuidar. De fato, sua família de origem pertence à tribo Tupiniquim e por violências da vida ela foi separada desta história quando era muito pequena. No final da visita, mais confiante na equipe de saúde, compartilha conosco uma frase que me deixou



marcas. Ela disse: eu não cuido da casa porque já estou cansada, já cuidei muito, agora Oswaldo (seu marido) é quem precisa cuidar, todos que usam tem que limpar, seja homem ou mulher!

Que alegria poder ouvir isso desta senhora que em meio a tanta precariedade consegue dizer que uma parte daquela sujeira, sim, até pode ser por conta da demência, mas outra parte é pura resistência!

Amiga, vamos marcar um café daqueles para nos alegrarmos e falarmos desta boa nova! E conversar também desse seu final de doutorado que não deve estar sendo fácil, junto com tudo que se passa nesse Brasil. Ah, também quero ouvir histórias de sua caminhada no sertão, acompanhei todas as fotos.

Preciso muito do coletivo, de mulheres, de tecer conversas potentes neste momento, não quero ficar sozinha. #ninguémsozina

abraços apertados

Carol

Querida Carol,

*Como já você sabe, pela ligação que chegou aí precipitada, ainda no meio da leitura da sua carta, transbordo de alegria e emoção com as boas novas. Nós, com nossas crenças e apostas, entendemos que esse é um momento de grandes transformações no planeta, e os que chegam (e nós que estamos) terão (e temos) um papel fundamental nesse processo. Me emociona porque sei que esse ser que se forma e é formado por você e pelo Edu já de agora encontra amor e cuidado, e são esses os principais instrumentos, molas-mestras dessas transformações. Sei que é isso que ela ou ele encontrará e poderá espalhar também. Mas já de agora e junto contigo enfrenta difíceis batalhas, e isso nos lembra o tanto que ainda temos a caminhar.*

*Quando ouço as histórias que me chegam nessa clínica da velhice vejo as tantas transformações experimentadas em uma só vida. Acompanhar as histórias ajuda a mapear os arranjos e rearranjos das coisas e resgatar a força que faz o movimento. Atendi uma senhora que me dizia não concordar com isso das mulheres trabalharem fora agora. Já imaginei ali um pensamento mais conservador, quando ela continuou dizendo que não é de agora que as mulheres trabalham. É de sempre. Lembrava da avó criando sozinha os onze filhos, da mãe criando sozinha criando ela mais os oito irmãos, e nunca haviam passado fome. A mãe era quitandeira, assim diziam na época – me contou, fazia quitutes de todo tipo, de doces a grandes jantares, e plantava e criava em torno da casa o de comer do dia seguinte. E os filhos estudavam e já começavam os trabalhos na olaria da cidade. E assim todos cresceram. Ela contou que o marido, da Marinha, passava muito tempo nas viagens e por fim ela também criou só os rebentos, acompanhado a educação, fazendo as tarefas de casa e unha e roupa lavada para fora, para sua renda própria. Não separou porque ele não saía de casa, mesmo nas vezes em que o expulsou, porque o encanto e a alegria foram se desfazendo com as inúmeras histórias de infidelidades. Hoje, na velhice, cuidam um do outro, foram refazendo um modo possível de parceria, ainda com as marcas que lhe falei. Na sua família, havia sido as mulheres a comandar – me disse. E fiquei pensando nesse fazer incessante, nessa força incrível mas ao mesmo tempo tão dedicada ao outro, como conversamos em tantas cartas por aqui.*

*As histórias precisam mesmo ser contadas, Carol, essa é uma lição que já aprendemos mas que a todo tempo nos retorna. Ouvi tantas histórias*

*surpreendentes nessa viagem, do povo sertanejo que nos abrigou ao longo do caminho, dos que organizaram o percurso e das pessoas com quem dividi as estradas nos seis dias de peregrinação. Foram 180 km de andanças. Cheguei ao fim do primeiro dia com bolhas que só não me impediram de seguir porque ganhei curativos (um agradecimento especial à Alice, que cuidou dos pés de todos nós), assistência e bons conselhos: precisava me livrar do peso que carregava, era o que bolhas no calcanhar diziam. Assim me alertou o Mario, que considerávamos a voz da experiência não só em respeito aos cabelos brancos, mas ao extenso currículo de aventuras. Aos 47 se desafiou a participar de uma das ultramaratonas mais difíceis do mundo, cujo calor foi tamanho que derreteu o solado do tênis. Inscreveu-se na prova com os certificados de peregrino e seus concorrentes de corredores profissionais. Foi aceito. Voltou ao ano seguinte para completar o que havia ficado pelo meio por causa da aridez do percurso. “Não deixo nada sem terminar”. Aos 53, organizou a maior ultramaratona do Brasil. E hoje estava lá para me lembrar que é preciso diminuir o peso que carregamos. Eu, me achando velha para tanta coisa, era uma das mais novas do grupo e encontrei quem aos 50, 60 anos e para lá ainda mais conhecia e já havia feito os grandes caminhos de peregrinação no Brasil. É incrível o que pode um corpo em movimento.*

*E nesse grupo, junto aos atletas, haviam também os leitores. O organizador do percurso contou que não entendia porque vinha gente de tudo que é canto querendo visitar a fazenda comparada pela família, só porque um tal de Guimarães Rosa havia estado por lá. Porque ele era um deles, dali mesmo, estranho era esse furdunço por causa duma gente dali. Foi ler as obras de Guimarães e entender esse interesse todo. E aí começou a articular o percurso, a partir de uma viagem que o escritor fez acompanhando uma boiada, para buscar inspiração para seu romance Grande Sertão: Veredas. Num caderninho, ia anotando de tudo, das histórias à fauna e flora do lugar. Tudo ouvido e perguntado pro povo: que já achavam o homem um chato, pelo tanto ele perguntava! E a gente ia apaixonando ainda mais por esse grande escritor, para mim um dos maiores do mundo. Grande Sertão é a obra prima da nossa língua, que mesmo a ultrapassa e chega a ser um outra ainda. Teve gente que foi pela caminhada e outra gente para ver de perto pedacinhos do romance. Mas como observou uma amiga que fiz lá (já é amiga, tão bacana que é), a Mayra, cada um desses grupos, o dos atletas e dos leitores, descobriu e se interessou pelo universo do outro. Foram dias de trocas espetaculares, que me tocam de novo só de lembrar.*

*E por isso digo da força das partilhas. Todos saímos dessa viagem transformados, deixando algo e levando também. E os dias sem sinal dos eletrônicos estimulavam mais que nunca as conversas, coisa essa que me admira demais no povo do interior. É tanta riqueza no prosear, e tudo tão fácil de se transformar em boas histórias! Te conto algumas, para juntar com as imagens que você viu nas fotos. Peço desculpas por estarem assim, seguidinhas e passando de um assunto para outro, mas foram as minhas anotações que também recolhi desse caminho.*

*- Por todo ele atravessamos plantações de eucalipto a perder de vista. Assim dispostos em fila, formando corredores de árvores estreitinhas-compridas, com suas folhas cheirosas que a gente roubava para amassar e sentir o perfume, tão bonitos ficavam. Mas eles puxavam água mais que qualquer outra árvore. E as veredas, que antes se viam, deixaram de existir. E também lagoas e brejos. O clima mudou. É isso que diziam as cigarras fora de época que cantavam forte e em coro, uma moradora me contou, junto com aquele calor danado de abafado. O clima tinha mudado.*

*- Aí num lugar chamado Buritizinho o dono da fazenda contava das goiabeiras que havia plantado e das poucas que resistiram. Como o pé de laranja que me apontava de longe: suas folhas secas de agora eram verdes em junho; no casamento que teve, tudo que é convidado foi lá comer fruta no pé. Aí perguntei o porque disso, já esperando outras explicações sobre o problema da seca. “Porque tudo tem seu tempo, né? A gente tem o nosso também, não vamos ficar para sempre aqui não. O tempo das árvores foi aquele, o nosso vai ser um dia”.*

*- Nessa mesma casa morava um garotinho que disse a minha amiga: minha casa é grande, né? E ela concordou, era grande mesmo. “Do tamanho de umas três nuvens”, o menino completou.*

*- No segundo dia de caminhada paramos para descansar os pés, refazer esparadrapos, hidratar e comer. Aí um cachorrinho fanfarrão, desses que é só dar confiança para receber pulos e mordidinhas, nos encontrou. Dali até o fim do percurso acompanhou o grupo. Pretinho, que hoje chama Peregrino, liderava a caminhada com quem ia na frente. Ganhou casa e pelas últimas notícias chegadas estava se sentindo o rei do pedaço ao lado de Bill Bob Dylan, o outro cachorrinho do novo lar.*

*- Nas cidades miúdas por onde passamos, projetos que aproximam os jovens da literatura de Guimarães. Contadores de Histórias, os “Miguilim”. A timidez*

adolescente para dizer lá na frente seu nome e do conto que iria apresentar dava lugar a um corpo que interpretava e se apropriava das palavras roseanas: nas entonações, na altura da voz, nos gestos dos braços, e aproximava a gente ainda mais das palavras e do povo do sertão.

- Era com milho que fazia a fermentação da cachaça. E o preparo precisava de cuidado, paciência e vigilância. Cachaça boa é aquela que quando a gente dá a volta no copo, deixa ali nas paredes uma espécie de óleo. Aí se sabe: é boa. Nada de ressaca no dia seguinte – o Geraldo, que acumula as experiências nos cabelos e barbas bem alvos, me prometeu. Contou que para acelerar o processo, dessas de dose barata, usam até fluido de bateria. Assustei. Pedi uma para levar de presente, quanto era. Mas ele não fazia para vender: a dele era mesmo para compartilhar.

Guardo essas duas para o final porque se aproximam muito do que te mobiliza nesse momento. A moça que organizou o percurso, Mônica Otero, compartilhava sua história nas paradas ao longo das estradas. Era ela que, para lá e para cá, resolvia problemas, nos dava suporte, líquido e alimento. Estava se recuperando de uma cirurgia na cabeça, um tumor. Já tinha passado por outras duas anos atrás, no intestino, porque o câncer insistiu. Era dona de casa, mãe de dois filhos e enfrentava difíceis batalhas quando se aproximou das caminhadas e peregrinações, que depois se tornaram ultramaratonas. Aos 52 anos, cruzou, com seus pés, desertos em provas das mais difíceis do mundo. Atravessava agora os 60 e nos oferecia água, frutas, exemplos para sempre seguirmos adiante, mesmo na aridez do caminho, porque aí também descobrimos o quanto somos fortes.

E quando já nos despedíamos na viagem, no último dia, num último passeio, uma senhorinha se aproximou do grupo querendo conhecer os peregrinos. Contou que em Cordisburgo, cidade de Guimarães, miudinha que só, tinha uma Academia de Letras, que ela havia ajudado a fundar. E nas conversas, nos chamou para conhecermos seu restaurante, que recebia gente de todo canto, nos disse. Suco, café, histórias das letras e escritas, suas (que ainda não mostrara para ninguém, só quando publicar) e do Guimarães. Prometeu uma carta romântica dele dedicada à Aracy, mas não a tinha em mãos ali, agora. Mandaria pelo correio, se deixássemos o endereço. Aí a Mayra assim o fez, e pegado o papel dona Haydeé reconheceu no sobrenome o seu próprio. Entre surpresas, emoções e sorrisos, descobriu-se: eram parentes! O mundo dá umas voltas e faz esses encontros incríveis. Que bom que fez a gente se cruzar também, né, Carol, e poder partilhar tantas histórias em todos

*esses anos. E que possamos estar juntas em tantos mais, nos dias difíceis e nos de boas novas, que sempre hão de chegar. Com nossas mãos dadas.*

*Beijos, Lu*

## **Cartas 11- Sobre as travessias**

*Cartas trocadas com Fatima Queiroz*

Querida Lu e companheiras de aventura,

Na tarde fria de um domingo de maio, me dediquei à leitura deste conjunto de cartas que aceitei como desafio de uma aventura compartilhada. Tomo como aventura o fato de conspirarmos contra as regras vigentes na academia e podermos acolher com cumplicidade a escrita de Luciana, como um ato de subversão tão doce e tão provocador, que seria impossível ignorá-lo.

Combinei comigo mesma que seria assim, entre cobertas, que eu me permitiria saborear a escrita dessas cartas, entre outras várias tarefas, como aquele pedacinho de coisa boa que deixamos para comer por último, porque queremos prolongar com esse sabor a melhor lembrança gustativa da refeição.

Li todas as cartas na mesma tarde que foi se estendendo pela noite. Algumas delas, trocadas no e-mail da orientação coletiva, eu já conhecia, pois circularam no período em que pude participar do grupo durante o meu pós-doutorado. Relê-las foi como voltar a um convívio que me foi muito caro.

Sabia que seria uma ação mobilizadora de muitos afetos, mas não imaginava o quanto ficaria tocada. Um turbilhão de sentimentos foi tomando conta de mim, arrebatada pelas temáticas, uma a uma, que Luciana colocava em cena.

Vejo, como vocês, que as cartas, um recurso ainda estranho à expressão acadêmica, podem se transformar numa escrita potente para envolver emissores e destinatários nesse jogo de contar histórias que inter-essam. A escrita da Lu é leve e ao mesmo tempo densa. Em cada carta, um mundo para mobilizar, para contar. São histórias que ouvimos, vidas que fazemos, corpos que somos. As borboletas estão por aí, voando pelos nossos jardins, espalhando graça e cor com tantos relatos. Para mim, é um reencontro feliz com pessoas que me fizeram muito bem num tempo curto, mas cheio de aprendizagens. Aposto nessa aposta, porque sei que ela é tecida com os fios do cuidado, da escuta generosa, como destacou a própria Lu. Que assim seja!

A carta Sobre o feminino leva essa marca de um “enlace”, entre o feminino e o cuidado. De fato é comum fazermos essa associação, pois tem sido assim na maior parte dos casos que observamos: na saúde, nos espaços domésticos, na educação, na pesquisa. Mas precisamos ter atenção a essa naturalização para que ela não se

torne uma verdade. Lu reconhece não diferenciar feminino de mulher. E também se critica por isso, já sugerindo que esta seja uma das questões a problematizar. Creio que esse deve ser um cuidado nosso, pois as coisas podem mudar e estão mudando. E precisam mudar mesmo. Até para não cairmos na lógica das essências, é necessário que convoquemos não apenas as mulheres, mas todos os outros viventes que se agregam em torno de uma causa para apostar na possibilidade de se construírem como seres de cuidados (a dar, a receber e a trocar). Tomo aqui o cuidado aqui como um item básico de sobrevivência, esta tomada com o significado mais amplo que pudermos lhe atribuir. O drama pessoal narrado por algumas idosas que acorrem aos serviços aponta de forma pungente para o avesso do cuidado com o outro. Os relacionamentos abusivos vividos por muitas mulheres representam a própria negação do cuidado, da falta do respeito ao outro e provavelmente vão aparecer em muitas narrativas que Lu ainda ouvirá. Na velhice, as práticas da indiferença, do abandono, da desqualificação, dos vários tipos de violência podem estar muito presentes na vida das mulheres que envelhecem, tendo como autores não mais os pais, nem somente os maridos, mas os próprios filhos. É triste, mas é fato.

A carta Sobre a aposta metodológica encanta pela promessa de aventura, pela surpresa de como pode acontecer essa lida com as incertezas do campo, os sapatos sujos do barro das trilhas, o diário de campo manchado com café. É uma promessa de como vamos seguir os fios que se juntam ou se separam, de como vamos desenhando esse mapa do caminho que percorremos. Tem muita astúcia nesses movimentos e os sustos fazem parte do processo. Mas, Lu, antes de tudo, aproveite a viagem. Ela só está começando. Os anos do doutorado podem ser difíceis em alguns aspectos, mas podem ser os melhores (arrisco dizer que quanto mais difíceis, melhores, por que nos tiram da nossa zona de conforto e nos impulsionam para o risco de ultrapassar as fronteiras de um território já conhecido). Quando, muito depois, abrir sua caixinha de recordações e fizer a releitura das cartas que comporão sua tese, vai sentir saudades de um tempo ímpar de criação, cheio dos encontros, das leituras, das conversas. Durante a “viagem”, não se esqueça de apreciar a paisagem que se descortina através da janela. Chegar ao destino é importante, mas seria lamentável perder as emoções do percurso.

A carta Sobre o terapêutico das oficinas me remeteu às oficinas que aqui também usamos como recurso aqui na nossa Lan house. Entre os grupos que participam, está um pequeno grupo que agrega idosos de um bairro bem próximo e outros que



vivem no Albergue Santo Antônio, uma ILPI que fica bem ao lado do Campus. A Lan house para eles é uma grande novidade que tentam assimilar de diferentes maneiras. Ficam entusiasmados e admirados quando passam a conhecer, com os computadores em rede, recursos que lhes permitem fazer certos resgates num tempo remoto ou num espaço perdido para eles. Tinha um senhorzinho que, com a ajuda de um estagiário, conseguiu encontrar, no Google Maps, registros da cidade onde ele passou a infância. Visualizou a vendinha do lugar e localizou na paisagem um cavalo que parecia com o dele. Uma das senhoras está aprendendo a ler e escrever com orações (que ela sabe de cor). Os estagiários fazem a busca do texto na internet e ela vai digitando durante as oficinas, como se fazia antigamente com as cópias. Alguns jogam, outros alargam os contatos no Facebook, outros buscam receitas culinárias, tutoriais para fazer coisas das mais variadas, assistem filmes. As oficinas não têm a pretensão de ser terapêuticas, mas acabam tendo um efeito terapêutico. Utilizamos a referência de Kastrup<sup>72</sup> para pensar nelas como espaços de encontro, convivência e aprendizagem, ao se prestarem a fazer parte de um “equipamento coletivo de subjetivação”. A regularidade dos encontros passa a funcionar como um organizador das rotinas, um porto seguro, a oportunidade de construir vínculos com um grupo com o qual vai se fazendo um sentimento de pertença, ideia bem Pichoniana<sup>73</sup>.

Aqui no projeto da Lan, as saídas podem acontecer de muitas maneiras. Nas oficinas de mediação digital, como as chamamos, elas se dão pelas “janelas” que a internet abre para o mundo. No caso dos idosos institucionalizados, que são um público diferente do que você acompanha, há restrições variadas e limitantes: regras institucionais, pouca mobilidade ocasionada pelas enfermidades, tristeza pela situação de abandono, pobreza e maus tratos. Os deslocamentos do albergue até o campus, num mesmo quarteirão, têm um gostinho de aventura e são tão ou mais importantes que as atividades mediadas pelos computadores (tal como as saídas que faz com seu público), porque essas pessoas passam a ter contato com o espaço do campus e com os estudantes dos vários cursos (de medicina, psicologia, educação física) de quem passaram a ser os “queridinhos”.

---

<sup>72</sup> KASTRUP, Virgínia. Fazendo psicologia no campo da saúde mental: as oficinas de tecnologia e tecnologias sociais. In: MARASCHIN, Cleci; MOSHEN, Simone; PALOMBINI, Analice (Orgs.) *Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental*. Porto Alegre: Sulina, 2012, págs.173-177.

<sup>73</sup> Se tiver interesse, ver Afonso, M. L. M. (2006). *Oficinas em dinâmica de grupo. Um método de intervenção psicossocial*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sair para ganhar o mundo é condição de saúde, pois nos obriga a abandonar o ninho das coisas seguras, ampliar horizontes por vezes limitados pelos nossos medos. Sair implica em partir e também em chegar, faces de uma mesma moeda, que compõem os ciclos da vida. Chegar a algum lugar implica no fato de que tenhamos partido de um outro. Ao partir de algum ponto, por menor que seja o deslocamento, estaremos chegando a um ou a vários lugares que nos chamam para chegar. Estive pensando nisso como nunca havia feito antes. Não consigo ver como chegar sem partir ou partir sem chegar.

Falar sobre chegadas e partidas leva nosso pensamento a essas maneiras de nos deslocarmos pelo mundo e pela vida. As partidas às vezes trazem esse tom de nostalgia porque dizem de perdas. A carta Sobre as partidas me fala das coisas e das pessoas que saem inexoravelmente das nossas vidas. No envelhecer, vai-se perdendo muito pelo caminho, pelo simples fato de que o tempo passa. Perdemos pessoas e objetos: concretamente, pelo seu desaparecimento, simbolicamente, quando eles/elas já não nos pertencem, porque seguiram outros rumos, outras formas de existir. São muitos lutos a administrar com as “partidas”: a perda de um corpo mais jovem, mais ágil, que ficou mais lento, mais frágil, mais suscetível ao desgaste e ao adoecimento; progenitores que morrem, cônjuges que se vão, o abandono da casa em que moramos durante uma vida, um jardim que cuidamos que vai perecendo. Vão sumindo colegas de trabalho e lugares que frequentamos; nossos animais mais queridos também partem, para nossa tristeza; roupas, cheiros, sabores que vão deixando rastros apenas na memória; vão-se objetos quase biográficos<sup>74</sup> que julgávamos nossos, porque estavam ali, sempre à nossa disposição, como se fossem eternos. Ah, tanta coisa pode partir/sumir, como num passe de mágica! Resistir ao tempo é quase um milagre, tão implacáveis são seus efeitos. Ocorre com as pessoas, quando o que veem no espelho não combina mais com a imagem que têm de si; com os relacionamentos que, do mesmo modo como para os tecidos, quando se esgarçam, já não podem ser remendados; com as coisas, quando os pedaços são tantos que já não se encaixam em qualquer tentativa de restauro. Por isso é tão precioso algo que resista ao tempo, porque acontece mais por exceção do que por regra. Porque o que perdura deve ter tido algum ingrediente muito especial na sua composição, na maneira como foi feito ou nos materiais usados para que viesse a existir e a se manter, apesar do tempo.

---

<sup>74</sup> Não sei até que ponto nós poderíamos considerá-los como “espécies companheiras”, da Haraway. Para pensar.

Acredito que nos toca de forma aguda tudo aquilo que já é nosso, mesmo que venha como uma provocação do outro. A carta Sobre o envelhecer veio dizer de mim neste momento de vida. Sim, estou envelhecendo, um pouco com júbilo, um pouco com pesar. É engraçado que as pessoas me perceberam “idosa” antes mesmo de eu me reconhecer assim. Me tratavam por “senhora”, ofereciam lugar nas filas, assentos nos transportes, prioridades várias a que eu recusava com pudores dizendo “ainda não cheguei lá! Daqui a algum tempo, obrigada!”. Comecei a estranhar. Acho que essa percepção que os outros tinham (de forma um pouco antecipada) seria porque assumi meus cabelos brancos precocemente e sem resistência, apesar do protesto das amigas mais próximas que encaravam a minha decisão como um desleixo na aparência. Minha defesa sempre foi o exercício de buscar a melhor versão de mim mesma, sem muitos artifícios; aquilo que, mesmo em mudança, me deixaria reconhecível em minha melhor forma. Rugas e cabelos brancos nunca me incomodaram e sempre foram acolhidos de forma pacífica, como marcas de uma história que o tempo vai escrevendo em nossos corpos. Eu costumo brincar dizendo que eu não tenho cabelos brancos, tenho cabelos platinados! É divertido ver a expressão de surpresa das pessoas diante dessa afirmação, porque, na verdade, brinco com a possibilidade de tingir com algum brilho esse apagamento da cor dos fios que vão virando uma nuvem daquelas bem branquinhas. E olha que a nuvem vai aumentando muito com o tempo. Por falar em tempo, neste ano de 2017 farei 60 anos e estarei ingressando na turma das sexa. Terei prioridades, ficarei impossível, já penso em concretizar o plano da aposentadoria. Só ainda não sei se consigo me ver, em futuro próximo, como personagem de algumas das narrativas trazidas nas cartas da Lu, frequentando serviços destinados a pessoas da terceira idade.

Talvez, com essa expectativa, uma das cartas que mais me balançou foi a que fala “Sobre a memória”. Hoje entendo que as marcas na aparência ficam insignificantes quando as lembranças começam a fraquejar. No meio de uma aula, de um encontro, de uma discussão, é constrangedor esquecer o nome de um autor, um livro, uma ideia, um conceito, um filme que precisa indicar, uma informação que fará toda a diferença. Pior ainda é quando a gente esquece o nome das pessoas ou de onde as conhece. Certa vez, quando aí estive “partilhando o pão” com o grupo de pesquisa PesquisarCom, comentava com a Marília o quão tênue poderia ficar, com o passar do tempo, a diferença entre o não saber e o não lembrar. É uma sensação muitas vezes pior do que a da bagagem perdida em viagem, que se agrava pela desesperança de reencontrar o perdido. É perda de chão mesmo. Torço para que

esses lapsos sejam apenas frutos de algum stress que logo vai passar, mas que medo! Na verdade, o difícil não é quando a gente chega ao ponto de não lembrar mais quem é, pois já não estamos ali como uma vida em projeto que se atualiza. O problema é saber-se em processo de perda de si, do que se perde a cada dia. Um pouco como diz o Rubem Alves, o temor não é da morte, mas do morrer.

Quando envelhecemos, as “partidas” vão se tornando mais frequentes pelo simples fato de que acumulamos mais oportunidades de testemunhá-las. Aqui em Minas, de vez em quando nos flagramos em velórios de conhecidos ou parentes de conhecidos. Quando cheguei aqui tentava escapar deles, mas foi em vão porque eram rituais de solidariedade e despedida. Hoje, compareço porque senti que, como uma forasteira que foi acolhida e se deixou acolher, me tornei um deles.

Sobre chegadas e partidas, lembrei que há uma música muito linda que o Milton Nascimento canta e que é a cara de Minas. E vejo nela uma imagem do que Luciana propõe na sua pesquisa. Porque envelhecer É A VIDA. Vai letra para vocês como naqueles programas de rádio de antigamente em que as pessoas dedicavam músicas para as outras:

Encontros e despedidas  
Mande notícias do mundo de lá  
Diz quem fica  
Me dê um abraço, venha me apertar  
Tô chegando  
Coisa que gosto é poder partir  
Sem ter planos  
Melhor ainda é poder voltar  
Quando quero  
Todos os dias é um vai-e-vem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega para ficar  
Tem gente que vai para nunca mais  
Tem gente que vem e quer voltar  
Tem gente que vai e quer ficar  
Tem gente que veio só olhar  
Tem gente a sorrir e a chorar  
E assim, chegar e partir  
São só dois lados  
Da mesma viagem  
O trem que chega  
É o mesmo trem da partida  
A hora do encontro  
É também de despedida  
A plataforma dessa estação  
É a vida desse meu lugar  
É a vida desse meu lugar  
É a vida

Depois da música, acho que está na hora de me despedir. Antes, queria dizer que, se a leitura das cartas de Luciana se fez com alguma voracidade, em apenas uma

tarde/noite, esta carta se teceu, desde então, ao longo de muitos dias, aos pouquinhos, no tempo de Kairós. Acredito que as cartas de Luciana vão se multiplicar, vão se desdobrar em temáticas que não apenas se encaixam umas nas outras, mas também conectam mundos e versões. Sei ainda que suas narrativas vão continuar nos encantando e fertilizando outros jardins, os nossos e daqueles que se deixarem afetar por sua escrita. Desejo que esta troca resulte num encontro proveitoso.

Beijos a todas,  
Fatima

Querida Fatima,

*Comecei essa carta também entre cobertas, que ali estavam mais pelo aconchego que pelo frio. Os termômetros do Rio acostumados às alturas olham com humor as calçadas cheias de casaquinhos e cachecóis, porque sabem que são exagerados e passageiros – talvez por isso a gente corra para usá-los toda vez que as nuvens cobrem o céu azul. Vim da serra, onde quando criança costumava brincar de assoprar o ar que condensava nas temperaturas baixas e adolescente caçava as frestas de sol para aquecer na hora do recreio. Hoje corro para buscar meu casaquinho toda vez que as nuvens cobrem o céu azul, isso já basta para ser inverno. Sou também uma forasteira que foi acolhida e se deixou acolher pela cidade. Nas durezas e encantamentos, fui cada vez mais pertencendo. Sempre preferi atravessar a ponte a me mudar para Niterói, mesmo com esses anos todos de UFF. E as idas e vinhas do Campus, como as dos idosos que você acompanha no projeto da Lan House, foram abrindo mundos, nas vivências dos encontros e caminhos percorridos.*

*Aprendi a andar e descobrir. Costumo pensar que a saúde e o interessar-se pelas coisas do mundo estão muito mais próximos que imaginamos. Talvez por isso sejam tão caros a mim os projetos que inventamos para escapar do serviço onde atendo e nos aventurar pela cidade, com todo o seu encantamento, apesar e com suas durezas. Estava revendo outro dia cenas do filme *Medianeiras*<sup>75</sup>, que faz umas costuras tão interessantes entre a cidade e a subjetividade. Um dos personagens diz que está cada vez mais convencido que os divórcios, a violência familiar, o excesso de canais a cabo, a falta de comunicação, a apatia, a depressão, o suicídio, as neuroses, os ataques de pânico, a obesidade, a insegurança são responsabilidade dos arquitetos e construtores. Com humor e crítica, pensa nos efeitos que os espaços, com suas geometrias e planos, têm sobre nós. E há também as medianeiras, aquele lado fechado e aparentemente inútil dos edifícios, tomado pela poluição, rachaduras ou publicidade, onde aparecem vias de escape (irregulares, como são todas as vias de escape) pros quem vivem na opressão dos apa(e)rtamentos. Furando os códigos e permissões de planejamento urbano, diz a narradora, se abrem minúsculas janelas a permitir a entrada da luz. Penso que são janelas abertas nas medianeiras as experiências que acompanha na Lan House. A senhora aprendendo a escrever a partir das orações que sabe de cor, a outra*

---

<sup>75</sup> *Medianeiras*. Filme dirigido por Gustavo Taretto. Argentina, 2011.

*buscando receitas na internet e o senhor podendo rever a cidade natal; a universidade se abrindo aos idosos, os idosos se abrindo às redes. Muitas das pacientes que acompanho passaram a infância no interior e por muito tempo desconheceram a eletricidade. Imagina que agora me mandam mensagens pelo whatsapp para perguntar se o grupo dessa semana está confirmado. Dizem que os netos, pequeninos, já vão com os dedinhos deslizar nas telas para abrir aplicativos. E elas se queixam que precisam de repetidas explicações para aprender, têm outras velocidades, mas lembro como é incrível pensar que o mundo hoje é tão diferente de quando chegaram e ainda assim toparam se transformar com ele.*

*As cobertas seguem aqui, um aconchego é sempre bem-vindo. Mas hoje não há nuvens e o sol brilha forte. E nesses convites que a cidade faz e que me roubam da escrita, fugi para as andanças. O aterro do Flamengo é um lugar incrível, sobretudo nesses dias. A paisagem urbana e a natural se entrelaçam; há eventos de corrida e ciclismo, fotografia de formandos, pessoas na praia, na pesca, no futebol, no churrasco. Há os que não moram aqui e passeiam, há os que estão de passagem e os que tem lá como casa. E há um deque que construíram numa das bordas da praia, com largos bancos de madeiras que acolhem a todos. Parei para descansar ao lado de uma senhora que tinha um livro nas mãos. Se voltou a mim para exclamar: aqui é muito bonito né? Itamira se chamava, disse que morava nas redondezas e por quarenta anos caminhou por todos aqueles cantos. O joelho já não permitia esforços tão grandes, mas até ali fazia questão de ir. O livro, tinha o encontrado em casa, era sobre filosofia. Me disse que onde cresceu era tão difícil comparar um livro que quando se tinha passava por todos, uma preciosidade que era lida e relida várias vezes. É para um dos netos que vai deixar essa herança, já está combinado. Itamira me falou da família, da vida, da velhice. Foi descobrindo como lidar com as limitações que chegavam; sobre as dores fortes no joelho, aprendeu a respirar e conhecer o corpo (olha que incrível essa noção). Tem dias que amanhecem mais desanimados, mas é preciso fazer os contornos. Falei sobre meu trabalho e pesquisa e partilhei algumas conclusões, queria ouvir o que achava. O que achava era que sua história ia entrar na tese – e aqui está. Itamira me deu dicas de um hambúrguer maravilhoso que experimentou, anos que ela não comia um. E entre dicas e histórias, foi me dizendo que a vida é um presente, que era assim que a via, e precisava ser celebrada. A vida precisa ser celebrada.*

*Estava lendo um texto de uma colega da UFF, a Talita Baldin<sup>76</sup>, que também se enveredou pelos estudos do envelhecimento. Dizia sobre o que aprendeu com seus pacientes idosos em processo de luto. A perda, ela lembra, seja de uma pessoa querida, um animal, uma fase, faz parte de qualquer momento da vida, mas na velhice talvez seja mais recorrente. O trabalho está em encontrar novos objetos, projetos, relações para direcionar a energia psíquica, sem deixar de vivenciar o processo de elaboração que o luto pede e envolve. A Talita diz como é importante poder dizer, ensaiar com palavras, gestos, poemas aquilo que ficou por, interrompido pelas perdas. Quando os anos vão nos deixando mais próximos do fim da estrada que de seu início é de uma outra maneira que vivenciamos tanto os processos de perda quanto a elaboração de planos: pode haver uma tristeza no dar-se conta da finitude que está logo ali, uma nostalgia pelo que em breve não haverá, pode haver uma reconciliação com o divino, como algumas vezes já ouvi, a vontade de viver intensamente e retomar aquilo que ficou esquecido, porque o tempo é curto. Podem haver tantas maneiras, como já dissemos em outras cartas, e também todas elas ao mesmo tempo. Maneiras de dar algum lugar para as mortes, para que a vida possa ser celebrada.*

*Há na velhice um outro tom para as perdas, nos vãos e sutilezas entre o não saber e o esquecer, entre o lugar que se dispensa e o que se tem por direito, entre o branco e o platinado. Atendo um casal que a vive de maneira tão diversa: ele perdeu um lugar no mundo que o trabalho concedia, perdeu amigos próximos, perdeu a estabilidade do corpo (queixa-se sempre de umas tonteiras que aparecem e desaparecem), e perdeu assim o ânimo e o movimento; ela seguiu tomada pelo movimento do cuidado com a casa, com o outros, com o marido, que parece precisar cada vez mais de sua presença. Temos feito uns acordos para incluí-lo nas pequenas rotinas domésticas, para que as tarefas estejam mais distribuídas, para pensar em todos como seres de cuidado – a dar, a receber e a trocar, como você disse. Isso também faz parte de redirecionar a energia que fica sem destino nas perdas, de fazer outros laços com o mundo, de entender que nos fortalecemos quanto mais conexões fizermos, e o cuidar as amplia.*

*Lá na UFF retomamos o grupo da orientação coletiva depois de umas férias - nossos espaços de cuidado. Há carinhas novas e outras já conhecidas, que voltam para seguir nos próximos degraus. Eu me aproximo do fim, vivo às voltas com todas*

---

<sup>76</sup> Talita Baldin. *O que aprendi com meus pacientes idosos em processo de luto*. Post de autor convidado no site vamosfalarsobreoluto.com.br, 12/08/18.



*as questões que isso traz, das que são importantes ao número de páginas dessa tese, que me rondam à noite e perseguem em cálculos imaginários (será que não tá muito miúda?). Me disseram que delícia mesmo é fazer pós-doutorado – pronto, logo a mim, que já estava nos planos de encerrar esse caso niteroiense. Mas é sempre tanta coisa bacana que se troca naquele grupo que a gente sempre arruma um jeito de voltar. Talvez tenha algo do ingrediente muito especial que você falou, que faz resistir ao tempo (não imagina como mexeu comigo aquela reflexão sobre a capacidade que o tempo tem de perecer as coisas, que forte! Ainda estou com seus impactos). Na sua carta você também me aconselhava a aproveitar esses anos de doutorado, que eu não esquecesse de curtir a viagem, de apreciar a paisagem através da janela. Os encontros, as leituras, as conversas foram de fato aberturas nas medianeiras para luz chegar e aumentar o mundo. Te agradeço muito por tudo isso, assim como a todas e todos que participaram desse trabalho. Não será fácil essa despedida, mas é o vai-e-vem dos dias, as chegadas e partidas, mas sempre com algo que levamos com a gente. É a vida, é a vida. Vamos celebrá-la.*

*Beijos, Lu*

Oi, Lu querida! Saudades de você.

Estou muito feliz com a notícia de que está concluindo seu doutorado. Os términos sempre nos incitam a viver emoções. São como portas que nos permitem fazer passagens, deixando um pouco de júbilo pela conquista, de alívio pela missão cumprida, mas também um pouco de luto pelo que vamos deixar para trás. Outras portas vão se abrindo e, mesmo aquela entreaberta, aquela que não quisemos fechar – não precisamos fechar – pode nos convidar a um novo retorno. Que assim seja, se for esse o seu desejo para mais uma etapa, no pós doutorado.

Li outra vez as cartas. A minha, para lembrar do que havia escrito, uma vez que estava um momento de grande turbulência em minha vida. Havia pouco mais de um ano dessa escrita, mas parecia que muito mais anos haviam passado. Depois li a sua, atenciosa e reflexiva, atenta aos detalhes, reverberando os temas de nossa escrita, nos ajudando a elaborar essa passagem do tempo que é o seu grande tema.

Passando de portas a janelas, me senti mais próxima a você quando mencionou ter assistido ao filme *Medianeiras*. Nunca encontrei outra pessoa que soubesse dele. Gosto bem dos filmes argentinos, mas nesse, gostei em especial de como tratou de um detalhe arquitetônico tão singelo e ao mesmo tempo tão determinante a ponto de fazer dele quase um ensaio antropológico. Melhor de tudo é que mostrou que paredes podem ser rompidas, grandes paredes podem ser subvertidas com o rompimento de janelas, ainda que minúsculas.

Por falar em filmes, a conversa que traz com a senhorinha, lá no Aterro, sobre o livro de filosofia que deixaria como herança para o neto, me fez lembrar de um outro filme, turco se não me engano, chamado *Cinar Agaci*, que conta a história de uma matriarca que tem pelo neto mais novo uma predileção muito especial. É para ele que a vovó quer deixar de herança o seu baú de pequenas preciosidades, dessas que só têm valor para ela. Acho que poderá gostar, pois o drama do envelhecer se faz presente em outra cultura de uma forma bem próxima daquela que vivenciamos. Me encanta muito observar o que de humano nos aproxima e às vezes nos distancia. Sim, as variedades do humano me encantam.

Vixe, o email tá virando carta. Acho que sua proposta é mesmo contagiosa.

Grande beijo procê

Fátima

## **Cartas 12- Sobre o tempo**

*Carta trocada com o grupo de Orientação Coletiva*

Queridas,

*O tempo é mesmo uma coisa muito curiosa. Basta prestar atenção nas histórias que contamos e tentar localizá-las no calendário. Há sempre um surpreendimento: mas já faz tanto assim? Ou: parece que passaram anos... A sensação despertada quase nunca coincide com datas e relógios. É desse tempo que se faz a memória, embaralhando a ordem reta da cronologia e fazendo mágicas de guardar, aparecer e caber tanto em tão pouco. Há quatro anos eu começava esse doutorado. Foi no mesmo período em que entrei para trabalhar como psicóloga na Marinha do Brasil. Hierarquia, disciplina e uns fios soltos na cabeça que nunca quiseram entrar no penteado do coque. Fui inventando o caminho, entendendo os melindres institucionais, negociando e não escapando disso que nunca nos escapa: nosso estilo. Aprendi a dar ordens, que como a Jô disse, todas começam com “por gentileza”. Conheci a velhice de uma maneira tão próxima, viva e bela e foi sobre isso que quis escrever. O tema da pesquisa então mudou, as questões foram refeitas, a escrita reinventada. Tudo virou carta, como esta que lhes endereço. E sobre o tempo, recolhi histórias que diziam de lutas, perdas, invenções, descobertas. Como são todos os momentos da vida, mas de maneiras singulares em cada um deles. A velhice guarda um outro tempo, que também fui aprendendo a ouvir.*

*Num dos primeiros casos que acompanhei no Centro de Atenção à Terceira Idade, a senhora que me partilhava histórias falou desse outro tempo. Os filhos estavam sempre correndo, apertados entre os compromissos e horários e pressas. Não entendiam que seu tempo havia mudado, era mais lento no vestir, o joelho pedia calma no andar, não podia mais confiar tanto na memória e por isso conferia e reconferia a bolsa para checar se estava tudo ali, e geralmente não estava, e precisava voltar para pegar. Entendia porque ela mesma havia corrido assim quando os tinha pequenos, e também as obrigações do trabalho, e as tarefas de casa, e compromissos e horários e pressas. Por isso tentava acompanhar os passos deles, mas a vida ditava outro ritmo. É esse ritmo que desafia as velocidades contemporâneas e lhes propõe importantes reflexões – pena que elas costumam não ter tempo de ouvir. Vivo entre um e outro, entre pressas e mansidões, porque*

*não me faltam obrigações mas tampouco vagareza. Meu tempo se aproxima muito mais daquele que chega com a velhice do que esse outro que nos atropela dia-a-dia. É o tempo da escuta e das histórias, e talvez esteja aí a explicação do que me foi perguntado num dos nossos encontros: escrever me melhora para o trabalho porque abre espaço para esse tempo.*

*E assim as cartas cresceram, e assim se tornaram o próprio texto. Tão interessante foi essa experiência. Trazer as histórias para a escrita, de forma que delas fosse composta, me ajudou muito a desatar ‘os nós’ que emperram o fluxo das palavras e trazer ‘o nós’ que as constituem. Somos feitas e feitos de muitas e muitos. Ter outras falas aqui, outras autoras em primeira pessoa, evidenciou isso que para mim é tão óbvio. Nos fazemos COM. Temi não estar a todo tempo amparada pelas citações e referências, já que não é disso que se faz um texto acadêmico? Mas fui lembrada por vocês que a escrita já estava permeada por tudo andamos estudando, conversando, pensando. Me fortaleci. Receber as cartas de volta, cada uma, foi uma delícia que fez lembrar daquele tempo do papel, da espera ansiosa e da alegria bem-vinda com a chegada (agora pelos e-mails). Às vezes corria ávida para lê-las, às vezes as guardava com aquela sensação de alguma coisa boa à espera e deixava para saborear nas horas tranquilas. Eu, com essa mania de contar tudo enxuto, descobri que não fui clara na proposta e vi também a surpresa das remetentes ao entender que suas cartas estariam de fato no trabalho, na íntegra, se autorizassem. Novas negociações. E outras questões despertadas. Escrever para alguém é diferente de escrever para alguém que vai lançar a escrita ao público. Mas houve também aposta, e fomos juntas nessa. Teve carta cuja resposta não pôde ser dada, porque naquele momento não foi possível de ser escrita. Isso também precisou caber, assim como o tempo que se leva para ir e vir. E os tempos de novo nos dizendo de uma outra cadência, que não obedece a cronogramas, mas a afetos e delicadezas.*

*Mas se estamos nas últimas páginas é porque há prazos a serem considerados: não podemos nos abster deles. Nos esforçamos é para que caibam também outros tempos. Marquei a defesa (para o último encontro do grupo esse ano<sup>77</sup>, será tão bom se todas estiverem) com muito pesar, gostaria de um tempo mais despreocupado. As cartas que chegaram foram muito ricas e sobre o que foi lá partilhado ainda há tanto para conversar. Fico com essa sensação a cada visita*

---

<sup>77</sup> Grupo de Orientação Coletiva que reúne as orientandas da pós graduação da professora Marcia Moraes, com encontros semanais a pensar, trocar e enriquecer nosso mundo.

*ao texto e a cada uma descubro algo novo. Mas talvez seja esse o feitio do modo carta, como falamos: deixar que haja sempre descobertas, aberturas e espaços para que ali possamos voltar e dali possamos seguir. Não é um jeito todoexplicadinhoesmiuçadocominíciomeioefim, mas situado, pontual, endereçado, encarnado, pessoal e político, ao mesmo tempo. O que dizem essas palavras? Poderia responder com um jeito todo explicadinho esmiuçado com início meio e fim, mas prefiro que voltem às cartas para que elas lhes digam. As conversas ali não se encerram, mas recolhem. Dessa colheita, promovem novas conversas. São as diferentes versões, que não trazem verdades incontestáveis, mas dizem de certos arranjos. Feitos assim agora, podendo ser refeitos adiante de outra maneira. E assim vamos escutando.*

*Nesse campo de trabalho e pesquisa, fui recolhendo versões sobre a velhice, diferente da vivida pelas gerações anteriores, diferente da que as próximas irão experimentar. As senhoras, que cruzam os setenta, oitenta anos, chegaram ao mundo numa época em que os direitos das mulheres sofriam restrições muito mais duras das que enfrentamos agora. E foi tão bom perceber que elas estão abrindo e ocupando serviços que prezam pelos seus cuidados, elas que foram educadas a cuidar dos outros. Porque as narrativas femininas estavam muito vivas e presentes<sup>78</sup>, porque nesse grupo de orientação coletiva incluímos a discussão da escrita no feminino e das autoras na Academia, as reflexões sobre o envelhecimento das mulheres tiveram um peso importante. Me dei conta de que era preciso dizer também dos efeitos da educação que forjava um certo modo sobre o masculino, mas ali essa a outra força pulsava e pedia espaço. Deixo então uma reflexão para ser desenvolvida em trabalhos adiante, que me foi despertada durante a participação num evento do Conselho Regional de Psicologia, já nesse final de percurso da tese. Assisti a apresentação de uma pesquisa que reunia dados de um senso realizado com idosos, com perguntas que cobriam diversos aspectos. Perdoe a falta de precisão e mais informações, não troquei o contato com o pesquisador e não consegui encontrá-lo depois. Mas o que me marcou foi o indicador que sinalizava que os homens procuravam muito mais a emergência dos serviços de saúde e identificavam em si muito menos dores e desconfortos que as mulheres. O que penso sobre isso é que, se foi ensinado às mulheres a cuidar (e daí, entre tanta*

---

<sup>78</sup> Visto que a escuta aconteceu num centro de atenção onde 80% do público atendido nas oficinas terapêuticas eram mulheres, segundo um senso realizado no serviço no ano de 2016 com uma amostragem de 100 pacientes.

sobrecarga, conseguiram tecer redes e produzir conhecimento a partir das trocas), ensinaram os homens a não dizer o que sentem e a olhar pouco para si mesmos. Isso também efeitos. Nos atendimentos, lembro de um senhor que, espantado, contou estranhar um comportamento que andava apresentando: passou a chorar com as notícias difíceis que recebia ou lia no jornal. Depois de velho tinha ficado assim, sensível. Que bom, respondi, era permitido. Estamos em outros tempos.

O tempo passa e transforma. Sulcos surgem na pele, fios mudam de cor, o corpo ganha novos contornos e fragilidades. Não são processos fáceis; é preciso lidar com o aparecimento de doenças e limitações que não existiam e que passam a interferir no agir mais cotidiano. Tampouco o foi para mim acompanhar nos pacientes os agravos das dores, as perdas cognitivas, e o que antes se fazia sem nenhum esforço, como caminhar ou lembrar o nome dos filhos, virando uma grande tarefa. Os recursos que temos hoje permitiram tratar complicações diversas e mesmo sustentar a vida: intervenções cirúrgicas, novos fármacos, tecnologias surpreendentes a melhorar a qualidade dos dias e esticar os anos. Inventamos maneiras de preencher os sulcos da pele, disfarçar as marcas, tingir os fios com a cor escolhida. Mas há um processo natural à vida que inexoravelmente transforma e nos convoca. Viver e envelhecer andam tão próximos que são quase sinônimos. É o custo e a beleza de existir, é o tempo dos ciclos. E se os avanços médicos nos deram recursos para administrar os cansaços do corpo e prolongar os anos, acabaram por fragmentar a atenção à saúde a diversas especialidades, que multiplicaram exames e consultas e foram atrelando a ideia de cuidado a essas rotinas apenas. Ouço muitas queixas dos idosos de que a semana é feita disso. No Centro de Atenção à Terceira Idade, inventamos projetos a explorar espaços de arte e cinema para lembrar que os cuidados com a vida envolvem redes muitos mais amplas. Centros culturais foram visitados pela primeira vez; pela primeira vez, andou-se de metrô ou se ouviu falar nesse artista ou naquela história. E na velhice, aberturas para o inédito. Tantas descobertas nas aventuras pela cidade e no contato com os museus, obras, filmes que faziam crescer as rotinas e o mundo. O passado e o contemporâneo atravessando-se e recompondo-se: os tempos que entrelaçam.

Nas oficinas terapêuticas entendi mais uma vez que contar histórias é um ato revolucionário. Falar de nossas experiências é nos fazer existir. E delas, apenas nós podemos dizer. A vida foi inventando contornos para mostrar que cada ser é único. Como as digitais que carregamos nos dedos, que nunca serão idênticas às de outra pessoa, assim são as histórias. Nossas digitais, nossa autoria. Elas são

*composições do que pudemos fazer com tudo o que nos foi feito. Os encontros, os acontecimentos, as conversas, as relações, num compor recompor e inventar um dizer possível. Contar histórias é abrir espaço para que sejam ouvidas, para que cheguem a outras, para que nelas interfiram e também possam se transformar. O tempo da velhice é esse das histórias. Em muitas consultas me peguei pensando nisso, de que para além de realizar intervenções miraculosas a reposicionar o sujeito frente a seu sintoma, a escuta estava dedicada a acolher as narrativas e acompanhar o outro nesse processo de revisitar a si mesmo. Há uma força incrível que surge quando nos apropriamos de nossa história. E mesmo quando as histórias já não podiam ser contadas como antes, porque faltavam palavras e recordações, algo delas permanecia. No grupo dos que já sofriam com as perdas cognitivas, havia um senhor que sempre mostrava a identidade a repetir que era fuzileiro naval, lembrava da esposa que havia falecido e do sítio cheio de árvores frutíferas. E também a senhora que repetia o grito das fãs de Emilinha Borba (“Emilinha, Emilinha, é nossa favorita!”). Ou a outra e suas filhas Marias, todas começavam por aí, Maria Regina, Maria Clara, Maria de Lourdes, e as repetições trazendo com elas a diferença, como me disse uma vez Maria Antônia, que preferia ser chamada só de Antônia porque Maria já tinha muita nesse mundo. Quando contavam essas histórias, repetidamente, fazíamos novas perguntas que despertavam, dentro das possibilidades, um outro dizer. Que frutas cresciam no sítio, como continuava aquela música, qual Maria tinha ido junto à consulta hoje. A perda da memória levava às repetições, os estímulos convocavam à diferença. Narrar abria ao mundo a possibilidade de se produzir algo diferente, lição que jamais pode ser esquecida. Por isso precisamos contar histórias.*

*Há um tempo diferente na velhice, que segue aproximando a vida de seu fim. Lembro de um senhor a atravessar com grande desânimo as perdas que chegavam, das limitações do corpo à despedida de pessoas queridas. Suas lutas e divisões giravam em torno disso, de uma vontade de nada pelo cansaço com tantas subtrações junto ao desejo de aproveitar o tudo que se oferecia: a família, os amigos, a casa, as conversas. Era quase uma saudade pelo que estava aqui, porque ele ainda estava aqui, mas já sentia o cansaço da vida. O avanço dos anos também fazia acenar de longe, mas não tão longe, para a morte. São muitas as questões que esse tempo traz à velhice. O que será que acontece depois que partimos? Como será que o cotidiano se rearruma sem nós? O que fizemos da vida? Quando o fim é*

*realmente considerado num horizonte não tão longe, torna-se inevitável um encontro conosco. Não é um encontro fácil, mas pode ser bem bonito.*

*Chego ao fim dos quatro anos (e alguns meses barganhados) que completam o curso de doutorado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Porque visto um jaleco branco onde trabalho, já recebi algumas vezes o título de doutora. Um senhor me disse que achava estranho referir-se a mim apenas pelo nome, como costume pedir, e eu disse a ele que achava estranho quando era da outra maneira. Porque do lugar de onde tento dizer o conhecimento não separa ou hierarquiza, mas faz ponte e escuta, ainda que se reconheça os diferentes lugares de onde falamos nessa rede. E assim afirmo o percurso da escrita que acena para o fim no horizonte. Essa tese não acumula tantas páginas como eu ainda me cobro e há muito mais histórias que referências bibliográficas (como disse numa das cartas), mas luto contra meus próprios fantasmas acadêmicos para afirmar esse modo, o das narrativas como método científico. Volto a elas para os últimos arranjos e correções, visito de novo cada uma das histórias contadas e as outras que elas convidam à lembrança, vou colhendo algumas conclusões possíveis. E faço o encontro com cada uma de vocês, com todos e todas que compuseram essa trajetória e por fim comigo mesma. Não é um encontro fácil, mas está sendo bem bonito... Todo fim vem acompanhado por um começo. A morte desfaz o corpo, mas seguimos habitando esse mundo pelas histórias que deixamos. Por elas, seguimos existindo. E aqui encerro essa escrita, deixando histórias para que elas sigam existindo. E transformando. E para que a conversa que começamos naquele encontro siga nos seus desdobramentos e cartas, que vou gostar muito de receber, se despertar aí uma vontade de mandar. Porque nos fazemos COM.*

*Com carinho, Luciana*